

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO

FABIO GOULART

ALIENAÇÃO E REIFICAÇÃO NA INDÚSTRIA CULTURAL E INTERNET

Prof. Dr. Agemir Bavaresco
Orientador

Porto Alegre
2014

FABIO GOULART

ALIENAÇÃO E REIFICAÇÃO NA INDÚSTRIA CULTURAL E INTERNET

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Agemir Bavaresco

Porto Alegre

2014

FABIO GOULART

ALIENAÇÃO E REIFICAÇÃO NA INDÚSTRIA CULTURAL E INTERNET

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de _____ .

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. AGEMIR BAVARESCO - PUCRS

Prof. Dr. RICARDO TIMM SOUZA - PUCRS

Prof. Dr. CHRISTIAN GERHART IBER- FU Berlin (Berlim, Alemanha)

Dedico este trabalho a todos aqueles que abandonam a comodidade de suas vidas e começam a se comunicar nas redes online para depois irem as ruas protestar e construir um mundo menos injusto. Dedico especialmente a todos que foram assassinados e jamais irão ver o mundo melhor que desejavam para todos.

AGRADECIMENTOS

Por mais que esta obra tenha sido escrita do princípio ao fim somente por mim que sobrevivi aos gelados invernos do Rio Grande do Sul e do Uruguai, bem como ao calor escaldante do verão de Porto Alegre afundado em livros e mais livros, esta dissertação aqui não é só meu mérito, este trabalho é fruto de um esforço coletivo onde múltiplas inteligências participaram e ajudaram (de uma ou outra forma) a escrever cada linha deste texto. Por isso mesmo gostaria de fazer uma série de agradecimentos sinceros:

Agradeço a *deus*, independente da forma que as pessoas acreditam que ele possa ter e independente do fato de existir ou não... Agradeço a força, habilidade, conhecimento, sabedoria e destreza que sempre recebi para superar todas as dificuldades da minha vida para chegar até aqui;

Aos *meus pais*, Jorge Luiz Goulart e Angela Maria Goulart, que me deram todo amor, carinho, alimentação, orientação, disciplina e entretenimento necessários para proporcionar-me um ambiente familiar saudável e apropriado para meu desenvolvimento como pessoa;

À *minha esposa*, Josemara de Anhaia Homen, que sempre esteve comigo, nas horas boas e ruins. Principalmente porque sei que ela também estava em um momento intenso de sua vida, mesmo assim soube como me fazer feliz em cada dia tenso que vivemos nestes últimos dois anos;

À *minha filha* Maria Luiza de Anhaia Homen Goulart que nasceu basicamente junto com o início desta pesquisa e me fez ver o mundo de uma forma diferente;

Ao professor *orientador* deste trabalho Dr. Agemir Baveresco pelos dois anos de orientação durante toda esta pesquisa;

Aos professores da *banca* Dr. Christian Gerhart Iber e Dr. Ricardo Timm Souza por se disponibilizarem para avaliarem este trabalho, agradeço em especial ao Dr. Ricardo Timm que me passou importantes dicas de leituras para a fundamentação desta dissertação.

À *Capes* e ao *CNPq* pelas bolsas disponibilizadas para a realização desta pesquisa no Brasil e no Uruguai;

A todos demais *professores* da PUCRS e da UDELAR pelos ensinamentos passados;

Aos *secretários* Paulo Roberto Soares Mota e Andréa da Silva Simioni do PPG em Filosofia da PUCRS que sempre se mostraram dispostos a auxiliar-me nesta caminhada;

Por fim, gostaria de agradecer a *todos* amigos (em especial aos amigos Fábio Fleck, Evandro Pontel e Artur Lopes Filho pelos milhares de diálogos trocas de ideias que tivemos), todos demais familiares, ao meus milhares de fãs na internet, e também aos conhecidos e desconhecidos com quem um dia tive o prazer de conversar, debater e dialogar. Destas vivências certamente saíram muitas das ideias aqui contidas.

Bondade sua me explicar com tanta determinação
exatamente o que eu sinto, como penso e como sou.
Eu realmente não sabia que eu pensava assim.
E agora você quer um retrato do país,
mas queimaram o filme.
Enquanto isso, na enfermaria
todos os doentes estão cantando sucessos populares
e todos os índios foram mortos.

Renato Russo

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo geral analisar como ocorrem os processos de alienação e reificação a partir da indústria cultural e da internet, considerando e apresentando as respectivas diferenças e similitudes. Como objetivos específicos em primeiro lugar serão apresentados os conceitos filosóficos de alienação e reificação, em segundo lugar será analisado e traçado as diferenças entre meios de comunicação de massa, indústria cultural e internet. Em terceiro lugar será apresentado o conceito kantiano de esclarecimento como antônimo da alienação e reificação aqui estudadas, depois esta investigação progride para estratégias específicas de alienação como o gatekeeping e as restrições à democratização dos meios de comunicação de massa. Por fim, será feita a reflexão acerca de três escopos que nos trazem maneiras distintas para avaliarmos se a indústria cultural e a internet estão esclarecendo ou alienando as massas. Evidentemente esta é uma dissertação temática que passa por diversos autores e textos, principalmente referente à internet diversos autores de extrema contemporaneidade são citados, porém como núcleo fundamental temos os seguintes livros: *Dialética do Esclarecimento* de Theodor Adorno e Max Horkheimer publicado em 1947, *O que é indústria cultural* de Teixeira Coelho publicado em 1980 e *Teoria Crítica da Indústria Cultural* de Rodrigo Duarte publicado em 2003.

PALAVRAS-CHAVES: Alienação. Reificação. Esclarecimento. Indústria Cultural. Internet.

ABSTRACT

This dissertation has the general objective analyze how the process of alienation and reification happens from the cultural industry and internet, considering and presenting the respective differences and similarities. As specific objectives firstly will be presents the philosophical concepts of alienation and reification, secondly will be analyzed and traced the differences between the mass communication, cultural industry and internet. Thirdly will be presented the Kantian concept of enlightenment as antonym of alienation and reification studied here, after that, this investigation progresses to specific alienation strategies and democratization of the mass communication. Finally, will be realized the reflection regarding three scopes that bring us different ways to evaluate whether cultural industry and internet are clarifying or alienating the masses. Evidently this is a thematic dissertation that passes by several authors and texts, mainly on the internet are cited several extreme contemporary authors, but as a fundamental core have the following books: *Dialectic of Enlightenment* by Theodor Adorno and Max Horkheimer published in 1947, *What is cultural industry* by Teixeira Coelho published in 1980 and *Critical Theory Cultural Industry* by Rodrigo Duarte published in 2003.

KEYWORDS: Alienation. Reification. Enlightenment. Cultural Industry. Internet.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1. SOBRE OS CONCEITOS DE ALIENAÇÃO E REIFICAÇÃO	15
1.1 MARX E O HOMEM ALIENADO	15
1.2 MARCUSE E A ESSÊNCIA HUMANA AIENADA	21
1.3 LUKÁCS E O HOMEM REIFICADO	24
1.4 ADORNO E O HOMEM QUE ALIENA	29
1.4.1 QUANDO A ALIENAÇÃO E REIFICAÇÃO ECLODEM EM VIOLÊNCIA	35
2. O HOMEM E A COMUNICAÇÃO	43
2.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA	46
2.2 INDÚSTRIA CULTURAL	49
2.2.1 PRESSUPOSTOS DA CRÍTICA À INDÚSTRIA CULTURAL	52
2.2.2 A CRÍTICA À INDÚSTRIA CULTURAL	58
2.2.3 OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA, OBSOLESCÊNCIA PERCEPTIVA E INDÚSTRIA CULTURAL	68
2.2.4 A ATUALIDADE DA INDÚSTRIA CULTURAL (INDÚSTRIA CULTURAL GLOBAL)	72
2.3 INTERNET	78
2.3.1 OS MOVIMENTOS SOCIAIS QUE TRANSBORDARAM A INTERNET	85
3. ALIENAÇÃO OU ESCLARECIMENTO	91
3.1 O QUE É ESCLARECIMENTO	91
3.1.1 LIBERDADE E ESCLARECIMENTO	94
3.1.2 UM LONGO E BEM PLANEJADO EMPREENDIMENTO	97
3.1.3 A PRETENSÃO DO ESCLARECIMENTO	99
3.2 GATEKEEPING	103
3.3 DEMOCRATIZAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA	108
3.4 APOCALÍPTICOS OU INTEGRADOS	113
3.5 TRÊS ESCOPOS ACERCA DA ALIENAÇÃO NA INDÚSTRIA CULTURAL	118
3.5.1 O CONTEÚDO COMO DETERMINANTE	118
3.5.2 O MEIO TRANSMISSOR COMO DETERMINANTE	120
3.5.3 O PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO COMO DETERMINANTE	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A palavra *alienação* é sem dúvidas uma das “palavras da moda”, não há conversa de bar que ela não dê suas caras, nas redes sociais ela se repete milhões de vezes ao dia e é normal jovens que se julgam mais esclarecidos do que outros acusarem seus opositores intelectuais de “alienados”. Existe até uma espécie de conceito de senso comum que diz que “alienado é quem vive de forma desconexa com a realidade”. Partindo daí, geralmente as pessoas apontam para a indústria cultural como a principal responsável pela alienação das massas, afinal viria de seus filmes, livros, games, novelas, seriados, músicas, jornais, etc., a principal fonte de alienação. O problema é que o conceito de alienação possui ampla história e embasamento filosófico que a grande maioria das pessoas desconhece e por isso mesmo acaba não compreendendo como este processo realmente ocorre.

Como veremos, o conceito filosófico de alienação nos aponta para nossas práticas de trabalho, onde nós humanos deixamos de produzir para nosso consumo próprio ou tribal e passamos a produzir de forma alienada, para que sempre existam excedentes que poderão ser trocados por outros produtos. Com o passar dos anos e com a consolidação do capitalismo, a produção foi ficando cada vez maior. A mercadoria, fruto do trabalho, foi ficando cada vez mais estranha e distante do trabalhador. Isto tudo levou ao fenômeno da *reificação* onde o trabalho (e conseqüentemente o trabalhador) também se tornou uma mercadoria e, contraditoriamente, uma mercadoria barata que no fim das contas costuma dar lucros sempre maiores não a quem trabalha, mas sim a quem detêm os meios de produção e compra o trabalho dos outros homens.

Então somos alienados e reificados por nossas relações de trabalho e produção que já estão extremamente naturalizadas, qual então exatamente o papel da indústria cultural na alienação e na reificação das massas? Se muitas vezes aqueles que abandonaram os meios de comunicação tradicionais para utilizarem majoritariamente a internet arrogam ser “menos alienados”, quais exatamente são as diferenças entre a internet e a indústria cultural? Ou antes disto: O que é indústria cultural? O que é internet? Em que e de que forma a filosofia pode nos ajudar se desejamos compreender tudo isto que está diante de nós? Essas são só algumas perguntas que justificam a elaboração desta dissertação, mas as diversas revoluções e protestos que se multiplicam pelo mundo dão ainda mais relevância para o tema que aqui será dissertado.

Ainda na década de 1930 diversos filósofos principalmente ligados ao marxismo

observaram e dissertaram sobre o rebaixamento da cultura e das obras de arte ao nível de mercadores de consumo. O tema ganhou grande destaque com a obra intitulada *Dialética do Esclarecimento* escrita por Theodor Adorno e Max Horkheimer publicada em 1947, em que os dois pensadores apresentavam o conceito de *indústria cultural* e expuseram não só que as novas formas de produção e distribuição das artes eram industriais e reificadas, mas também as mais diversas amarrações entre esta indústria e a manutenção de nosso degradante *status quo* em que a grande maioria é explorada por uma minoria sádica que volta e meia nos coloca em guerras absurdas e violentas.

Com a globalização e a formação de gigantescos oligopólios de produção e distribuição cultural nos anos 1980 e 1990 esta indústria do entretenimento se tornava cada vez mais poderosa e sem barreiras. Nem mais as divisas nacionais eram empecilho para quem tinha uma cobertura mundial via satélite. Sua lógica básica era de dominar a informação para transmiti-la de acordo com os interesses seus e de seus anunciantes, visando desta forma garantir lucros e influência cada vez maiores sobre as populações que estavam sendo cada vez mais homogeneizadas, se tornando cada vez menos detentoras de suas culturas individuais e cada vez mais replicadora da cultura de massa oriunda da indústria do entretenimento.

Mas no início dos anos 2000 com a rápida evolução dos computadores pessoais e da rede mundial de computadores surgiu um novo tipo de ambiente que permitia que qualquer indivíduo se tornasse um comunicador de massa a partir dos fóruns virtuais, da blogosfera, das wikis, dos sites de compartilhamento e das redes sociais. A indústria cultural em mais de cem anos de atuação nunca fez questão de desenvolver qualquer tipo de tecnologia que permitisse ao seu público responder-lhe de forma maciça e direta suas imposições, a internet em menos de dez anos de sua popularização já havia feito isto. Hoje a rede mundial de computadores está ainda mais completa, complexa e colaborativa e, antes de mais nada, o fato de que os sites mais acessados há muito deixaram de ser os provedores de conteúdo como o Aol e o Terra, para se tornarem as redes sociais ou de compartilhamento como o YouTube e Facebook. Isso significa não só uma maior liberdade para todos postarem suas opiniões, informações e conteúdo em geral, significa que as grandes corporações tem cada vez menos poder e influência sobre as massas. Por este prisma justifica-se a escolha por este tema extremamente contemporâneo, precisamos voltarmos e refletirmos acerca dos conceitos de esclarecimento, alienação, reificação e indústria cultural para desde já entendermos este novo fenômeno comunicacional chamado internet para que este mesmo nos ajude a criarmos um mundo melhor e mais

justo, evitando assim que esta nova e extraordinária tecnologia se torne apenas mais um elemento replicador do *status quo*.

Esta dissertação tem como objetivo geral analisar como ocorrem os processos de alienação e reificação a partir da indústria cultural e da internet, considerando e apresentando suas respectivas diferenças e similitudes. Como objetivos específicos em primeiro lugar apresentamos os conceitos filosóficos de *alienação* e *reificação*, em segundo analisamos e traçamos as diferenças entre meios de *comunicação de massa*, *indústria cultural* e *internet*. Em terceiro lugar apresentamos o conceito kantiano de *esclarecimento* como antônimo da alienação e reificação aqui estudadas, depois investigamos algumas estratégias específicas de alienação como o *gatekeeping* e as *restrições à democratização dos meios de comunicação de massa*. Por fim, realizamos uma reflexão acerca de *três escopos* que nos trazem maneiras distintas para avaliarmos se a indústria cultural e a internet estão esclarecendo ou alienando as massas.

Este trabalho está dividido em três capítulos que lidam com assuntos distintos, mas que além de manterem sempre a interconexão necessária, juntos formam um só universo de sentido que pretende atingir de maneira satisfatória os objetivos iniciais aqui propostos.

No primeiro capítulo rebuscamos autores clássicos de tradição crítica para analisarmos os *conceitos de alienação e reificação*. No item 1.1 colocamos o foco no significado de alienação para o jovem Karl Marx, no item 1.2 apresentamos a análise feita por Herbert Marcuse acerca das respectivas constatações de Marx. No item 1.3 apresentamos o conceito de reificação de George Lukács visando demonstrar como este processo ultrapassa as barreiras econômicas e passa a ditar as regras em *todas* demais *atividades produtivas* humanas. O item 1.4 está dividido em dois pontos, no primeiro mostramos que para Theodor Adorno *mito, dominação e trabalho* estão entrelaçados desde muito antes do capitalismo moderno, já no segundo ponto demonstramos a partir de que momento toda esta lógica de alienação e reificação se transforma em uma lógica de *opressão e violência*.

O segundo capítulo lida especificamente com a questão da *comunicação*, fato este que nos permite deixar clara a diferença entre meios de comunicação de massa, indústria cultural e internet. Logo na introdução deste capítulo apresentamos de forma resumida o *modelo comunicacional de Shannon–Weaver* para conhecermos os agentes e suas funções durante todo processo de comunicação humana. O item 2.1 define o conceito de meio de comunicação de massa que usaremos em toda esta obra. O item 2.2 apresenta o conceito

de indústria cultural e investiga como esta teria surgido e se consolidado. No 2.2.1 veremos quais os *pressupostos teóricos* foram utilizados por Theodor Adorno para elaborar o conceito e a crítica à indústria cultural passando por estudos do próprio Adorno realizados na década de 1930, bem como estudos de Walter Benjamin e Herbert Marcuse realizados nesta mesma época. Em 2.2.2 com a ajuda do texto do comentador Rodrigo Duarte reconstruímos e analisamos a *crítica* feita por Theodor Adorno e Max Horkheimer à indústria cultural. Em 2.2.3 analisamos o entrelaçamento entre indústria cultural, *publicidade* e *consumo* passando não só pela Dialética do Esclarecimento mas considerando também os conceitos de obsolescência programada e obsolescência perceptiva da "expert" em matéria de comércio internacional Annie Leonard. Em 2.2.4 analisamos a "atualidade" da crítica à indústria cultural a partir do texto de Rodrigo Duarte passando por Scott Lash e Ulrich Beck visando entendermos o processo de *globalização* que tornou a indústria cultural um tipo de indústria global e ainda mais poderosa. Em 2.3 analisamos os diferentes níveis da rede mundial de computadores para Mike Bergman e depois apresentamos o conceito de *Web 2.0* em Tim O'Reilly que já evidencia algumas práticas diferenciadas em relação a lógica da indústria cultural. Terminamos o capítulo no item 2.3.1 refletindo sobre como a internet já está influenciando as pessoas em uma série de *protestos* iniciados na década atual, para isso passamos rapidamente por diversos autores contemporâneos como David Harvey, Tariq Ali, Slavoj Zizek, etc.

Embora muitos pontos já tenham sido revelados no segundo capítulo, é no terceiro e último capítulo que *adentramos propriamente à questão* da alienação e da reificação na indústria cultural e internet. Começamos em 3.1 apresentando o conceito e a proposta de *esclarecimento* de Immanuel Kant como um oposto aos conceitos de alienação e reificação que abordamos em toda esta obra. Depois em 3.1.3 voltamos ao texto de Adorno e Horkheimer em que vemos como este projeto iluminista teria sido *falsificado* e se tornado um grande potencializador do estado de dominação e barbárie que vivemos. Em 3.2 damos atenção especial ao processo de *gatekeeping* realizado pela indústria cultural e analisamos como a internet pula esta etapa da produção e distribuição de informações e produtos culturais. No subitem 3.3 mostramos porque é necessária a democratização dos meios de comunicação de massa e no 3.4 analisamos qual seria a posição de Adorno e Horkheimer frente ao enunciado de Humberto Eco que afirma que sobre os produtos da indústria cultural podemos ser *apocalípticos* ou *integrados*. Por fim, em 3.5 reconstruímos os três escopos que Teixeira Coelho apresenta como necessários

para julgarmos se um meio de comunicação e seus respectivos produtos são esclarecedores ou alienantes para a humanidade.

Nos deve ficar claro que esta é uma dissertação que se propõe a ser uma introdução ao referido tema, não visando dar respostas definitivas e incontestáveis para assuntos tão novos e movediços quanto os aqui abordados. A maior parte do texto trata-se de resumo, apresentação e análise de textos consagrados de outros autores, mesmo assim a originalidade do autor desta dissertação é mantida e apresentada principalmente no terceiro e último capítulo, por isso mesmo este é o capítulo mais original deste trabalho, mesmo assim isto não faz dele um capítulo menos fundamentado: trata-se na verdade de uma parte do texto menos baseada em teorias e mais fundamentada na experiência imediata e vivencial do autor. Os trechos onde a opinião particular do autor é expressa são de fácil localização, pois estão escritos em primeira pessoa.

1. SOBRE OS CONCEITOS DE ALIENAÇÃO E REIFICAÇÃO

Normalmente quando se fala na alienação promovida pela indústria cultural as pessoas inferem o conceito de senso comum de alienação que diz que alienado é aquele que vive em “um outro mundo” de forma desconexa com a realidade factual. Assim sendo, a mídia ao entreter e informar aquilo que lhe interessa estaria também alienando os sujeitos que ficariam cada vez mais distantes e estranhos à sua realidade factual. Porém, o problema é muito mais complexo do que isso. O conceito de alienação é muito mais antigo, profundo, e possui ampla fundamentação filosófica. Em busca de tal fundamentação é que seguiremos este capítulo, no qual analisaremos os conceitos de *alienação* e *reificação* na ordem *semântica* e *político-prática* a partir das visões dos filósofos clássicos e consagrados *Karl Marx*, *Herbert Marcuse*, *Georg Lukács* e *Theodor Adorno*.

1.1 MARX E O HOMEM ALIENADO

Karl Marx um foi dos primeiros da história da filosofia a escrever acerca da alienação e reificação do homem moderno. Embora seja famoso pelo livro *O Capital (Das Kapital)* e outros tantos textos, já em 1844 ele escrevera sobre a alienação em sua obra *Manuscritos econômico-filosóficos*¹, época em que o filósofo alemão tinha apenas vinte e seis anos de idade, exatamente minha idade atual e assim como eu buscava em outras áreas ampliar sua visão filosófica. Marx com sua filosofia não queria apenas interpretar o mundo que vivemos, mas também queria transformá-lo, por isso mesmo é sem dúvida a referência inicial perfeita para a construção deste trabalho.

Em tal manuscrito Marx faz uma análise contundente e crítica a economia nacional a partir das leituras de economistas como *David Ricardo* e *Adam Smith*. Deixando clara a existência radical de um abismo criado entre a ética e a economia burguesa, abismo este no qual proliferava-se a alienação e reificação do homem. Se em épocas anteriores românticos e racionalistas viam no trabalho valor e edificação para o ser humano, Marx abandona qualquer ideia de relação espiritual nesta prática e denuncia o fato de se tratar de apenas de uma atividade objetiva e material onde uns oprimem e lucram em cima do trabalho de outros, estes outros se submetem a tal opressão, pois sem

¹ Obra também conhecida como *Manuscritos de Paris*.

o trabalho não lhes é dada chance de sobreviver na sociedade capitalista.

Para o sociólogo *Jesus Ranier*, grande conhecedor de Marx, escritor da obra *A Câmara escura: alienação e estranhamento em Marx* e tradutor dos manuscritos em questão:

O conteúdo da reflexão de Marx tem lá sua dívida com a concepção filosófico-especulativa de atividade, porque extrai de Hegel um princípio crucial para a consecução do entendimento dos elementos dessa composição acima assinalada. Este princípio é o da distinção (e similitude) entre alienação (*Entäusserung*) e estranhamento (*Entfremdung*). (...) é bastante claro que a aceitação do jogo de contradições não aparece somente como mero recurso metodológico, mas principalmente como percepção de que o núcleo da própria realidade se movimenta em termos de forte oposição e alteridade. E é por esse prisma (o princípio de contradição) que se estruturam em Marx, graças a descoberta da contradição interna da propriedade privada, todos os desdobramentos do estranhamento do trabalho.²

Por isso, em primeiro lugar Ranier alerta para distinção que podemos fazer ao traduzir *Entäusserung* por *alienação* e *Entfremdung* por *estranhamento* na obra de Karl Marx, afinal seriam termos distintos no sistema do filósofo alemão. Normalmente tal distinção não é feita e se entende por alienação um estado de negatividade que se contrapõe a qualquer positividade emancipadora, estado este que englobaria os conceitos de *Entäusserung* e *Entfremdung*. Longe de vivemos em uma sociedade esclarecida de indivíduos emancipados, no capitalismo estaríamos vivendo sob um estado amplo de alienação no qual uns poucos se apropriam do excedente de trabalho de uma minoria que é oprimida, desta opressão surgiria o espaço para a desigualdade e a miséria conviverem lado a lado com o progresso técnico e industrial. Tal miséria também se espalha pela cultura, trabalho, condições de vida e demais esferas materiais e espirituais do ser humano. Por isso o conceito “*Alienação*” da língua portuguesa já englobaria os conceitos de *Entäusserung* e *Entfremdung* da língua alemã. Porém, para o sociólogo Jesus Ranier em Marx este englobamento não seria tão evidente. Por mais que em alguns momentos possamos utilizar “*Alienação*” para nos referirmos aos dois termos, em alemão eles definitivamente não seriam sinônimos. O sociólogo define os conceitos alemães da seguinte maneira:

Entäusserung significa remeter para fora, extrusar, passar de um estado a outro qualitativamente distinto. Significa, igualmente, despojamento, realização de uma ação de transferência, carregando consigo, portanto, o sentido da *exteriorização*, momento de objetivação humana no trabalho, por meio de um produto resultante de sua criação. *Entfremdung*, ao contrário, é objeção socioeconômica à realização humana, na medida em que veio, historicamente, determinar o conteúdo do conjunto das exteriorizações – ou seja, o próprio conjunto de nossa socialidade – através da apropriação do trabalho, assim

² in MARX, 2004, p.13.

como da determinação dessa apropriação pelo advento da propriedade privada. Ao que tudo indica, a unidade *Entäusserung-Entfremdung* diz respeito à determinação do poder do estranhamento sobre o conjunto das alienações humanas, o que, em Marx, é possível perceber pela relação de concentricidade entre as duas categorias: invariavelmente as exteriorizações aparecem no interior do estranhamento, ainda que sejam inelimináveis da existência social fundada no trabalho humano.³

Vejamos agora como tais conceitos se comportam nos manuscritos de Karl Marx. Após uma primeira análise da situação da economia nacional a partir da leitura dos economistas supracitados o jovem filósofo fica à vontade para no final do primeiro caderno iniciar seu diagnóstico de estranhamento e alienação do homem na sociedade capitalista na seção denominada *Trabalho Estranhado e Propriedade Privada*⁴.

Na análise marxiana os estudos em economia deixam evidente que o trabalhador e seu trabalho estão rebaixados à miserável posição de mercadoria barata e substituível, e que quanto mais este é capaz de produzir, mais miserável se torna sua condição, pois quanto maior a capacidade de produção mais barato fica o trabalho. Isto evidentemente leva ao enriquecimento de necessariamente poucos, fato este que além de contraditório é tremendamente injusto. Isto afirma-se pois a economia em momento algum apresentaria esclarecimentos acerca do origem e motivo desta divisão contraditória do trabalho e do capital, ou seja, tal injustiça seria oriunda do interesse do capitalista e do funcionamento interno do capitalismo, seria uma espécie de *mito moderno*. Tal funcionamento injusto da economia culminaria nas mais variadas formas de violência social, Marx chega a dizer: “*As únicas rodas que o economista nacional põe em movimento são a ganância e a guerra entre os gananciosos, a concorrência.*”⁵

Depois disso, ele passa a investigar a lógica interna do processo de produção na sociedade capitalista,⁶ que com a valorização das coisas (*Sachenwelt*) desvaloriza-se na mesma medida nossa humanidade⁷ (*Menschenwelt*). Karl Marx afirma que ao produzir mercadorias o trabalho produz a si mesmo e ao trabalhador. O trabalho só se concretiza quando se objetiva na forma da coisa produzida, ou seja, o trabalho se efetiva com a desefetivação (*Entwirklichung*) do trabalhador que subvalorizado se transforma em servo do objeto produzido, se torna estranho ao fruto de seu trabalho, se torna *alienado*. Esta servidão se confirma, pois em primeiro lugar o trabalhador necessita vitalmente de seu

³ in MARX, 2004, p.16.

⁴ Eu algumas traduções esta seção é chamada apenas de *Trabalho Alienado*.

⁵ MARX, 2004, p.79.

⁶ MARX, 2004, p.80-81.

⁷ *Mundo dos Homens*.

trabalho e, em segundo lugar, pois quanto mais trabalha e mais produz, mesmo que mais ganhe, mais fica escravizado ao capital, que é o produto final de todo trabalho na sociedade capitalista. Como consequência desta alienação o mundo externo bem como o mundo interior do homem torna-se estranho e hostil. Numa perversão completa da natureza das coisas passamos a sentir que realmente não pertencemos a nós mesmos, que pertencemos ao trabalho e que este além de estranho é uma potência autônoma (*Macht*), que independe de nós, ou ainda, que nós dependemos dele. Podemos deduzir isso a partir do item 1 desta breve síntese exposta por Marx:

Examinamos o ato do estranhamento da atividade humana prática, o trabalho, sob dois aspectos. 1) A relação do trabalhador com o produto do trabalho como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se defronta hostilmente. 2) A relação do trabalho com a atividade no interior do trabalho. Esta relação é a relação do trabalhador com sua própria atividade como uma atividade estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física própria do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O estranhamento-de-si (*Selbstentfremdung*), tal qual acima o estranhamento da coisa.⁸

Vamos agora expandir o ponto 2 da síntese acima citada. Marx diz que o trabalho do trabalhador deveria se produzir através da natureza, ou seja, que da natureza deveriam vir os meios de vida do trabalhador. Porém isso não acontece, pois alienado o sujeito se distancia da natureza e é o trabalho enquanto *Macht* que passa a dispor os meios de vida do homem. O sujeito passa a existir somente enquanto “trabalhador”, existir enquanto “ser que trabalha” se torna prioridade em relação a ser um “ser social”, ou mesmo “sujeito físico”.⁹

Para o filósofo a análise da relação entre “trabalhador-objeto do trabalho” nos mostra de maneira decisiva se uma determinada atividade de trabalho é ou não estranhada. No capitalismo o estranhamento estaria entranhado na essência de todas atividades de trabalho. Neste sistema a relação imediata entre “trabalhador-objeto do trabalho” seria desconsiderada. De um modo geral o grande capitalista, que é aquele que desfruta os luxos que tal sistema proporciona, não relaciona sua riqueza ao trabalho de seus trabalhadores, normalmente ele faz justamente o oposto, associa o trabalho de seus trabalhadores à sua riqueza. Desta forma o trabalhador não ganha necessariamente com o aumento do ganho do capitalista, ganha somente se houver *caridade* do opressor, por

⁸ MARX, 2004, p.83.

⁹ MARX, 2004, p.81.

outro lado se houver perdas: o trabalhador necessariamente perde através da degradação das condições de trabalho, do aumento da carga horária, da cobrança descomunal de metas de produção, ou mesmo da perda efetiva do trabalho. Isto ocorre, pois, o capitalismo carregaria em sua essência *o mito de que quem detêm os meios de produção, detêm consequentemente o capital produzido*, Marx crítica tal mito, pois não existiria justificativa plausível para isso. Para o filósofo alemão este mito deve ser derrubado e uma distribuição mais igualitária do capital¹⁰ se faz urgentemente necessária. Só assim poderíamos superar todo estranhamento do trabalho, poderíamos superar a relação *opressores-oprimidos*¹¹ para vivermos em um mundo de *homens livres*, livres do trabalho estranhado.¹²

Mas o produto do trabalho seria apenas o *resumo da atividade de trabalho* (*Resumé*), seria o momento da exteriorização, o momento da alienação. O estranhamento se daria desde o princípio do ato da produção e seguiria durante toda atividade produtiva. A atividade do trabalho do trabalhador no capitalismo já é por si mesma exterior (*Äusserlich*) a ele. Assim sendo, ao trabalhar o ser nega-se enquanto sujeito e afirma-se somente enquanto objeto que trabalha, neste processo a energia que o mesmo desprende nesta atividade é uma energia não para a vida, mas para a morte. A atividade do trabalho costuma trazer sempre infelicidade, o sujeito só se sente feliz quando se afasta de sua atividade de trabalho. Por isso evidentemente a grande maioria só trabalha por obrigação, não trabalha para suprir alguma *carência social*, ou seja, trabalha sempre devido a razões externas ao trabalho, geralmente: para sobreviver. Por isso mesmo o trabalho no capitalismo é estranho e alienado também em relação a sociedade.¹³

Tal espécie de trabalho age de tal maneira no sujeito que aos poucos o mesmo perde a sensação de sair de casa para ir trabalhar e passa a sentir que sai do trabalho para ir para casa, o local de trabalho torna-se seu *habitat*, o ser tona-se estranho ao seu *jaz* antigo lar. Na verdade toda sua vida além da vida na atividade de trabalho torna-se estranha. Muitas vezes para suportar tanta energia mortífera que emana o sujeito passa se identificar com sua atividade de trabalho, degrada-se em “*o professor, o vendedor, o mecânico, etc.*”. Tal identificação é tão poderosa que faz muitos se afastarem de amigos, parentes, projetos pessoais e até mesmo da própria aposentadoria em nome da atividade

¹⁰ Ou algo ainda mais radical como *a superação do capital*.

¹¹ Uso aqui uma relação comum nas obras de Paulo Freire.

¹² MARX, 2004, p.81-83.

¹³ MARX, 2004, p.82-83.

de trabalho, evidentemente este processo é autodestrutivo para o sujeito, porém está alinhado à lógica de trabalho capitalista – na qual o sujeito enquanto humano morre muito tempo antes do sujeito enquanto trabalhador.

Uma consequência imediata disso, de o homem estar estranhado do produto do trabalho, de sua atividade vital e de seu ser genérico é *o estranhamento do homem pelo próprio homem*. Quando o homem está frente a si mesmo, defronta-se com ele o *outro* homem. O que é produto da relação do homem com seu trabalho, produto de seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, como o trabalhador e o objeto do trabalho de outro homem.¹⁴

A partir do trecho acima citado Marx denuncia que alienado o homem torna-se estranho de seu próprio gênero, estranho à humanidade. Estranho em relação a si mesmo, em relação aos outros, em relação ao trabalho, em relação à vida, em relação a tudo. Torna-se estranho à essência que lhe faz humano além de animal. O trabalho estranhado estripa a humanidade do ser, serve como autojustificação da contradição e da violência presente no sistema no qual o trabalho não pertence ao ser que trabalha, pertence a um outro ser, no caso: o patrão, o burguês, ou simplesmente: *o opressor*. A miséria de muitos se torna a riqueza de poucos. Miséria que transpassa a cultura e explode nas relações sociais interindividuais, onde *o homem se torna inimigo do próprio homem*.¹⁵ Para o filósofo Ricardo Timm Souza o aspecto central da análise de Marx acerca do trabalho alienado é o seguinte:

O que está em jogo não são leis da natureza ou fatalidades do destino, mas lógicas de exploração e legitimação dessa exploração dos seres humanos uns pelos outros. O que, em um primeiro momento, aparece como uma estrutura de complexidade infinita, sem a possibilidade de percepção de uma lógica interna suficiente, acaba por se evidenciar como um processo com uma estrutura lógica extremamente clara, dos quais os vários aspectos analisados acabam por configurar um todo de sentido: o ser humano que, usando os seus poderes racionais, em vez de utilizá-los para constituir uma sociedade propriamente humana, que contraste claramente com o mundo natural e objetivo pela manutenção da dignidade humana propriamente dita, transforma, pelos processos de alienação, essa dignidade em mero objeto. Em lugar de crescer em qualidade propriamente humana, o ser humano degrada-se em coisa.¹⁶

Assim sendo o jovem Marx dos Manuscritos demonstra como o trabalho estranhado promove a alienação do homem e do mundo, bem como o capitalismo autojustifica sua lógica de opressão e violência entre os homens. No final do caderno Karl Marx evidencia que a propriedade privada é o produto e resultado do trabalho

¹⁴ MARX, 2004, p.85-86.

¹⁵ MARX, 2004, p.86-87.

¹⁶ SOUZA, Ricardo Timm de. Disponível em <<http://goo.gl/C4xERF>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2012.

exteriorizado, ou seja, não é a causa, mas sim o efeito do mesmo.¹⁷ Com isso ele traça os indícios iniciais de sua crítica à propriedade privada e de sua filosofia revolucionária que ainda influencia diversas áreas do conhecimento humano.

Ao que nos toca referente a esta dissertação temos claro até aqui que para Marx é no trabalho que ocorre a alienação e alienado o ser reifica a si mesmo e aos outros seres, porém ainda não temos clara a relação entre alienação, reificação, indústria cultural e internet.

1.2 MARCUSE E A ESSÊNCIA HUMANA ALIENADA

O filósofo alemão naturalizado norte-americano Herbert Marcuse foi um dos primeiros a analisar filosoficamente os manuscritos de do jovem Marx e fez isso com grande entusiasmo, pois em sua juventude ele escreveu uma série de ensaios que exploravam a possibilidade de sintetizar o marxismo e a ontologia fundamental de Heidegger, em especial na obra *Ser e Tempo (Sein und Zeit)*. O jovem Marcuse traçou este projeto pois buscava uma filosofia concreta, onde a compreensão da essência e existência humana contemporânea fossem a base do pensamento para a ação prática.¹⁸ Mas com filiação de Heidegger ao partido nazista (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei - NSDAP*) em 1933, Marcuse rompeu com os últimos laços com a filosofia do *Dasein*, ele não enxergou tal filiação de seu mestre como um simples “equivoco”. Nos *Manuscritos de Paris* Herbert Marcuse viu a possibilidade de fundamentar a filosofia política revolucionária marxista sem a necessidade de recorrer à filosofia de Heidegger, algo crucial para a reconfiguração de sentido de sua própria filosofia após a escolha de seu mestre. Devemos lembrar também que embora todo flerte em sua juventude e o fato de ter se tornado assistente da cátedra de Heidegger, ele sempre teceu críticas à falta de atenção às consequências práticas da filosofia do *Dasein*.

Em seu livro intitulado *Ideias Para Uma Teoria Crítica da Sociedade (Towards a Critical Theory of Society)*, mais precisamente no capítulo *Novas Fontes Para a Fundamentação do Materialismo Histórico*, Herbert Marcuse recorre ao jovem Marx na busca por sua fundamentação da teoria da revolução e antes de mais nada inicia o debate acerca do conceito de alienação e sua correspondência na vida prática.

A partir da análise de Marcuse a alienação estaria coligada a outras categorias

¹⁷ MARX, 2004, p.88-90.

¹⁸ cf. MARCUSE, 2005, p. 49.

fundamentais nos textos do jovem Marx, a saber: propriedade, trabalho, superação e objetivação. Para Herbert Marcuse precisamos em princípio distinguirmos entre o conceito de *trabalho estranhado na economia capitalista* e o conceito de *trabalho na proposta de economia socialista*, este segundo em reposta ao primeiro e mais próximo a essência humana e ao *trabalho livre e natural*.

Como exposto por Marx o trabalho no capitalismo suga a energia vital e desvaloriza o humano do ser, levando em última instância a colocar o homem contra o homem e gerando uma lógica de violência e opressão perpétua e autorreplicante. Por outro lado a economia política socialista seria capaz de superar tal perpétua autorreplicação e formar um mundo mais justo e humano.

Marx revelou a alienação e o estranhamento do trabalho da economia capitalista, fato este que seria a base para a necessária execução de uma revolução comunista para humanizar novamente a economia.¹⁹ Marcuse ressalta que o jovem Marx não via no trabalho estranhado, e em todas suas consequências violentas, apenas uma “consequência da economia capitalista”, via uma total alienação, desvalorização e distorção da vida humana e de seus relacionamentos. Assim sendo o conceito marxiano de trabalho não estaria ligado apenas à economia, mas sim à essência humana, essência que necessita ser resgatada através da superação da coisificação e do resgate da humanização perdida durante o processo de valorização das coisas e da propriedade privada, propriedade essa que também necessita ser superada.

Marcuse via que desde antes da industrialização o trabalho humano já havia aberto a possibilidade da alienação a partir do instante que o homem deixou de produzir somente para suprir as demandas de sua comunidade e passou a produzir grandes quantidades para comercializar com outros grupos. Com isso o trabalho começou a ficar estranho, o trabalhador começou a ficar cada vez mais distante do produto de seu trabalho, evidentemente se do trabalhador for privada a administração de seu processo de trabalho, ele também perde o domínio sobre seu produto e fica estranhado frete a ele. Desta forma, como dito pelo filósofo:

O trabalho, em vez de uma manifestação do todo do homem, se transforma em ‘exteriorização’, em vez de plena e livre realização do homem se transforma em total ‘desrealização’: ele apresenta de tal forma como desrealização que o trabalhador é desrealizado até o estado de inanição.²⁰

Com isso foi possível a fantástica *divisão do trabalho* que foi essencial para a

¹⁹ MARCUSE, 1981, p.14.

²⁰ MARCUSE, 1981, p.17.

civilização e ao progresso técnico, porém abriu-se as portas para a apropriação da força de trabalho de uns sobre os outros e da redução do humano ao nível de coisa que trabalha, abriu-se a porta para a alienação do homem em seu trabalho. Antes de qualquer outra coisa tal nova forma de trabalho, muito diferente do trabalho livre e natural, apodrece as relações humanas, pois priva o homem daquilo que lhe é próprio, a sua liberdade:

O trabalho (livre e natural) pressupõe o poder relacionar-se com o ‘universal’ dos objetos e com as possibilidades neles imanentes. E no poder relacionar-se com o próprio gênero se baseia a liberdade especificamente humana: a autorrealização, ‘autoprodução’ do homem. Por meio do conceito de trabalho livre (do livre produzir), a relação do homem como ser genérico com seus objetos se torna mais clara.²¹

O trabalho livre e natural, no qual para Herbert Marcuse deveria residir a base da luta dos revolucionários frente à alienação, é a *realização da essência humana*. Por outro lado, o trabalho estranhado do capitalismo é a *desrealização* desta essência. Tal essência não seria um *substratum* abstrato a-histórico, mas sim uma essência que se determina na e somente na história, haveria uma relação necessária entre *essência e existência*.²² Durante o processo de divisão do trabalho teria havido também a separação entre essência e existência, desta forma a crise social do capitalismo não é somente uma crise econômica e política como também é uma *catástrofe da essência humana*, por isso mesmo Marcuse condena toda e qualquer reforma econômica ou política na ordem vigente e exige a revolução total em que:

Somente a partir de uma fundamentação correta, cuja solidez não possa ser abalada por meio de argumentos econômicos ou políticos, é que surge a questão das condições históricas e dos portadores da revolução: a teoria da luta de classes e da ditadura do proletariado. Toda crítica que se ocupa dessa teoria sem discutir seu fundamento próprio não atinge seu objeto.²³

O que é importante para a questão da alienação e reificação na indústria cultural e internet é o fato de que para Marcuse a alienação eclode no trabalho, porém é anterior, ocorre na essência humana quando apodrecida e afeta toda sua existência. No trabalho estranho do capitalismo o sujeito se aliena e sua maneira alienada de ver a si mesmo como coisa se reflete nas relações interpessoais que se tornam cada vez menos “pessoais” e mais “coisais”.²⁴ Diríamos que ele focaliza as relações sociais como local da ocorrência e das consequências da alienação, desta forma ficamos um pouco mais próximos dos objetivos desta pesquisa.

²¹ MARCUSE, 1981, p.22-23.

²² MARCUSE, 1981, p.36.

²³ MARCUSE, 1981, p.37.

²⁴ MARCUSE, 1981, p.45.

1.3 LUKÁCS E O HOMEM REIFICADO

Nossa passagem pelo filósofo húngaro *Szegedi Lukács György Bernát* ou *Georg Bernhard Lukács von Szegedin* como ficou conhecido, é rápida porém decisiva, pois dele vem a fundamentação do conceito de *reificação*. Embora na língua portuguesa existam os termos *reificação* e *coisificação* ambos são traduções do termo *Verdinglichung* do idioma alemão. Dentro dos textos dos filósofos trabalhados nesta dissertação podemos traduzir *Verdinglichung* tanto por um ou por outro termo. "Coisificação" ou "coisificado" seria a forma mais simples, fluente, coloquial e direta do termo "reificação" ou "reificado" que deriva do latim "res" que significa "coisa". Porém, frente à obra de Lukács já existe uma tradição pela escolha do termo reificação, assim sendo, escolheremos tal termo neste capítulo.

Em suma *Verdinglichung* significa transformar algo em coisa. Em especial seria o ato da mente alienada de transformar um sujeito em uma coisa eliminando suas particularidades e sua humanidade, ou que reduz grupos e indivíduos à estatísticas, cifras ou mesmo preconceitos. Quando o jovem Marx diz que o trabalho estranhado do capitalismo leva o homem a se tornar inimigo do próprio homem e reduz o trabalhador ao nível do produto de seu trabalho poderíamos dizer que ele está se referindo ao ato de reificação, em que o homem coisifica a si mesmo e ao outro, rebaixando as relações interpessoais ao nível de relações de compra e venda, uso e desuso tal como a de qualquer outro objeto industrializado.

Lukács com sua obra *História e Consciência de Classe (Geschichte und Klassenbewußtsein)*, escrita entre 1919 e 1922, porém publicada em 1923, ficou conhecido como um dos precursores do *Marxismo ocidental* e em seu texto, além de fazer uma reconstrução da teoria da alienação de Marx muito antes da descoberta dos manuscritos, iniciou importantes diálogos entre filosofia, sociologia e política, bem como fundamentou conceitos que posteriormente seriam adotados e trabalhados por vários outros filósofos marxistas e frankfurtianos como Marcuse e Adorno por exemplo²⁵.

²⁵ Embora não entraremos no mérito aqui neste trabalho, Lukács repudiou e reelaborou algumas ideias de "História e Consciência de Classe" como visto no próprio prefácio de edições mais novas. Em particular a crença no proletariado como sujeito-objeto da história foi repensada. Lukács chegou a escrever entre 1925 e 1926 um livro que chamou de "A Defesa de História e Consciência de Classe" trazendo esta autocrítica, porém tal livro teria sido publicado somente no final do século XX, fazendo deste os dos principais escritos comunistas que ficaram por anos entregues a desoladora crítica das traças e da poeira.

Desta obra vamos nos concentrar no capítulo *A reificação e a consciência do proletariado*, mais precisamente no item *I: O fenômeno da reificação*. Nele o filósofo salienta o fato de Marx em duas obras de sua maturidade iniciar a análise do ser humano a partir do problema da mercadoria, afinal Marx escreve de tal forma que definitivamente este não seria apenas mais um problema isolado, seria um problema central e estrutural da sociedade capitalista em todos seus desdobramentos vitais.²⁶

A essência da estrutura da mercadoria já foi ressaltada várias vezes. Ela se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa e, desta maneira, o de uma “objetividade fantasmagórica”, que em sua legalidade própria, rigorosa, aparentemente racional e inteiramente fechada, oculta todo traço de sua essência fundamental: a relação entre homens.²⁷

Lukács pretende com seu texto desvelar desdobramentos do enigma da estrutura da mercadoria e conseqüentemente do homem na sociedade capitalista. Pressupondo as análises de Marx acerca do trabalho ele coloca como objetivos de seu texto chamar a atenção para os problemas fundamentais resultantes do caráter fetichista da mercadoria como forma de objetividade e, também, sobre o comportamento dos sujeitos submetidos a tal caráter.²⁸

Como veremos a partir de agora, na análise do filósofo Húngaro a questão de tal fetichismo da mercadoria é uma característica específica e comum ao seu tempo, ou seja, encontra-se somente com a consolidação do capitalismo moderno. A troca de mercadorias começou a ocorrer ainda nos primórdios da sociedade ainda tribal, porém no princípio ela possuía caráter esporádico e o valor das coisas estava ligado a sua necessidade e valor de uso. Quanto mais homem o foi desenvolvendo sua vida e seu trabalho em comunidades cada vez menos naturais como famílias, tribos e clãs, para formar sociedades cada vez mais administradas e artificiais como cidades e Estados; mais a produção foi excedendo as necessidades básicas, o comércio com outros povos foi se tornando o centro das relações comerciais e assim o valor primordial das coisas e do trabalho foi deixando de ser o seu valor de uso e foi se tornando um valor cada vez mais estranho, distante do trabalhador e do trabalho, um valor abstrato de troca, de mercadoria, de coisa, ou como dito por Lukács: “*O processo de trocas de mercadorias não aparece originalmente nos seios das comunidades naturais, mas sim onde elas deixam de existir.*”²⁹

Sendo assim, os escravos explorados desta maneira (antes do capitalismo moderno) estavam as margens do que era considerado sociedade “humana”;

²⁶ LUKÁCS, 2003, p.193.

²⁷ LUKÁCS, 2003, p.194.

²⁸ *Idem.*

²⁹ LUKÁCS, 2003, p.196.

seus contemporâneos e mesmo os mais nobres pensadores não eram capazes de julgar o destino destes homens como o destino da humanidade. Com a universalidade da categoria mercantil, esta relação muda radical e qualitativamente. O destino do operário torna-se o destino geral de toda sociedade, visto que a generalização deste destino é a condição necessária para que o processo de trabalho nas empresas se modele segundo esta norma. Pois a mecanização racional do processo de trabalho só se torna possível com o “trabalhador livre”, em condições de vender livremente no mercado sua força de trabalho como uma “mercadoria que lhe pertence”, como uma coisa que ele “possui”.³⁰

Mas foi necessário mais que isso para fazer das relações mercantis a base da sociedade, foi necessário uma mudança qualitativa das relações interpessoais, onde aos poucos as relações mercantis teriam penetrado fundo nas relações interpessoais e feito destas a sua imagem e semelhança.³¹ Isto só teria ocorrido a partir do capitalismo moderno³² no qual em primeiro lugar a sociedade superou a forma predominante de trabalho escravo na produção, como era na Antiguidade e Idade Média, e também superou todo mercantilismo primitivo onde o capital comercial ainda era apenas um elemento de mediação dos processos de troca e não o processo todo como se tornou na economia contemporânea, porém ainda nestes tempos antigos já nascia a ideia de *equivalência* onde poder-se-ia atribuir valores similares à coisas completamente diferentes, foi com estas primeiras cifras que teria surgido o protótipo da reificação.³³

Para Lukács a mercadoria consolidou-se hoje como uma “*categoria universal de todo ser social*”, desta forma a reificação adquire uma importância decisiva no desenvolvimento da sociedade administrada, bem como na maneira de entendermos o próprio homem. Diríamos que o homem e tudo mais que ele produz pode ser entendido a partir da ideia de mercadoria (coisa).³⁴

Seguindo o pensamento marxista, para Lukács o que caracteriza o capitalismo de sua época é o sistema em que o trabalho torna-se estranho ao sujeito trabalhador e à sociedade. O sujeito confronta-se com seu trabalho exatamente como uma coisa, pois é isso mesmo que tornou-se: sua força de trabalho torna-se apenas mais uma mercadoria.³⁵ Mercadoria comum, geralmente barata e substituível, evidentemente abstrata, comparável e mensurável como tantas outras. Para o filósofo, o trabalho na sociedade administrada acaba por forçar uma constante racionalização que visa à progressiva eliminação das

³⁰ LUKÁCS, 2003, p.206-207.

³¹ LUKÁCS, 2003, p.196.

³² Este é o termo que aparece no texto de Lukács, mas também poderíamos usar o termo *Capitalismo Industrial*.

³³ LUKÁCS, 2003, p.197-198.

³⁴ LUKÁCS, 2003, p.198.

³⁵ LUKÁCS, 2003, p.200.

qualidades individuais gerando um trabalho mais rentável economicamente, porém sempre cada vez mais fragmentado, específico e alienado. Desta forma tal racionalização dos processos de produção vai se tornando cada vez mais “coisal”, mecânica e atômica. O sujeito vai se reificando cada vez mais no processo.³⁶ Diríamos que se não parar e adentrar a um espaço crítico e reflexivo o indivíduo vai diluindo-se até ficar perfeitamente identificado com tal maquinaria econômica. A este processo George Lukács dá o nome de *mecanização*. A mecanização seria capaz de penetrar até a “alma” do trabalhador corrompendo todas as qualidades físicas e psicológicas do sujeito.³⁷ Desta forma o sujeito torna-se mercadoria calculável, programável, substituível, comparável, vendível, etc. Torna-se coisa, reifica-se.

Para o filósofo todas as condições sociais e econômicas do nascimento do capitalismo moderno agem no seguinte sentido: *substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais que eram muito mais transparentes e naturalmente humanas*.³⁸ Porém, toda essa “atomização” não seria mais que mera *aparência*, seria pra Lukács apenas o reflexo na consciência de que “*as leis naturais do capitalismo*” dominaram todas as manifestações vitais da sociedade, aparência essa que ao ser mera aparência acaba por revelar algo ainda mais profundo e terrível: a total desumanização velada na relação mercantil.³⁹

A partir deste ponto nos aproximamos um pouco daquilo que nos interessa: entender a reificação na indústria cultural e internet, pois uma vez que para Lukács o fenômeno da reificação não se refere apenas ao âmbito da economia, mas se expande por toda sociedade capitalista, todo tipo de produção humana neste sistema seria mercadoria, seria coisa. O autor chega a dizer: “*A ‘ausência de convicção’ dos jornalistas, a prostituição de suas experiências e convicções só podem ser compreendidas como ponto culminante da reificação capitalista.*”⁴⁰ Sendo assim, poderíamos dizer que sua crítica à reificação culmina também em uma crítica cultural e aos veículos de comunicação. Notícias, informações, entretenimento, cultura e arte estão agora reificados, reduzidos à mercadorias como todas as outras coisas, tudo passa a fazer parte do *mundo das coisas*,⁴¹ mundo este em que a verdade se torna apenas mais um empecilho a ser superado pela

³⁶ LUKÁCS, 2003, p.201.

³⁷ LUKÁCS, 2003, p.202.

³⁸ LUKÁCS, 2003, p.207.

³⁹ LUKÁCS, 2003, p.208-209.

⁴⁰ LUKÁCS, 2003, p.222.

⁴¹ LUKÁCS, 2003, p.223.

razão calculista. Tal mundo configura-se como uma “*segunda natureza*” no qual a ideologia do capitalista burguês se consolida como a única ideologia válida.

No mundo das coisas, os homens e também tudo de mais nobre que poderia vir de seus espíritos se reificam. A dominação do capital seria totalizadora, não apenas de forma objetiva no processo histórico, mas também nos sujeitos que compõe tal processo. Deste modo, a reificação fruto da dominação capitalista acabaria por significar sempre perda de autonomia, liberdade, e autodeterminação. A reificação seria um processo estruturalmente generalizado por toda a sociedade, do burguês ao trabalhador, do artista ao crítico de arte, do reitor ao aluno: tudo é coisa, tudo é mercadoria, tudo deseja virar lucro, deseja extrair mais-valia.

Lukács ainda não concentraria sua crítica contra a razão instrumental como depois fez Theodor Adorno, mas em *História e Consciência de Classes* ele acabou por associar de maneira concreta e inseparável o processo social de reificação com a racionalidade moderna. Partindo dos conceitos de alienação e coisificação comuns nas análises de Marx acerca do fetichismo da mercadoria e incorporando as noções de Max Weber acerca da racionalidade calculista, ele consegue ampliar o conceito de *Verdinglichung*⁴². Com isso fez de sua crítica ao capitalismo muito mais do que uma crítica ao sistema econômico, fez dela uma crítica à toda *cultura burguesa* e sua lógica de exploração, desigualdade, violência e desumanização em todos os sentidos.

A racionalidade capitalista passa a ser entendida como um sistema de ideias e de organização características da sociedade moderna totalmente fundamentais e indispensáveis para o processo de dominação burguesa e de acumulação do capital frente à miséria, trabalho e sofrimento dos mais pobres.

Mas o que pode fazer o simples sujeito para fugir de tal poderosa ação reificadora? Por mais idealístico que possa parecer, para o autor o caminho seria o da crítica cada vez mais profunda frente ao que aí está, frente ao capitalismo moderno e seus desdobramentos. Caso contrário, já estariam de antemão anuladas quaisquer possibilidades de revolução. Residiria justamente aí o maior poder da reificação: *o impedimento do surgimento da consciência de classe*. Por fim, Lukács György faz uma pequena autocrítica a superficialidade das corriqueiras análises filosóficas acerca de tal

⁴² Para Lukács o modelo de racionalidade baseado no cálculo, probabilidade e controle descrito por Weber sobre a sociedade moderna apresenta-se como um conceito sociológico que não seria totalmente excludente em relação a análise de Marx sobre o fetichismo da mercadoria, embora fossem metodologicamente diferentes.

fenômeno e ao pensamento crítico burguês, fato que nos faz pensarmos acerca de horizontes ainda não explorados sobre o fenômeno e o conceito de reificação:

Ao limitar-se a estudar “as possíveis condições” da validade das formas nas quais se manifesta o seu ser subjacente, o pensamento burguês fecha a via que leva a uma maneira de colocar os problemas claramente, às questões relativas ao surgimento e ao desaparecimento, relativas a essência real e ao substrato destas formas. Sua perspicácia encontra-se cada vez mais na situação desta “crítica” lendária na Índia que, diante da antiga representação segundo a qual o mundo repousa sobre um elefante, lançava a seguinte questão “crítica”: sobre o que repousa o elefante? Mas, após ter encontrado a resposta de que o elefante repousa sobre uma tartaruga, a “crítica” sentiu-se satisfeita. É claro que, mesmo insistindo em semelhante questão “crítica”, teria encontrado, quando muito, um terceiro animal maravilhoso, mas não teria feito aparecer a solução da questão real.⁴³

1.4 ADORNO E O HOMEM QUE ALIENA

Quando se pensa na relação entre o filósofo Theodor Adorno e o conceito de alienação normalmente vem à nossa mente a imagem da *indústria cultural* alienado as massas, porém para tal filósofo a alienação é um fenômeno muito mais antigo oriundo do entrelaçamento de mito, dominação e trabalho que já estava presente desde as narrativas de Homero e se replica até hoje. Esta é uma interessante constatação feita no livro *Dialética do Esclarecimento*, no qual ainda no final do *primeiro capítulo*, denominado: *O Conceito de Esclarecimento*, e principalmente no *Excursus I*, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer apresentam a origem do processo de esclarecimento e os motivos de sua autocorrosão e falsificação. A origem da alienação, bem como da fundamentação do homem moderno já estariam contidas, pelo menos enquanto protótipo, no período histórico dos mitos gregos. Para estes filósofos o mito é o primeiro esboço da racionalidade instrumental, uma forma primitiva de luta contra a contingência natural. Com os mitos, muito além de narrar o homem busca estabelecer uma determinada ordem conceitual. Com suas figuras explicativas o mito aponta para a pretensão de ordenar as diferenças, pois a natureza desconhecida sempre teria sido encarada como uma terrível ameaça a qual precisava ser racionalmente domesticada em conceitos para, então, tornar-se conhecida e dominada. Assim, a mitologia já seria esclarecimento em seu estado primitivo, seria o ensaio para o esclarecimento real que tanto buscamos.

Com isso podemos entender porque Adorno usa uma passagem do mito de *Ulisses contra as sereias* para fazer uma metáfora comparativa com a sociedade moderna e

⁴³ LUKÁCS, 2003, p.239-240.

contemporânea. Com seu canto as sereias ameaçam os que delas se aproximam, elas faziam isso com a promessa irresistível do prazer, afinal é assim que seu canto se apresenta a todos mortais. Ninguém que ouve a canção delas entoada pode de seus encantos escapar. Ulisses, o herói em seu impetuoso progresso necessita encontrar uma forma de superá-las. Com sua astúcia ele toma duas atitudes: uma para ele e outra para seus comandados. Justamente nesta separação de providências começa a aparecer o entrelaçamento de mito, dominação e trabalho como é possível observar até os dias atuais. Nos mitos da Odisseia a constante autoafirmação da subjetividade de Ulisses manifesta nele o protótipo do homem burguês moderno e em seus comandados a massa de manobra.

O recurso do eu para sair vencedor das aventuras, perder-se para se conservar, é a astúcia. O navegador Ulisses logra as divindades da natureza, como depois o viajante civilizado logrará os selvagens oferecendo-lhes contas de vidro coloridas em troca de marfim.⁴⁴

Para o ser civilizado vencer a natureza mitológica era necessário ir em frente, progredir sempre. Não poder-se-ia voltar, isso seria regredir e na busca humana pelo progresso não pode-se andar pra atrás nem se for pra ganhar impulso. Aquilo que ficou no passado assume uma nova forma mítica da qual Ulisses não pode se entregar. O herói deve olhar para frente ou sucumbirá. Claro que “naturalmente” ninguém que ouve o canto das sereias pode dele escapar, é necessário domesticar tal força. Justamente aí que a astúcia se torna cega, a ignorância camufla-se sobre a pele de ímpeto, o comodismo e a lógica de dominação burra transparecem suas mais básicas estruturas.

Mas por que não se entregar às sereias e desfrutar de seu saboroso canto? Por que não enfrentá-las como outros seres mitológicos? Afinal, porque um herói temeria a morte? Adorno responde: “*O caminho da civilização era o da obediência e do trabalho, sob o qual a satisfação não brilha se não como mera aparência, como beleza destituída de poder.*”⁴⁵ Sem falar no medo de se afundar na mais deprimente loucura, a loucura de recair à paranoia delirante de um mundo sem senhoril. Assim sendo, Ulisses transborda sua virtude, faz valer sua liderança e tapa com cera o ouvido de seus comandados, obrigando-os a remar sempre em frente, remar a toda velocidade usando até a última gota de suas energias. “*Quem quiser vencer a provação não deve prestar ouvidos ao chamado sedutor do irrecuperável e só o conseguirá se conseguir não ouvi-lo.*”⁴⁶

⁴⁴ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.25.

⁴⁵ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.18.

⁴⁶ *Idem.*

Os companheiros comandados por Ulisses são os trabalhadores da história, a massa de manobra, a mão de obra necessária ao progresso pseudoesclarecedor, deles a civilização sempre tratou de adestrá-los para sempre olhar para frente e esquecer tudo aquilo que foi deixado de lado, ou que deve ser esquecido no passado.

Ulisses em sua posição de senhor não pode ensurdecer-se como seus comandados, por isso toma para si a segunda alternativa. Ele amarra-se ao mastro, permanece ouvindo, porém amarrado se torna impotente para sucumbir à tentação. Quanto mais a sedução cresce, mais forte ele ata o nó que lhe amarra. Tal com um rei em seu camarote, no mastro ele fica em evidência, no mastro se distancia dos “normais”, no mastro ele assume a posição de herói, mas é apenas o herói opressor, amarrado e impotente. Seus gritos são como o os do jovem burguês que acha que tudo pode comprar, que implora por fama, que usa as melhores roupas, os melhores carros, as melhores bebidas, que coisifica mulheres e empregados e não percebe que tudo isso apenas lhe amarra mais e mais, que tudo isso apenas lhe rebaixa ao nível de coisa, não percebe que ele mesmo se tornou servo e produto de seu capital. O Herói-Opressor também é alienado, também é reificado. *“Ele não parece precisar de ninguém e, no entanto, exige que todos se ponham a seu serviço.”*⁴⁷

Assim a embarcação segue... Ulisses amarrado não pode ser atingido pela força do canto das sereias, mas contempla-o impotente. Seus companheiros nada escutam, só sabem do perigo da canção não de sua beleza, por isso mesmo deixam seu senhor amarrado ao mastro, não há nenhuma relação de respeito, há apenas medo de morrer. Ulisses fica lá atado a sua própria sorte, gritando e gritando, porém sem nada poder fazer. Navegar em frente era preciso. Assim movimenta-se o sistema em sua pseudo racionalidade: Com a força do trabalho de uma massa surda e com os gritos de comandantes amarrados à embarcação.

O sistema que se reproduz e se autoconserva desde tais tempos míticos⁴⁸ faz que tanto aquele que oprime quanto aquele que é oprimido não consigam escapar de seu papel social. O Ulisses amarrado e impotente, amarrando-se cada vez mais e mais hoje se reproduz na obstinação burguesa pelo sucesso que quanto maior se faz, mais se amarra a sua impossibilidade. No mito o poder do canto das sereias foi neutralizado da mesma forma que a ciência do pseudoesclarecimento neutraliza a natureza. A beleza e a força transformadora da música por elas entoada foram esterilizadas e reduzidas a mero objeto de contemplação, o mesmo ocorre com a arte que hoje tem seu poder de tornar o passado

⁴⁷ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.90.

⁴⁸ Diferente de Lukács que restringe sua análise ao período do capitalismo moderno.

vivo estripado e seu poder transformador reduzido ao mais banal valor de fetiche. Os gritos de Ulisses amarrado e impotente ecoam como aplausos, da mesma forma que hoje as pessoas aplaudem babaqueadas e alienadas a um concerto, show, espetáculo ou a mais idiota programação de televisão ou internet. Por isso no mito já estão contidas as noções de patrimônio cultural e trabalho comandado. Para Adorno: “*O patrimônio cultural está em exata correlação com o trabalho comandado e ambos se baseiam na inescapável compulsão à dominação social da natureza.*”⁴⁹

Voltando um pouco aos conceitos marxianos de trabalho estranhado e sujeito alienado vemos que para Adorno na lógica do progresso pseudo esclarecedor ser excluído do mercado de trabalho é uma forma de estar mutilado na vida em sociedade. Ao mesmo tempo os que trabalham, trabalham sobre a possibilidade de substituição sempre presente. “*A substituíbilidade é o veículo do progresso e, ao mesmo tempo, da regressão.*”⁵⁰ Para Adorno o progresso fez com que a fantasia ficasse atrofiada na mente humana, nós enquanto espécie mostramos a superioridade de nossa razão com a divisão do trabalho e a vida em sociedade, porém caímos em novas formas de horror e barbárie que seriam impensáveis na natureza. *Julgo* que acabamos por passar de um estado de “*liberdade natural*” para um estado de “*dominação determinada e necessária*”. Por que fizemos isso? Por conforto, controle e progresso. O problema disso para Adorno é que “*o progresso bem-sucedido é o culpado de seu próprio oposto. A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão.*”⁵¹ Assim sendo: Quanto mais útil ou pragmático aos olhos do sistema um pensamento pode ser, mais pobre ele se faz para o ser humano.

O espírito torna-se de fato o aparelho da dominação e do autodomínio, como sempre havia suposto erroneamente a filosofia burguesa (...) Os ouvidos moucos, que é o que sobrou aos dóceis proletários desde os tempos míticos, não superam em nada a imobilidade do senhor (...) A regressão das massas de que hoje se fala nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com suas próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas (...) Quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz.⁵²

Sob tal ótica das vivências⁵³ (*Erlebnis*) empobrecidas duas coisas *me são* cada vez mais evidentes sobre o homem moderno\contemporâneo e nossa vida em sociedade: (1)

⁴⁹ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.19.

⁵⁰ *Idem.*

⁵¹ *Idem.*

⁵² *Idem.*

⁵³ Segundo Gadamer no livro *Verdade e Método*(p.117-131) e como também já disse em meu livro intitulado *Crítica à Escola* (p.12-13) precisamos estar atentos a diferença da potência entre os conceitos *vivência*

Por mais que a vida em sociedade evolua de tal maneira que nos possa sempre trazer cada vez mais conforto e segurança, quanto maior a oferta de entretenimento, maior é possibilidade de tédio, que fermentado pode nos levar à depressão que é uma espécie de morte em vida; (2) A coletividade no mundo alienado nos defende, mas invés de nos juntar ela nos isola, nos torna genéricos e raquíticos, por fim, o coletivo se fortalece do enfraquecimento do individual. Estas duas máximas me parecem antigas e fatais. Por isso patologias como *individualismo* e *depressão* são sempre cada vez mais comuns, como veremos a seguir, o próprio Adorno pensava de forma semelhante já na metade do século XX. Eis o sistema que alimenta e mutila ao mesmo tempo. Essa é a lógica fatalista de impotência e dominação que devemos questionar e lutar contra. Para Adorno a chave para tal luta seria o *pensamento crítico*, pois ele é o servo que o senhor não pode deter ao seu bel-prazer. O sistema tende a ir sempre nos *apoltronando*, substituindo e falsificando nossos reais desejos pois assim se fortalece e o pensamento crítico vai enfraquecendo-se na mesma medida que nos tornamos cada vez mais intelectualmente sedentários.

Rebaixados ao nível de simples objetos do sistema administrativo, que preforma todos os setores da vida moderna, inclusive a linguagem e percepção, sua degradação reflete para eles a necessidade objetiva contra a qual se creem impotentes. Na medida em que cresce a capacidade de eliminar duradouramente toda miséria, cresce também desmesuradamente a miséria enquanto antítese da potência e da impotência.⁵⁴

Se a geração de filósofos como Adorno, Sartre, Levinas, etc. assistiu impotente ao mundo adentrando no estado de barbárie; Minha geração assiste atônica à barbárie da impotência adentrando ao mundo. Todas as facções da sociedade contemporânea acabam por zelar, de uma forma ou de outra, pela permanência ilimitada do *status quo* que é tão falsificado quanto sua racionalidade. Assim a sociedade racional pseudo esclarecida

(*Erlebnis*), experiência (*Erfahrung*) e *vivenciar* (*Erleben*). O conceito *vivência* surgiu na filosofia somente no final do séc. XIX. Sua origem remete ao termo “vivenciar” (*Erleben*) que significa estar vivo e próximo quando algo acontece. Vivenciar possui um tom puramente imediato, agarrado ao real e não ao ilusório. Porém o conceito de *vivência* vai muito além do conceito de *vivenciar*. Também está relacionado à palavra *vivenciado* (*das Erlebte*) que significa o conteúdo duradouro daquilo que foi vivenciado. Desta maneira algo transforma-se em *vivência* na medida em que não somente foi vivenciado, mas que aquilo que foi vivenciado recebeu ênfase especial por aquele que vivenciou. Com isso a *vivência* se torna duradoura, mesmo que apenas como memória, pois se torna tão rica que pode revelar questões que vão muito além dos estados mentais e emocionais que um fato pode gerar em um indivíduo. A *vivência* possui um posicionamento intermediário entre o empírico e o especulativo. Julgo até que ela transcende estes dois paradigmas, pois ela acompanha o indivíduo em cada momento de sua vida estando sempre aberta a novas reflexões e dotada de significado duradouro. Desta forma justifico o motivo de minha escolha pelo termo *vivência*.

⁵⁴ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.20.

chega à sua contradição máxima ao taxar de obsoleta a necessidade do uso da razão crítica.

O mito das sereias nos avisa que o indivíduo na sociedade contemporânea, por mais “livre” que possa ser, está sempre amarrado em lutas e acordos dos quais não é livre para escapar e permanecer vivo. A submissão à ordem vigente se propõe como uma questão de vida ou morte e o mesmo acontece nas relações internacionais. Por mais contraditório que pareça: no mundo supostamente liberal nenhum indivíduo ou nação pode sustentar-se livre da irracionalidade oriunda da tutela exterior da maquinaria do sistema e de seu poder conflituoso.

Seguindo o pensamento de Theodor Adorno veremos que a progressão da alienação dos homens teve origem com o desenvolvimento e proliferação da razão instrumental que teria feito uma aliança visceral com a *dominação*. O pensamento moderno supostamente esclarecedor deu grande poder ao conceito. Através da ciência dos conceitos a humanidade pretendeu domesticar a natureza do mundo. Mas o “conceito” nas mãos da pretensão do esclarecimento tornou-se a principal ferramenta e arma no desencantamento do mundo e no processo de esterilização da natureza. Diríamos que a verdadeira enciclopédia de conceitos que toda ciência moderna foi capaz de produzir nos possibilitou uma fantástica acumulação de conteúdo e um progresso gigantesco, porém tudo isso se deu no “mundo dos conceitos”, assim sendo a pretensão esclarecedora só não falsificou a intenção esclarecedora, como também falsificou a própria natureza. Temos assim, não o esclarecimento, mas sua falsificação,⁵⁵ na qual tudo mais é falsificado e impotente: relações humanas, conhecimento, natureza, etc.

A suspensão do conceito – não importa se isso ocorreu em nome do progresso ou da cultura, que a muito já haviam se coligado contra a verdade – abriu caminho à mentira. Esta encontra lugar num mundo que se contentava em verificar sentenças protocolares e conservava o pensamento – degradado em obra dos grandes pensadores – como uma espécie de slogan antiquado, do qual não se pode mais distinguir a verdade neutralizada como patrimônio cultural.⁵⁶

⁵⁵ Voltarei a esta distinção entre esclarecimento e esclarecimento falsificado, bem como ente intenção e pretensão no item 3.1 desta dissertação.

⁵⁶ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.21.

1.4.1 QUANDO A ALIENAÇÃO E REIFICAÇÃO ECLODEM EM VIOLÊNCIA

Assim como para Marx alienação e estranhamento eclodem na forma de dominação do homem sobre o próprio homem, o mesmo acontece para Adorno, porém ele vai mais longe e na parte referente aos *elementos do antissemitismo* na dialética do esclarecimento demonstra como a aliança entre dominação e esclarecimento falsificado pode levar à barbárie total e absoluta.

No início dos anos 1940 disseminava-se pelo mundo o ódio contra os judeus e em menos de meia década o mundo se aprofundava em sua mais devastadora guerra na qual o extermínio industrial e indiscriminado de todos os membros desta religião surgiu em um obscuro horizonte da mente doentia dos nazistas como *a solução final (Endlösung der Judenfrage)*. Pela evidente necessidade temporal, pelas convicções ideológicas e também pelo financiamento de pesquisas por instituições judias, Adorno e Horkheimer dedicaram parte de sua pesquisa visando desmistificar e desconstruir tanto ódio.

Tal capítulo publicado na *Dialética do Esclarecimento* acerca do antissemitismo está dividido em sete partes sem títulos. Para o filósofo *Rodrigo Duarte* em seu livro *Teoria Crítica da Indústria Cultural* poderíamos alocar estas partes em dois grupos nos quais cada um deles trata de um viés específico de tal problema e todas partes juntas mantêm sua semelhança e interrelação.

O primeiro grupo abrange as quatro primeiras seções cujos temas, de um modo geral são: I. Motivações psicológicas genéricas, II. Motivações sociais, III. Motivações econômicas, IV. Motivações religiosas. O segundo grupo diz respeito às três últimas seções: V. Teoria da falsa mimeses, VI. Teoria da falsa projeção e VII. A mentalidade do *Ticket*.⁵⁷

Evidentemente todo capítulo seria interessante frente ao problema da alienação e reificação do homem, porém dado o foco deste trabalho⁵⁸ analisaremos em especial seções III, V e VI.

Referente aos *motivos econômicos*: Quando pensamos na lógica de funcionamento do capitalismo liberal normalmente pensamos que aqueles que têm dinheiro, logo têm poder e que são mais livres que os mais pobres. Como demonstrado com o mito das sereias isso não é verdade, ao contrário dos mais pobres quem têm dinheiro desfruta da beleza e do luxo do sistema, mas está igualmente preso a embarcação. Os judeus da Alemanha tinham se configurado nas altas camadas da sociedade, porém poucos eram

⁵⁷ DUARTE, 2003, p.70.

⁵⁸ Alienação e reificação na indústria cultural e internet.

aqueles que estavam em patamares tão altos do poder político, ou mesmo eram donos de indústrias. Os judeus bem sucedidos geralmente ficavam na esfera da circulação da economia, eram pessoas de notoriedade no comércio, na mídia e na administração financeira, porém não na produção. Os judeus faziam a linha de frente (*Frontline*) da economia alemã da época, por isso mesmo, para os filósofos em questão os verdadeiros opressores da economia alemã não eram judeus como apontaram as doentias mentes nazistas.

Aqueles que realmente detinham o poder, que mesmo em um tempo de profunda recessão desfrutavam “*de um quantum de serviços e bens como jamais pôde nenhum senhor antes*”⁵⁹, usando todo seu poderio conseguiram forjar provas para inflar diversos motivos que colocariam a culpa da precária situação econômica da Alemanha nos judeus. Coisificaram os judeus e alienaram o restante do povo para hostilizá-los com o fim último de simplesmente defender-se do horror que eles mesmos causaram e para tentar conseguir o poder que nunca tiveram. Adorno diz que “*Os judeus foram os colonizadores do progresso*”⁶⁰, hoje isso equivale dizer que eles foram os gerentes, os carrascos sem máscaras, alguém que manda e oprime mas que deixa seu rosto⁶¹ exposto, porém tal poder e opressão é subordinado a um verdadeiro poderoso e opressor que faz de tudo para não revelar sua real face frente à massa. Em uma sádica alusão aos próprios ritos judaicos, os judeus na Alemanha do *Führer* acabaram se tornando o *bode expiatório* (לזאזעל ריעש), o animal entregue à natureza perversa, porém desta vez não era um animal e não era mais a natureza, era o homem coisificado pelo próprio homem entregue ao ódio do mesmo homem alienado pela mentalidade nazista.

Os judeus atraíram sobre si o ódio dos reais opressores. Num exemplo de alienação o ódio oriundo da desigualdade econômica do capitalismo se canalizou contra eles e não contra o sistema opressor, os judeus se posicionavam em uma posição intermediária entre opressores e oprimidos, eram os diferentes e os iguais. A mentalidade reificadora dos nazistas sabia muito bem que “*Por causa do progresso econômico, que é hoje sua perda, os judeus foram sempre um espinho na carne dos artesãos e camponeses, que o capitalismo desclassificara.*”⁶² Implantar na alma do povo alemão o antissemitismo não foi difícil em uma época em que o trabalhador oprimido mal dispunha dos recursos

⁵⁹ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.82.

⁶⁰ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.83.

⁶¹ Sua cultura e demais características que os diferem da maioria.

⁶² ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.83.

financeiros para não morrer de fome e no mercadinho da esquina (*Lebensmittelgeschäft*) via o dono judeu semanalmente subir os preços rebaixando seu dinheiro e conseqüentemente sua força de trabalho. Assim sendo a desigualdade econômica mostrou como além de ser uma violência em si, também tem o poder de conduzir à violências ainda maiores que só replicam a lógica de opressão, alienação, e reificação.

Aqueles que jamais puderam gozar tranquilamente dos direitos civis e políticos, que deviam lhes conferir a qualidade da humanidade, são de novo indistintamente designados como “o judeu”. Mesmo no século dezenove, o judeu permanecia dependente de uma aliança com o poder central. O direito universal garantido pelo Estado era o penhor de sua segurança a lei de exceção, seu *espantallo*. Ele permaneceu um objeto à mercê dos poderosos, mesmo quando insistia em seu direito. O comércio não foi sua profissão, mas seu destino. Ele foi o trauma do cavaleiro da indústria, que tinha que se arvorar em criador. O jargão judeu dizia-lhe a razão por que secretamente se desprezava a si mesmo: seu antissemitismo é ódio de si mesmo, é a má consciência do parasita.⁶³

Para Rodrigo Duarte a parte sobre *a teoria da falsa mimesis* é o cume para onde todas demais partes do capítulo sobre o antissemitismo da Dialética do Esclarecimento convergem⁶⁴. Ele salienta que para Aristóteles “*o imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois de todos, é ele o mais imitador, e, por imitação aprende as primeiras noções), e os homens se comprazem(deleitam-se) no imitado.*”⁶⁵, porém Adorno fixa-se mais no aspecto orgânico associado ao conceito biológico de mimetismo (*Mimikry*). Tal conceito fala da capacidade de alguns animais se fazerem igual ao ambiente (camuflar-se) para defender-se dos inimigos. Quando isto é transposto para a vida em sociedade temos uma gigantesca regressão e privação de direitos onde um indivíduo ou um grupo precisa deixar sua identidade própria e passar a se identificar com a ordem vigente, quando o indivíduo ou grupo não faz isso de maneira contundente e deixa muitos rastros de sua diferença, automaticamente se torna alvo do ataque do homem alienado, reificado e perfeitamente identificado com a ordem vigente.

Esta questão do ódio frente aqueles que não operam de maneira satisfatória a *falsa mimesis* não foi exclusiva dos judeus alemães do século XX, é muito mais antiga e ainda se replica. Antes dos judeus a mentalidade doentia do mundo já odiou os leprosos e hoje odeia os homossexuais⁶⁶. Indiferentemente de suas diferenças: leprosos, judeus e

⁶³ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.83.

⁶⁴ DUARTE, 2003, p.72.

⁶⁵ cf. ARISTÓTELES, 2011.

⁶⁶ Evidentemente só na mentalidade opressora todos os judeus, ou leprosos ou homossexuais são iguais dentro de seu grupo. Evidentemente cada um em seu respectivo grupo possui suas características únicas de indivíduo único e insubstituível. Porém ao assumirem ao mundo, sua fé, sua doença ou sua sexualidade, eles não podem mais esconder sua diferença em relação a ordem vigente.

homossexuais foram e são vítimas de *preconceito* por não poderem camuflar-se completamente na sociedade, suas identidades sempre deixam traços.

Alexandre Moraes⁶⁷ cita que o historiador Carlo Ginzburg em seu livro intitulado *Historia Noturna: Decifrando o Sabá* relata uma série de crônicas medievais que tratavam de uma hipotética conspiração dos leprosos para dominar o mundo. Além de todo medo e desconhecimento geral da população da época frente a doença que poderiam levar a tal distorção da realidade, figuras de poder político e religioso como o inquisidor Bernardo Gui alimentaram o ódio e a teoria da conspiração com a publicação de descabidos textos que falavam do suposto plano de leprosos em dominarem o mundo.⁶⁸ O resultado não poderia deixar de ser outro, os leprosos deixam de ser humanos e foram mortos feito ratos sob a suposta benção de Deus.

No ano de 1897 foi publicado o livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião* (*Протоколы Сионских мудрецов*) que denunciava a conspiração dos judeus e descrevia seus satânicos planos de dominação mundial. Os protocolos contavam que os judeus queriam fazer o uso de seu poder econômico para dominar um país europeu e fazê-lo de exemplo para o resto do mundo. Com o passar dos anos tal teoria se mostrou uma fraude, mas isso não teve relevância para a mente doentia de Adolf Hitler e dos demais nazistas em sua ânsia por poder. O resultado foi a barbárie em estado puro e administrado de Auschwitz.

Num mundo pós-holocausto e supostamente mais civilizado o ódio ao não idêntico eclode sobre os homossexuais, em que embora tenham atingido altos patamares econômicos e sociais são vítimas dos mais variados tipos de violência todos os dias. Em seu livro *A Estratégia (The Agenda)*⁶⁹ o influente pastor Rev. Louis P. Sheldon conta do suposto plano de homossexuais de dominarem mundo ou como dita da descrição desta obra “contemporânea”:

Desde o início, a família tem sido a base de uma sociedade civilizada. Pai, mãe e filhos — essa é a pedra angular do bem-estar social. Porém, a família nas últimas décadas não tem sofrido apenas com o aumento do divórcio e das crises internas; ela tem sido implodida pela estratégia gay, que visa erradicar a estrutura moral da sociedade e promover relações promíscuas. O que os homossexuais e seus apoiadores querem não é apenas tolerância ao homossexualismo, respeito e a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Eles desejam a legitimação de padrões de comportamento que a Palavra de Deus e a lei moral com que o Criador nos dotou identificam como

⁶⁷ No Vídeo documentário *Três narrativas e uma história de intolerância* disponível em <<http://goo.gl/B4cZSo>> acessado dia 18 de dezembro de 2013 as 17h.

⁶⁸ GINZBURG, 2007, p.48.

⁶⁹ Tal livro e suas ideias *antigay* chegaram ao Brasil e têm sido disseminados pelo pastor Silas Malafaia e sua editora de livros.

abominação. Ecabe aos cristãos, como sal da terra e luz do mundo, denunciar o pecado e combater esse plano diabólico para destruir o ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus.⁷⁰

Em um novo sentido para o conceito alienação e em perfeita conferência as ideias de falso esclarecimento, falsa mimesis e falsa projeção: Para Alexandre Moraes as três narrativas acima citadas falam de teorias ficcionais que contam planos de dominação e poder atribuídos a determinado grupo social, mas que na verdade estariam contidos nos planos ocultos de seus delatores. Assim sendo a história não se repete, mas se replica (no sentido que se reconstrói de maneira aparentemente diferente, porém fundamentalmente igual). Em cada tempo e espaço os reais opressores permanecem camuflados por estarem perfeitamente identificados com a ordem vigente, por serem mestres na falsa mimesis. Eles projetam todos seus planos em um determinado grupo que não consegue se camuflar, fazem isso com o fim de desviar o ódio e a atenção que a massa oprimida, se esclarecida, jogaria contra eles mesmos.

A falsa mimesis é para Adorno mais um desdobramento da dialética do esclarecimento, esclarecimento falsificado no qual a real vivência com o outro foi substituída pela banal assimilação do conceito, desta forma a assimilação do diverso se dá somente a partir do idêntico.⁷¹ O problema moral disso se dá, pois, ao conhecer o outro a partir dos conceitos antes de conhecê-lo de fato, nos leva sempre ao preconceito, que sem dúvida é um passo necessário para o princípio do ódio e da violência ao não idêntico. Nem sempre tal ódio é claro como no caso dos leprosos, judeus e homossexuais, existe também o ódio mais sutil, como o do jovem burguês, que se isola da massa pobre com suas roupas de marcas, carros de luxo, casas em condomínios fechados, festas em camarotes, seguranças particulares lhe acompanhando em todos lugares. Desde o princípio foram os opressores que odiaram os oprimidos, não o contrário.

Assim como a mimesis, a *projeção* seria uma característica natural do ser humano que foi falsificada na sociedade administrada e transformada em instrumento de poder, alienação e reificação. Para os autores seria a falsa projeção o traço patológico mais comum na mente dos antissemitas⁷² e dos demais homens que reificam o próprio ser humano em busca de poder.

Oriunda de nossa natureza selvagem e primitiva a projeção nos ajuda a lidar com situações psicologicamente complexas, geralmente ligadas a fracassos, perdas e dores.

⁷⁰ Disponível em <<http://goo.gl/7Zu0N3>> acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

⁷¹ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.86.

⁷² ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.88.

Ela reduz nossa ansiedade e alivia o peso da realidade do mundo quando a pressão dos fatos faria qualquer um enlouquecer. A projeção original consiste na habilidade automática, natural e espontânea do ser humano de “*fazer seu meio ambiente igual a si*” *de projetar nele suas expectativas de sentido com o objetivo de melhor compreendê-lo.*”⁷³ Se projetar é pôr em funcionamento um poderoso mecanismo de defesa onde os receios, medos, requalques, desejos reprimidos, frustrações, etc. de um determinado indivíduo, são temporariamente atribuídos a um outro ser até que o indivíduo esteja pronto para lidar com a situação verídica (ou com o ser real). A projeção só se torna patológica quando o sujeito torna-se incapaz de ou superá-la quando transforma em ódio o que sente em relação ao ser no qual projetou suas incapacidades e não mais distingue o real em relação a sua invenção.⁷⁴ Quando isso ocorre o sujeito fica alheio a realidade, ou como diria Marx, fica alienado, fica estranho a si mesmo e a tudo mais.

Embora Adorno e Horkheimer não explicitem, Rodrigo Duarte vê forte influência da gnosiologia kantiana do *a priori transcendental no conhecimento* na posição assumida pelos respectivos filósofos quanto à projeção⁷⁵, devemos salientar que para eles viria do próprio domínio da projeção a capacidade humana de individualmente superarmos a alienação, como visto na seguinte passagem:

O sistema das coisas, a ordem fixa do universo, do qual a ciência constitui tão-somente a expressão abstrata, é, se dermos uma interpretação antropológica da crítica kantiana do conhecimento, o produto inconsciente do instrumento que o animal usa na luta pela vida, isto é, daquela projeção espontânea. (...) o indivíduo precisa de um controle crescente da projeção; ele tem que aprender ao mesmo tempo a aprimorá-la e a inibi-la. Aprendendo a distinguir, compelido por motivos econômicos, entre pensamentos e sentimentos próprios e alheios, surge a distinção do exterior e do interior, a possibilidade de distanciamento e identificação, a consciência de si e a consciência moral. Para compreender a projeção colocada sob controle e sua degeneração na falsa projeção, que pertence à essência do antissemitismo, é preciso de uma reflexão mais aprofundada. (...) entre o verdadeiro objeto e o dado indubitável dos sentidos, entre o interior e o exterior, abre-se um abismo que o sujeito tem de vencer por sua própria conta e risco.⁷⁶

Nas relações interpessoais a projeção original ocorre na mente sã onde o sujeito a partir de seus *conhecimentos e vivências (background)* preenche aqueles aspectos que são menos evidentes nos seres com que se relaciona, com isso ele consegue compreender um pouco melhor aquilo que se apresenta diante de si, ou seja, ele entrega um pouco de si ao

⁷³ DUARTE, 2003, p.73.

⁷⁴ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.88.

⁷⁵ DUARTE, 2003, p.75.

⁷⁶ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.89.

outro para só então ter uma experiência sólida com o mesmo.⁷⁷ Evidentemente isso só é possível se o sujeito em questão possuir amplo *background* dotado de sentidos e significados, para Rodrigo Duarte: o sujeito necessita ter uma interioridade rica e bem estruturada para tal feito.⁷⁸

Por outro lado a falsa projeção ocorre pois a sociedade administrada faz o possível para impedir a formação de tal *background*, o sistema de economia e trabalho exposto por Marx em nada enriquece a interioridade do sujeito, pelo contrário: a esvazia. Por estar esvaziado o sujeito perde a capacidade realizar a projeção original, por isso a falsifica. Para Adorno, sem nada de si para projetar no outro o sujeito vazio e alienado projeta as características e opiniões vindas do opressor frente ao diferente que ali está: as ideias do inquisidor sobre os leprosos, as do *Führer* sobre os judeus, as dos pastores da “moral e bons costumes” sobre os homossexuais. Assim sendo torna-se incapaz de receber algo de volta, pois não enxerga o outro ser humano diante de si, vê apenas o rato, o bode, a abominação, vê apenas a coisa destituída de humanidade que precisa ser destruída sob a acusação de portar uma ameaçadora e incamufável diferença.

Para o ego que se afunda no abismo de sua falta do sentido, os objetos tornam-se as alegorias de sua perdição encerrando o sentido de sua própria queda. Segundo a teoria psicanalítica, a projeção patológica consiste substancialmente na transferência para o objeto dos impulsos socialmente condenados do sujeito.⁷⁹

Desta maneira podemos concluir que para Adorno e Horkheimer na Dialética do Esclarecimento não só alienação e reificação, mas também patologias psicológicas como a paranoia, o individualismo, a depressão, etc. detêm primeiramente origem social⁸⁰, para depois eclodir nos sujeitos gerando os mais inimagináveis tipos de violência.

A partir deste ponto chegamos ao conceito de *semicultura* que é o elo entre tudo que já foi dito nessa dissertação e a questão da alienação e reificação na indústria cultural e internet. De um modo simples a semicultura é a cultura doente oriunda do falso esclarecimento, da falsa mimesis e da falsa projeção⁸¹, ou como dito por Rodrigo Duarte: “*A semicultura, enquanto resultado concreto da falsa projeção é o conjunto de crenças inabaláveis possuídas pelo antissemita (ou outro opressor alienado), sem as quais ele perderia os últimos (e tênues) liames para a realidade exterior.*” A semicultura é o

⁷⁷ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.89.

⁷⁸ DUARTE, 2003, p.73.

⁷⁹ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.91.

⁸⁰ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.90.

⁸¹ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.93.

princípio da falsificação da realidade e, como veremos: a sociedade administrada fez da indústria cultural a indústria responsável por propagá-la.

Após esta análise dos conceitos de alienação e reificação e seus diversos desdobramentos, vamos ao segundo capítulo onde analisaremos as múltiplas facetas da comunicação humana dando destaque à indústria cultural e à internet.

2. O HOMEM E A COMUNICAÇÃO

O Ser Humano é um animal que comunica. O que nos diferencia de outros animais é o fato de que ao longo dos séculos nossa espécie desenvolveu variadas formas e sistemas de comunicação complexos. Por meio da comunicação somos capazes de comunicar vontades, desejos, ideias, cultura, etc. Comunicação é o intercâmbio de informação entre sujeitos.

Em linhas gerais a *primeira diferenciação* que devemos fazer para atingirmos os objetivos deste trabalho é entre *informar* e *comunicar*. *Informar* é um ato unilateral no qual algo ou alguém transmite uma informação que lhe é própria. Por outro lado, nossa *comunicação* complexa é um processo que envolve a troca de informações entre os comunicadores e os receptores utilizando sistemas simbólicos como suporte para este fim, podendo ou não haver um elemento mediador, ou seja: comunicar implica *tornar algo comum*. Para efetivar esta comunicação avançada o *sujeito comunicador (emissor ou fonte)* necessita num primeiro momento materializar suas ideias na forma de signos que também sejam conhecidos pelo *sujeito receptor (destinatário)*, num segundo momento o comunicador expressa seus signos, porém é só num terceiro momento que a comunicação se efetiva, este terceiro momento ocorre quando o receptor decifra, compreende e interage a partir daquilo que está sendo comunicado, assim sendo a comunicação sempre necessita de entendimento e acaba por gerar reações no receptor. Por fim esta reação do receptor se transforma em um *feedback* ao comunicador, tal feedback nada mais é que algum tipo de resposta devolvida após o recebimento da mensagem e de sua informação.

O modelo comunicacional de *Shannon–Weaver*, idealizado por *Claude Shannon* em artigos do fim da década de 1940⁸² e expressos de maneira mais contundente no livro *The Mathematical Theory of Communication*⁸³ coescrito com *Warren Weaver* em 1963, trata-se de uma teoria complexa e completa da comunicação tida para muitos como “*a mãe de todas teorias e modelos de comunicação*”. Evidentemente não temos aqui a possibilidade nem a pretensão de realizarmos uma análise profunda sobre tal teoria, porém nos cabe uma rápida e superficial apresentação.

Este modelo é composto dos seguintes elementos: a *fonte*, que é de onde vem a origem da informação (um sujeito comunicador por exemplo); a *mensagem*, que é aquilo

⁸² cf. SHANNON, 1948. Disponível em <<http://goo.gl/M5lGwC>> & <<http://goo.gl/ERddop>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

⁸³ cf. WEAVER, 1975.

que está sendo informado (o texto de um e-mail enviado por exemplo); o *codificador*, que transforma a mensagem em um código transmissível (um programa de computador para enviar e-mail por exemplo); o *canal*, que é o meio que pelo qual os códigos serão transportados (pela internet por exemplo); o *decodificador*, é aquilo que recebe e transforma o código recebido em informação novamente (um programa de computador para receber e-mail por exemplo); e o *destinatário*, é aquele no qual a mensagem era destinada e que recebe a informação já decodificada (um sujeito receptor por exemplo).

O principal desafio de toda forma de comunicação é fazer com que a informação saia da fonte e chegue até o destinatário da forma mais clara e inteligível que for possível, mas isso nem sempre ocorre devido àquilo que os autores chamam de *ruído*. O ruído é qualquer interferência no processo de transmissão da mensagem ou no entendimento do destinatário. Entre as formas de ruído mais comuns poderíamos citar a interferência *técnica*, interferência do *contexto social*, interferência *psicológica* e a interferência *semântica*. A interferência técnica ocorre a partir de qualquer defeito ou dificuldade tecnológica durante a transmissão da informação (uma televisão fora de sintonia, por exemplo). As demais formas de ruído ocorrem após o recebimento informação por parte do destinatário, por exemplo: se o contexto social do destinatário for demasiadamente diferente do contexto da fonte a informação pode tomar um sentido completamente diferente; se o destinatário estiver psicologicamente abalado uma pequena informação pode tomar proporções inesperadas; e se destinatário não estiver apto a compreender os significados dos termos e conceitos da mensagem ele só receberá “parte” da informação.

A *segunda diferenciação* que necessitamos fazer nos ajuda esclarecer a ideia de “*meio de comunicação*” trata de diferenciarmos a *comunicação mediada* da *comunicação não mediada*.

No princípio da civilização humana toda comunicação era *não mediada*, ou seja, o sujeito comunicador estava diante do sujeito receptor e os dois interagem sem nenhuma mediação. As primeiras formas de comunicação não mediada foram expressões corporais, grunhidos e barulhos que posteriormente evoluíram para linguagem oral, música, etc. Toda comunicação não mediada está totalmente limitada ao tempo, espaço e ao alcance dos sentidos, pois embora se possa utilizar algum instrumento para realizá-la, é a presença simultânea dos sujeitos da comunicação que definem a sua não mediação. Se trata de uma forma de comunicação menos sujeita a ruídos.

Por outro lado, a *comunicação mediada* é toda aquela feita através de algum meio de comunicação, na qual o sujeito comunicador não está em contato pessoal e simultâneo

com o receptor, por isso trata-se de uma comunicação que supera barreiras como o tempo, o espaço e ao alcance dos sentidos, mas que também está mais sujeita a ruídos. Este tipo de comunicação só ocorreu com o desenvolvimento de sistemas de linguagem complexos, primeiro o desenho, depois sinais motores e fonéticos até chegarmos aos idiomas falados e escritos⁸⁴. A comunicação mediada ajudou no desenvolvimento da civilização, pois sempre foi um *instrumento de poder* do homem sobre a natureza e também sobre outros homens.

Vamos imaginar uma situação em que um homem primitivo desenha no muro de uma caverna um aviso sobre a presença de tigres perigosos naquela região, aos seus companheiros que lhe observam fazer o desenho tudo não passa de comunicação não mediada, mas para o grupo que chega horas depois naquele local trata-se de uma comunicação mediada, na qual a parede da caverna é o meio e o desenho do tigre atacando homens é a mensagem.

Desta forma televisão, rádio, jornal, internet, revistas, telefone, messenger, etc. são todos meios de comunicação mediada. Cabe aqui nossa última diferenciação nesta introdução de capítulo, precisamos diferenciar os meios de comunicação *individuais-interpessoais* dos meios de *comunicação de massa*. Os meios *individuais-interpessoais* são aqueles que nos permitem entrar em contato com uma baixa quantidade de comunicadores simultaneamente e que o *feedback* é pessoal, o telefone é o principal exemplo. Já os meios de *comunicação de massa* são aqueles utilizados pela grande mídia, onde o emissor transmite simultaneamente a mensagem para milhares de receptores, devido à grande quantidade de pessoas atingidas por tais meios o *feedback* não se realiza de maneira pessoal, embora a opinião de alguns receptores possa ser considerada, as formas mais comuns de *feedback* dos meios de comunicação de massa são as pesquisas e estatísticas.

Por fim, devemos salientar que este capítulo seria originalmente destinado a somente apresentar a crítica à indústria cultural de Theodor Adorno e seus desdobramentos, porém com o aprofundamento dos estudos, as três diferenciações apresentadas nesta introdução, bem como a diferenciação crucial entre meios de comunicação de massa, indústria cultural e internet se mostram necessárias e de grande valor para este estudo.

⁸⁴ Não necessariamente nesta ordem em todas as sociedades.

2.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Uma das primeiras formas de *comunicação mais abrangente* ocorreu à criação do posto de *mensageiro* ainda na Antiguidade ou dos *arautos* como eram conhecidos na Idade Média. Embora alguns fossem tratados como nobres, normalmente o mensageiro era apenas um servo letrado que levava comunicados diversos dos poderosos para a massa. Dos dominadores para os dominados. Evidentemente eram poucos os homens que podiam enviar mensagens, afinal este tipo de comunicação mais abrangente significa um grande poder para quem o possuía. O mensageiro também fazia papel de diplomata, pois era o encarregado de fazer as proclamações solenes, verificar os títulos de nobreza, transmitir mensagens, anunciar a guerra e proclamar a paz. Era comum o mensageiro ser escoltado pela guarda real em suas missões. Qualquer semelhança com nossa realidade atual não é mera coincidência, poderíamos dizer que os mensageiros foram a primeira *mídia*, uma mídia do rei ou do bispo, e dada as diferentes proporções e o contexto histórico o trabalho destes indivíduos se assemelha muito ao que a grande mídia hoje faz. Reparem que não me refiro aos mensageiros como sendo meio de comunicação de massa, mas sim como meio de comunicação mais abrangente, faço pois o alcance de sua comunicação era extremamente restrito à geografia, ao tempo e ao espaço, é claro que não poderíamos de forma alguma chamá-la de massiva.

Para o pensador Teixeira Coelho, antes de mais nada, é preciso fazermos a devida diferenciação entre *meios de comunicação de massa*, *cultura de massa* e *indústria cultural*:

Uma porta de entrada para o assunto pode ser o das relações existentes entre a "indústria cultural", os "meios de comunicação de massa", e a "cultura de massa", expressões hoje comuns e que fazem parte obrigatória de todo discurso sobre esta área. À primeira vista, essas expressões tendem a colocar-se como sinônimas, ou parecem apresentar-se de tal modo que, quando uma é mencionada, as duas outras se seguem automaticamente. Não é assim. Vejamos as relações entre "meios de comunicação de massa" e "cultura de massa". Tal como esta é hoje entendida, para que ela exista é necessária a presença daqueles meios; mas a existência destes não acarreta a daquela cultura. A invenção dos tipos móveis de imprensa, feita por Gutenberg no século XV, marca o surgimento desses meios — ou, pelo menos, do protótipo desses meios. Isso não significa, porém, que de imediato passe a existir uma cultura de massa: embora o meio inventado pudesse reproduzir ilimitadamente os textos da época, o consumo por ele permitido era baixo e restrito a uma elite de letrados.⁸⁵

Os *meios de comunicação de massa* surgem somente a partir do século XV com a

⁸⁵ COELHO, 1993, p.5.

invenção da imprensa de Gutenberg, mas ainda demorou muito tempo para se formar *uma cultura de massa*, afinal o consumo dos bens culturais produzidos massivamente só foram consumidos pela grande maioria da população com o passar dos séculos. Mesmo assim imprensa de Gutenberg instituiu algumas características básicas de todo e qualquer meio de comunicação de massa. Johannes Gutenberg não inventou a imprensa, ele trouxe para Europa e aperfeiçoou uma técnica de impressão já utilizada na Ásia, ele adaptou à técnica oriental caracteres móveis feitos de chumbo que podiam ser utilizados indefinidamente e desenvolveu um tipo especial de tinta para impressão. Com isso um livro poderia ser impresso aos milhares e a informação estaria definitivamente livre para cruzar as fronteiras de tempo e espaço para atingir uma quantidade gigantesca de sujeitos. Assim sendo, a política, a economia, a filosofia e a religião nunca mais seriam as mesmas: estavam abertas as portas para a Modernidade.

A distância entre os conceitos de indústria cultural, comunicação de massa e cultura de massa é demasiadamente pequena, poder-se-ia até pensar que são sinônimos, mas como nos deve ficar claro até o fim deste segundo capítulo, são diferentes, para ser mais preciso o surgimento da comunicação de massa foi crucial para o surgimento da indústria cultural e essa por sua vez gerou uma cultura de massa. Desta forma um conceito está associado ao outro e é desta associação de conceitos que emana ao campo de nossa compreensão exatamente uma das características mais básicas da indústria cultural que pode estar sendo superada pela internet.

Antes de mais nada a comunicação de massa é uma das principais formas de manifestação da indústria cultural. Por *comunicação de massa* entenda-se toda comunicação feita para uma grande quantidade de pessoas através da mídia, seja ela através da televisão, jornais, rádios, cinema e internet e qualquer novo veículo que possa ser futuramente inventado para levar informação e entretenimento à uma grande quantidade e diversidade de indivíduos. Diríamos que definitivamente os meios de comunicação de massa não são meios de comunicação “*da massa*”, mas sim “*para massa*”. Os produtos da indústria cultural são sempre comunicação de massa, porém nem toda comunicação de massa é feita através da indústria cultural.

Já a *cultura de massa* começa a surgir quando além de jornais aquilo que então era o protótipo da indústria cultural começava produzir e vender de forma acessível às massas outros produtos culturais tal como os romances de folhetim. Os jornais traziam as notícias e informações relevantes, já os romances de folhetim entretinham o grande público com uma *arte leve*, de fácil assimilação, pouco crítica, feita exatamente para ser

consumida como qualquer outro tipo de produto de outra indústria. Eles carregavam de forma leve os costumes dominantes de seu tempo, eram publicados em capítulos e possuíam divers tipos de “*ganchos*” para manter a atenção do público forçando a aquisição da publicação seguinte⁸⁶. Teixeira Coelho acrescenta:

Para ter-se uma cultura de massa, na verdade, outros produtos deveriam juntar-se a esses dois (jornais e romances de folhetim), formando um sistema: o teatro de revista (como forma simplificada e massificada do teatro), a opereta (idem em relação à ópera), o cartaz (massificação da pintura) e assim por diante — o que situaria o aparecimento da cultura de massa na segunda metade do século XIX europeu.⁸⁷

Johannes Guttenberg ao inventar a imprensa no século XV certamente tinha as melhores intenções possíveis e aquilo certamente seria ótimo para o esclarecimento humano. Através de sua invenção tornar-se-ia possível publicar e distribuir massivamente preciosas informações e valiosos conhecimentos até então resguardados. Seu feito desencadeou movimentos importantes para a razão humana como a Renascença, a Reforma, a Contra Reforma, as Grandes Navegações e, em certa medida, até mesmo a Ciência e a Filosofia Moderna. Poderíamos então pensar que a imprensa de Guttenberg abriu a possibilidade de levarmos educação e informação para as massas, mas nem tudo ocorreu moralmente como deveria. Muito mais do que apenas comunicar, ao se atingir uma grande quantidade de pessoas consegue-se também exercer poder sobre elas. Desta forma, logo que se começou a publicar massivamente, iniciou-se também o processo de *seleção alienatória*, no qual uma minoria detentora dos meios de comunicação selecionava ardilosamente aquilo que poderia ser comunicado, desta forma tal minoria conseguia imprimir e transportar seus ideais pelo tempo e pelo espaço.

Surgia assim a principal característica da indústria cultural e da cultura de massa: *a seleção de tudo aquilo que será recebido pela grande massa de pessoas, realizada por uma minúscula parcela de indivíduos e corporações de forma industrial e por interesses nem sempre claros aos consumidores*, a este processo damos o nome de *gatekeeping*. Com isso muito mais que comunicar, entreter e exibir, esta parcela que detêm o controle da indústria cultural se torna extremamente poderosa e muito além dos lucros exorbitantes consegue imprimir comportamentos, determinar opiniões, manipular ideias, etc.: consegue imprimir a cultura de massa.

Outro fator que devemos destacar é o fato de que o *feedback* da informação para

⁸⁶ Tal como as novelas e seriados tv, os jogos de videogame com sequências anuais e até os filmes *mainstream* gravados e divididos geralmente em trilogias.

⁸⁷ COELHO, 1993, p.6.

indústria cultural e cultura de massa sempre se deu de maneira impessoal. Nunca houve nenhum esforço sério para criar mecanismos de respostas eficientes, pessoais e diretas durante séculos. Neste sentido a indústria cultural sempre tratou de reificar seu público tratando-o como cifras e estatísticas.

Ao invés de levar esclarecimento às massas, como creio que supunha Guttenberg ao inventar sua imprensa, como veremos agora, sob o controle da indústria cultural a comunicação de massa acaba levando também justamente o seu oposto: *alienação* e *reificação*.

2.2 INDÚSTRIA CULTURAL

Em linhas gerais a *indústria cultural* (*Kulturindustrie*) é um termo crítico criado e apresentado pelos filósofos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer pela primeira vez no capítulo intitulado *O iluminismo como mistificação das massas* na já citada obra *Dialética do Esclarecimento*, com a finalidade de ilustrar a situação de submissão da arte e dos veículos de comunicação frente à economia capitalista e à cultura burguesa em geral. Como o próprio termo já diz, trata-se de um ramo da indústria que produz e distribui produtos culturais, porém o problema que esta prática tão corriqueira para nós habitantes do século XXI produz é extremamente pesado e complexo.

Não existe uma data exata para o surgimento da indústria cultural, porém *Teixeira Coelho* nos faz alguns esclarecimentos sobre esta questão. Primeiramente não se pode falar em indústria cultural antes da Revolução Industrial do século XVIII. Evidentemente foi necessário a pré-existência de uma cultura industrial para que a cultura propriamente dita pudesse passar a ser industrializada. Porém, o fator definitivo que delimitaria a criação de tal atividade economia aparece só alguns anos depois:

(...) surge somente após a formação de “uma economia de mercado, isto é, de uma economia baseada no consumo de bens; é necessário, enfim, a ocorrência de uma sociedade de consumo, só verificada no século XIX em sua segunda metade.”⁸⁸

Dessa forma diríamos que a indústria cultural e sua cultura para massa são frutos do fenômeno da industrialização, mas não somente isso, são fruto da submissão do homem às novas condições de trabalho e consumo burguesas citadas no primeiro capítulo. Ou seja, são fruto da nova forma de economia ditada pelo ritmo das máquinas, pela

⁸⁸ *Idem*.

exploração do homem sobre o próprio homem, pela reificação e pela alienação.

Dois desses traços merecem uma atenção especial: a reificação (ou transformação em coisa: a coisificação) e a alienação. Para essa sociedade, o padrão maior de avaliação tende a ser a coisa, o bem, o produto; tudo é julgado como coisa, portanto tudo se transforma em coisa — inclusive o homem. E esse homem reificado só pode ser um homem alienado: alienado de seu trabalho, que é trocado por um valor em moeda inferior às forças por ele gastas; alienado do produto de seu trabalho, que ele mesmo não pode comprar, pois seu trabalho não é remunerado a altura do que ele mesmo produz; alienado, enfim, em relação a tudo, alienado de seus projetos, da vida do país, de sua própria vida, uma vez que não dispõe de tempo livre, nem de instrumentos teóricos capazes de permitir-lhe a crítica de si mesmo e da sociedade.⁸⁹

Todo e qualquer bem cultural, informação ou arte antes de se tornar produto reproduzido massivamente pela indústria cultural passam pelo minucioso processo de *gatekeeping* a fim de só se produzir e reproduzir aquilo que aceite o fim último de movimentar a maquinaria econômica: seja vendendo produtos, ou seja sendo vendido como produto (e até mesmo ideias e ideais podem ser considerados produtos neste paradigma de reificação). Neste cenário toda cultura, informação e arte deixam de ser fruto de livre expressão e perdem seu poder crítico. Diríamos que tornam-se um produto, fabricado, vendido, consumível e descartável. Assim sendo todos produtos da indústria cultural são produzidos para vender para a maior quantidade de indivíduos possível perdendo seus valores críticos, artísticos e transformadores; ou como dito por Adorno e Horkheimer:

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos.⁹⁰

Com o passar dos anos a indústria cultural só se consolidou cada vez mais, com o desenvolvimento das técnicas de transmissão e reprodutibilidade ganhou dimensões gigantescas ainda na Era da Eletricidade no final do século XIX e com a Era da Eletrônica a partir das décadas de 1930-1940 (período da análise de Adorno e Horkheimer) seu poder de penetração e invasão na vida das pessoas se tornou basicamente irrefreável. A consolidação definitiva da indústria cultural se dá a partir da segunda metade do século XX com o capitalismo monopolista. Nesta época o consumo excessivo e massivo se tornou a principal engrenagem econômica e a indústria cultural ficou encarregada de inflar as necessidades de consumo reais através da publicidade direta e indireta

⁸⁹ *Idem.*

⁹⁰ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.57.

transmitidas com seus produtos.⁹¹ Para *Annie Leonard*, após a Segunda Guerra Mundial economistas e analistas estudavam formas de impulsionar a economia, o estímulo ao consumo era um dos métodos mais discutidos naquele momento e a solução que surgiria como a norma para o funcionamento do capitalismo monopolista teria vindo do economista *Victor Lebow* em seu artigo *Price Competition in 1955*:

Nossa enorme demanda produtiva da economia exige fazemos do consumo nosso modo de vida, que convertamos a compra e uso de bens em rituais, que busquemos nossa satisfação espiritual, nossas satisfações do ego, no consumo. A medida de status social, de aceitação social, de prestígio, está agora a ser encontrada em nossos padrões consumistas de consumo. O próprio significado e importância de nossas vidas hoje se expressam em termos de consumo. Quanto maiores forem as pressões sobre o indivíduo para estar em conformidade com os padrões sociais seguros e aceitos, mais ele tende a expressar suas aspirações e sua individualidade em termos do que ele veste, dirige, come - sua casa, seu carro, seu padrão de alimento e seus hobbies(...) Nós precisamos que as coisas sejam consumidas, queimadas, substituídas e descartadas em um ritmo cada vez mais acelerado.⁹²

Como veremos no decorrer deste trabalho, a indústria cultural não apenas adotou esta norma para a produção de seus produtos como músicas, filmes, romances, etc. como também se tornou o principal veículo transmissor de tal ideologia através de ações como a *obsolescência perceptiva*. Embora a solução apresentada por Lebow seja voltada para as nações ricas e desenvolvidas, a psicóloga *Maria Rita Kehl* ressalta que este não foi um projeto que desprezou a pobreza, com a ação efetiva da indústria cultural se tornou um projeto que contemplou maquiando a realidade ao apontar para os pobres uma falsa perspectiva de ascensão econômica através do trabalho que quase nunca ocorre e funciona como mais um elemento de alienação e replicação da economia burguesa que acaba por propagar nas nações não desenvolvidas a imagem do *Self-made man* que na prática jamais se efetiva para a maioria dos oprimidos⁹³. Para Teixeira Coelho este novo *way of life* propagado pela indústria cultural evidentemente se desenvolveu e consolidou-se primeiramente nos países desenvolvidos, mas através da venda de bens ao nível do imaginário (consumo com os olhos) e da replicação ideológica também exerceu rapidamente seu domínio nos países em desenvolvimento e nos subdesenvolvidos. Segundo ele mesmo nestes países em que a sociedade de consumo sub existe:

O consumo existe antes como valor ainda a alcançar, como meta ainda irrealizada; mesmo assim, ele orienta a organização da sociedade, tendendo a fazê-lo segundo os moldes das sociedades do Primeiro Mundo — razão pela qual todos esses traços típicos da indústria cultural (e seu produto, a cultura de massa) nos países desenvolvidos acabam por aparecer em linhas gerais, na

⁹¹ COELHO, 1993, p.7.

⁹² LEBOW, 1955, p.3. (Livre tradução)

⁹³ Em entrevista dada ao documentário *Beyond Citizen Kane* de 1993.

análise do mesmo fenômeno nas demais regiões.⁹⁴

Após esta breve reflexão sobre como surgiu e se consolidou a indústria cultural, vamos agora nos concentrar em alguns pressupostos que levaram os filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer a elaborarem tal conceito e sua respectiva crítica.

2.2.1 PRESSUPOSTOS DA CRÍTICA À INDÚSTRIA CULTURAL

Dentre os diversos textos críticos à produção cultural sob as rédeas do capitalismo escritos na década de 1930 o pensador Rodrigo Duarte destaca os textos *Sobre o caráter afirmativo da cultura* de Herbert Marcuse e *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica* de Walter Benjamin, como os fundadores de ideias cruciais para o desenvolvimento do conceito e da crítica de Adorno e Horkheimer à indústria cultural.⁹⁵

Quando ainda era uma “classe revolucionária” a burguesia pregou, proclamou e lutou para provar e pôr em prática a ideia de que *todos os homens eram iguais*, por isso mesmo não existiria nenhuma justificativa para a existência da nobreza e sua vida sem necessidade de trabalho para obtenção de luxo e lazer. Porém ao tomar o poder tal classe rapidamente se apoderou de vários costumes dos nobres e sempre fez questão de se mostrar superior a classe operária que continuou sendo oprimida. Na história da humanidade sempre foi comum o grupo vencedor assumir tal postura, o problema desta vez era que ao contrário de outras épocas nas quais até os maiores pensadores justificavam a escravidão, após o fim da modernidade esta prática se tornou descabível e inaceitável, afinal o pressuposto básico da nova era seria o de que todos eram iguais, logo: *ninguém teria o direito de oprimir ninguém*.

Marcuse em seu respectivo texto teria desvelado que o construto estético nos três séculos de domínio burguês se tornou um forte elemento de afirmação ideológica e manutenção do *status quo*. Porém, para Duarte, provavelmente devido à falta de recursos teóricos Marcuse não chegou a fazer a devida distinção entre a arte tradicional e a então nova arte industrializada. Para o pensador brasileiro esta distinção apareceu, ainda que de maneira problemática, somente no referido texto de Benjamin.⁹⁶

Benjamin distingue a arte tradicional em relação à arte massivamente reproduzida ao dizer que a primeira seria dotada daquilo que ele chamou de “*aura*”, que

⁹⁴ COELHO, 1993, p.7.

⁹⁵ DUARTE, 2003, p.20.

⁹⁶ DUARTE, 2003, p.21.

seria uma característica única e não reproduzível de cada obra de arte. A aura torna a obra essencialmente singular, distante e misteriosa. Devido a isto a obra legítima forma seu *valor de culto*, um valor que seria fundamentado no ritual de contemplação e reflexão acerca da história, função e fundamentação da obra em sua singularidade. Reparem que a palavra *culto* nos remete às ideias de religioso, místico e mágico; seria justamente esta dimensão que aura proporcionaria, assim sendo estas obras de artes teriam seu valor justamente por não poderem ser vistas e sentidas pela maioria de nós mortais.

Por outro lado a arte massivamente reproduzida, como o cinema e a fotografia, estaria destituída de aura, porém estaria muito mais próxima da vida e do cotidiano de todos. Seria sem singularidade, porém uma arte popular. Desta forma ela não teria valor de culto, mas sim *valor de exposição*. Este valor se ampliaria quanto mais vezes a obra é reproduzida e quanto mais pessoas ela atinge.⁹⁷

Benjamin tinha a noção de que já na década de 1930 a produção de filmes estava nas mãos de grandes burgueses e que devido a isto o potencial revolucionário e emancipatório desta nova forma de arte jamais seria usado em sua plenitude. Porém, devido ao grande impacto e a apresentação massiva de novos conceitos estéticos, o cinema seria por si só uma crítica a velha maneira de fazer arte, se não uma crítica profunda ao sistema e ao *status quo*, uma crítica aos valores estéticos que vinham sendo replicados há séculos. Com isso a nova arte da era da reprodutibilidade técnica estaria ampliando a percepção sensível humana, fazendo com que a massa pudesse compreender e vivenciar mais seu mundo.⁹⁸

Benjamin se preocupa também em mostrar em que medida especialmente o cinema é, como se disse, o meio de expressão adequado a uma civilização que se tornara essencialmente cinética, inclusive – senão principalmente – em termos perceptivos. A aparelhagem cinematográfica possui a característica de penetrar profundamente na realidade, de registrá-la de um modo muitas vezes fisiologicamente impossível ao olho nu.⁹⁹

Assim sendo, o cinema apresenta um ambiente tecnologicamente modificado onde a massa pela primeira vez na história confronta-se com aquilo que há de mais progressista na arte. Isto acarretaria algo de suma importância: a conciliação entre posicionamento crítico, prazer estético e o grande público. Infelizmente isto ainda não se consolidou, e um dos mais recorrentes ataques à cultura de massa se dá sobre o escopo de que esta proporciona somente entretenimento e nunca esclarecimento, como se uma coisa

⁹⁷ DUARTE, 2003, p.22-23.

⁹⁸ DUARTE, 2003, p.24.

⁹⁹ DUARTE, 2003, p.25.

excluísse a outra automaticamente. Em Benjamin, mesmo isso que chamamos de entretenimento já teria uma importante função crítica, pois libertaria nossa imaginação dos mais diversos cárceres que a vida na sociedade administrada nos impõe. Evidentemente há uma contra partida nisso tudo apontada pelo autor, o espectador desta nova arte sem dúvida é um espectador “mais distraído” que percebe o que está diante de si não mais por meio de contemplação e reflexão, mas sim por meio de “efeito choque” (*Schockwirkung*).¹⁰⁰

O efeito choque ocorre ao confrontar o sujeito com a negação de valores socialmente estabelecidos, valores estéticos, artísticos e até mesmo morais. O choque se dá principalmente frente a diferença em relação àquilo que nos acostumamos a ver como arte. As próprias características técnicas do cinema com sua repetição de imagens que formam um movimento contínuo impediriam a contemplação clássica, o filme seria feito para causar *distração*. A distração seria um tipo de percepção imediata e superficial que é absorvida pelos espectadores de maneira basicamente “tátil”, desta forma poderíamos dizer que por meio do efeito choque a forma de assimilação da arte não só mudou, mas também ficou mais dinâmica e ao mesmo tempo mais pobre.¹⁰¹

Assim sendo, não seria exagero falarmos que de um lado o efeito choque é uma consequência da nova organização social dinâmica e urbana, e de outro lado, ele acaba por reforçar toda miséria de experiências da então nova lógica social. A constatação que o filósofo faz posteriormente na obra *O Narrador* aprofunda ainda mais esta dicotomia dos tempos modernos, em que temos simultaneamente esclarecimento e alienação, onde algumas formas de percepção e comunicação são ampliadas e outras, como a narrativa, são basicamente extintas do cotidiano. Por isso mesmo o choque é para Benjamin a base de uma nova estética alinhada aos tempos modernos, não que isso seja uma constatação totalmente de apoio à nova arte:

A posição assumida por Benjamin na segunda metade dos anos 30, não pode, entretanto, ser compreendida como um *part pris* definitivo e inequívoco a favor da reprodutibilidade técnica da obra de arte. Além de várias passagens deste texto em que o autor mostra estar consciente dos problemas com ela advindos, não se pode deixar de considerar as colocações expressas em outros escritos do mesmo período. O contraste mais evidentemente ocorre com relação a “O narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”. Neste texto Benjamin começa com a constatação de que se atrofiou em nós a capacidade de narrar, de um modo geral mesmo aquilo que mais profundamente nos diz respeito(...)¹⁰²

¹⁰⁰ DUARTE, 2003, p.25-27.

¹⁰¹ DUARTE, 2003, p.27.

¹⁰² DUARTE, 2003, p.28.

Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno que foi amigo pessoal e estudou muito a obra de Benjamin não ficou tão entusiasmado com as novas formas de produção e reprodução artística, pelo contrário, ele viu muito bem o perigo que isto representava a todos aqueles que desejavam fazer do mundo um lugar mais justo. Após ser expulso da Alemanha nazista devido aos seus trabalhos relacionados ao marxismo, Adorno ao se fixar nos Estados Unidos passou a se dedicar exatamente ao estudo da nova arte, antes de se mudar para a Califórnia e se deparar com a grandiosidade da indústria do cinema ele manteve seu foco na questão da música e da reprodução radiofônica. Logo nos primeiros anos em solo americano participou do *Pincenton Radio Research Project* e em seu artigo *O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição* aparecem indícios tanto de uma resposta ao entusiasmo benjaminiano, quanto às bases para a crítica à indústria cultural.¹⁰³

Para Adorno há uma diferença clara entre a música leve (ou música de entretenimento) e a música em seu sentido clássico. Tal diferença estaria há séculos sendo suprimida, mas deveria ser resgatada antes que a tirania da indústria fonográfica tornasse impossível tal feito, afinal, essa indústria teria como interesse reificar totalmente a música afim de ampliar seus lucros a níveis estratosféricos. Em um outro artigo seu intitulado *Sobre Música Popular*¹⁰⁴ (*On Popular Music*) Adorno esclarece que sua crítica é acima de tudo à *standardização* (*standardization*) da nova música¹⁰⁵, não ao talento dos músicos pop, na verdade em alguns casos os músicos populares demonstravam talento e complexidade até superiores à muitas músicas clássicas, sua crítica se dá ao fato de que a indústria da música esteriliza todo este talento em nome do lucro, desta forma é errado dizer que para Adorno a diferença entre música clássica e música leve (popular, ou hoje música pop) se daria no nível de qualidade ou complexidade.¹⁰⁶ Segundo Duarte, a diferença básica é que na música de massa as partes individuais que a constituem não tem qualquer influência sobre o todo, em contrapartida na música erudita a totalidade posta pela obra leva em consideração cada momento em particular.¹⁰⁷ A música de entretenimento seria uma música feita para o consumo, enquanto a música em sua concepção clássica exigiria contemplação, porém com o avanço da indústria da música a linha divisória entre ambas estaria sendo destruída e as duas formas artísticas estariam

¹⁰³ DUARTE, 2003, p.30.

¹⁰⁴ Visto que hoje nos acostumamos a chamar de “popular” a música folclórica, o termo usado por Adorno talvez fique mais adequado se chamarmos de música “pop”.

¹⁰⁵ ADORNO, 1986, p.120-122.

¹⁰⁶ DUARTE, 2003, p.35.

¹⁰⁷ DUARTE, 2003, p.31.

sendo radicalmente reificadas na forma banal de mercadoria. Quando isso ocorre o “consumir música clássica” em nada mais supera o “consumir música leve”, pois o valor de ambas estaria reduzido ao nível de fetiche:

Mediante a consideração desses fenômenos musicais mais acessíveis como mercadoria, surge uma contribuição essencial para a elaboração posterior da crítica à indústria cultural, a saber, a re colocação do conceito marxiano de fetichismo no sentido de compreender sua especificidade no tocante às mercadorias culturais (...) Segundo Marx, o caráter do fetiche da mercadoria advém do fato de seu caráter de coisa esconder as relações sociais, de exploração do trabalho alheio pelo capital, que de fato a produzem. Daí a mercadoria se torna algo misterioso, místico e “metafísico”: um objeto inanimado que parece ter vida própria, fora do controle tanto daqueles que produzem, quanto daqueles que consomem.¹⁰⁸

Com base no pensamento de Marx, Adorno escreve que da mercadoria cultural industrializada surgia uma nova forma de fetiche no qual o valor não estaria associado às relações de produção ocultas, muito menos ao primitivo valor de uso, o valor do produto cultural viria justamente da suposta ausência de valor de uso. Assim sendo, só consome estes produtos quem tem tempo e dinheiro para entreter-se num mundo onde o trabalho e a produção abundante tornaram-se a regra. Desfrutar da música, seja clássica ou não, tornou-se fetiche neste sentido.

A principal oposição entre a visão de Adorno e Benjamin aparece quando Theodor Adorno adentra a questão do *tipo de consciência* formada por aqueles que consomem a arte e cultura fetichizada. A “distração” que era vista de maneira dicotômica por Benjamin, passa a ser vista de maneira totalmente negativa por Adorno. No caso da música a distração significaria uma *regressão da audição* na qual o público se tornaria cada vez mais incapaz de avaliar aquilo que é oferecido pelos cada vez mais poderosos monopólios culturais. Fazendo a devida adaptação do conceito originalmente marxiano ao nível cultural é possível dizermos que a distração estaria potencializando o processo de alienação dos sujeitos, ou como dito pelo próprio filósofo Theodor Adorno:

O modo de comportamento perceptivo, através do qual se prepara o esquecer e o rápido recordar da música de massas, é a desconcentração. Se os produtos normalizados e irremediavelmente semelhantes entre si, exceto certas particularidades surpreendentes, não permitem uma audição concentrada sem se tornarem insuportáveis para os ouvintes, estes, por sua vez, já não são absolutamente capazes de uma audição concentrada. Não conseguem manter a tensão de uma concentração atenta, e por isso se entregam resignadamente àquilo que acontece e flui acima deles, e com o qual fazem amizade somente porque já o ouvem sem atenção excessiva. A observação de Walter Benjamin sobre a percepção de um filme em estado de distração também vale para a música ligeira. O costumeiro jazz comercial só pode exercer a sua função quando é ouvido sem grande atenção, durante um bate-papo e sobretudo como

¹⁰⁸ DUARTE, 2003, p.32.

acompanhamento de baile.¹⁰⁹

Seguindo o raciocínio de Adorno a nova música leve e industrializada estaria formando um ouvinte acrítico que ele chamava de *jazzsubjekt*, um ser alienado, reificado, com muito tempo e dinheiro para o entretenimento, porém sem nenhuma liberdade, pois sem capacidade crítico-reflexiva torna-se totalmente despolitizado, individualista¹¹⁰ e preparado a apoiar projetos políticos autoritários se lhe for passada a ideia de que isso vai lhe trazer *bem estar*. O *jezzsubjekt* não é livre porque seria como a versão contemporânea do indivíduo na menor idade moral de quem Kant falava em sua resposta à pergunta o que é esclarecimento.

Toda dependência do *jezzsubjekt* e sua pseudoindividualidade se revelam a partir do *mecanismo de plugging* apresentado por Adorno em seu artigo *On Popular Music*. Em suma *plugging* é uma atitude pensada e elaborada pelos diversos entes envolvidos na produção de um bem cultural como uma música. Quando empresários de gravadoras, estações de rádio e lojas de disco se unem para “lançar” o novo *hit* e fazem a tal música tocar *ad nauseam* em várias estações de rádio e canais de TV com a finalidade de domesticar o público a se acostumar e “gostar” da nova música, isso configura um *plugging*. Porém, esta atitude não teria como fim último produzir um *hit* em específico, sua finalidade seria standardizar a música e o gosto musical das massas, para poder guiar o mercado e garantir um “sucesso” após o outro ganhando sempre mais e mais dinheiro, com isso “*Os ouvintes se tornam tão acostumados à repetição das mesmas coisas que reagem automaticamente.*”¹¹¹ Desta forma chegamos à *teoria sobre o ouvinte da nova música* elaborada por Adorno.

Segundo Rodrigo Duarte, ser um fã incondicional, ou ainda um consumidor assíduo da cultura de massa requer engajamento psicológico para se deixar ser enganado pela mesma, pois seus propósitos alienatórios são evidentes.¹¹² Para Adorno literalmente o fã de um artista da música pop (por exemplo) literalmente se metamorfa em inseto, num *jitterbug* que gasta toda sua energia voando em volta de uma lâmpada e só terminam sua fissura quando morre queimado ou exausto. Porém um *jitterbug* não deve ser encarado

¹⁰⁹ ADORNO, 1996, p.92-93.

¹¹⁰ Este é justamente o termo mais adequado, pois para Theodor Adorno o este sujeito culturalmente alienado não chega a constituir uma individualidade, mas sim uma pseudoindividualidade, é alguém que embora pense ser audaz como Ulisses, na verdade é só mais um sujeito manipulado pelo sistema econômico e político, é alguém completamente amarrado à embarcação.

¹¹¹ ADORNO, 1986, p.125.

¹¹² DUARTE, 2003, p.37.

como um ser fraco e insignificante, pelo contrário, trata-se de um ser potencialmente perigoso, que por ser tutelado por forças que propositalmente não quer entender, torna-se capaz de praticar algum tipo de violência incognoscível a qualquer momento. Um homem torna-se inseto de forma consciente pois de alguma maneira se identifica e (ou) sente algum prazer com isso, um *jitterbug* não é alguém que simplesmente desiste de si mesmo e passa a viver de forma submissa e alinhada, é alguém que faz isso de forma ativa e pensada, por isso mesmo Adorno nos faz as seguintes indagações:

(...) até que ponto ainda se justifica toda a distinção psicanalítica entre o consciente e o inconsciente. As atuais reações das massas são bem pouco veladas da consciência. O Paradoxo da situação é que é quase insuperavelmente difícil romper este fino véu. Mesmo assim a verdade não é mais subjetivamente tão inocente quanto se esperava que fosse. Isso se mostra pelo fato de que, na práxis política dos regimes autoritários, a mentira ostensiva, na qual ninguém efetivamente acredita, está cada vez mais substituindo as “ideologias” de ontem, que tinham o poder de convencer aqueles que acreditavam nelas. Por isso, não podemos nos contentar simplesmente com afirmar que a espontaneidade foi substituída pela cega aceitação do material imposto (...) Pelo contrário, a espontaneidade é consumida pelo tremendo esforço que cada indivíduo deve fazer para aceitar o que lhe é imposto – um esforço que se desenvolveu exatamente porque o véu que recobre os mecanismos de controle se tomou tão tênue.¹¹³

No atual item deste trabalho conhecemos alguns pontos teóricos que serviram de base para o desenvolvimento do conceito e da crítica de Adorno à indústria cultural, porém como veremos no item seguinte, tal conceito e crítica só aparecem após o filósofo se mudar para a Califórnia, entrar em contato com a grandiosidade da indústria de Hollywood e firmar uma parceria intelectual com o amigo e filósofo alemão Max Horkheimer.

2.2.2 A CRÍTICA À INDÚSTRIA CULTURAL

Fruto da parceria entre Theodor Adorno e Max Horkheimer o capítulo *Indústria cultural – O esclarecimento como mistificação das massas* do livro *Dialética do Esclarecimento*, muito mais que apresentar o conceito de indústria cultural, foi elaborado para tecer uma forte crítica ao então novo modelo de produção cultural. Ao nos depararmos com o termo “indústria cultural”, ao contrário do conceito de “cultura de massa” que nos proporciona o ledó engano de pensarmos uma cultura feita pela massa, temos instantaneamente a noção de que trata-se de uma cultura feita de forma industrial para o consumo massivo. Assim sendo, para Rodrigo Duarte: o conceito de indústria

¹¹³ ADORNO, 1986, p.146.

cultural diz respeito a “*um ramo de atividade econômica, industrialmente organizado nos padrões dos grandes conglomerados típicos da fase monopolista do capitalismo(...)*”¹¹⁴ O referido capítulo está dividido em sete partes distintas que foram publicadas sem título e lidam sobre os seguintes temas:

I- Para Adorno e Horkheimer o declínio do poder da religião com seus resquícios considerados pré-capitalistas não levou a um caos cultural como alguns poderiam supor, pois a indústria cultural assumiu seu lugar como sistema de associação ideológica ao *status quo*. Julgo que se nos tempos pré-capitalistas o sujeito saía de sua casa e ia até o templo para receber a doutrinação vigente e para cumprir seu dever com a divindade, no capitalismo moderno a indústria cultural passou a levar o templo até a casa do sujeito, afinal as novas demandas industriais não dão mais espaço ao *shabat*. “*Até mesmo as manifestações estéticas de tendências políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo de aço.*”¹¹⁵ Tal como desejava o economista Victor Lebow a religião dominante teria passado a ser a produção e o consumo, enquanto o capital tornou-se a divindade máxima do mundo capitalista.

A liturgia da indústria cultural falsifica a identidade dos sujeitos que consomem seu maná, isso porque a cultura perde toda autonomia frente ao seu poderio. Sob sua tutela a produção cultural deixa de ser uma expressão legítima do espírito humano e passa a ser apenas mais um setor do sistema econômico. Assim sendo, os produtos da indústria cultural só não são espontâneos como também são estranhos, no sentido marxiano, aos interesses dos consumidores. Por mais que livros, músicas e filmes se destinem aos sujeitos do grupo x ou y, na verdade todos seriam produzidos somente de acordo com os interesses da própria indústria cultural. Aliás, é somente desta maneira reificada que a indústria cultural quer tratar seu público, quer reduzi-los sempre ao nível de estatísticas, ou como foi bem observado pelos pensadores alemães:

As distinções enfáticas que se fazem entre os filmes das categorias A e B, ou entre as histórias publicadas em revistas de diferentes preços, têm menos a ver com seu conteúdo do que com sua utilidade para a classificação, organização e computação estatística dos consumidores. Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos.¹¹⁶

No ramo das comunicações a passagem do capitalismo liberal para o capitalismo

¹¹⁴ DUARTE, 2003, p.50.

¹¹⁵ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.57.

¹¹⁶ *Idem*.

monopolista teria se dado tal como a passagem do telefone para o rádio.¹¹⁷ Para Adorno e Horkheimer o telefone é “liberal”, pois permite que todos os participantes desempenhem sua função de sujeito na comunicação, é um meio de comunicação individual-interpessoal como dito na introdução deste capítulo. Por outro lado, o rádio se diz “democrático” por levar a comunicação às massas, mas na verdade entrega todos aos interesses e a tirania das emissoras que fazem o possível para controlar qualquer possibilidade de *feedback* não reificado.

Por mais poderosa que possa ter se tornado a indústria cultural em seu formato clássico, os filósofos da Escola de Frankfurt observam que ela não é um ramo economicamente autônomo, na verdade é um ramo extremamente dependente de outros setores econômicos, ou pelo menos era assim na década de 1940. Ela é imediatamente dependente das indústrias fornecedoras de energia; num segundo instante depende dos bancos e agências de financiamento; Por fim, depende de todos anunciantes e patrocinadores.¹¹⁸ Somente depois de toda esta dependência ela se torna soberana com seus produtos e passa a exercer poder sobre seu público.

Ao fim desta primeira parte Adorno e Horkheimer avaliam a então nova tecnologia da comunicação que era a televisão. Ela seria a síntese do rádio com cinema, exatamente por isso causava certa apreensão aos pensadores, pois ela somaria a penetração no cotidiano do rádio com o poder de distração do cinema, diríamos que viram na televisão o potencial desta se tornar a mais poderosa máquina de alienação cultural já criada – a *gesamtkunstwer* às avessas.¹¹⁹

II- A compreensão mais adequada desta segunda parte exige certo conhecimento prévio de alguns elementos da *Crítica da Razão Pura* de Immanuel Kant que não temos a intenção de aqui nos aprofundarmos, porém nos deve ser claro que nossa faculdade de julgar - de analisar casos específicos de acordo com normas gerais - é uma habilidade ímpar de todo ser racional e a incapacidade de operá-la nos torna estúpidos. Pois seria tentando usurpar esta habilidade e também nossa capacidade de dar significado as coisas que a indústria cultural trabalharia.

Ela faria isso pois assim deixa seu público previsível e a previsibilidade é uma poderosa arma para potencializar a venda de seus produtos e dos produtos dos

¹¹⁷ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.57.

¹¹⁸ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.58.

¹¹⁹ *Idem.*

anunciantes. A questão moral que estaria por trás disto tudo é que muitas vezes a indústria cultural precisa intervir na capacidade de dar significado as coisas, principalmente quando os significados e opiniões que emergem da massa destoam das intenções dos anunciantes. Desta forma a indústria cultural distorce a realidade e fortalece a alienação, isso fica evidente quando nos damos conta que o telejornal há muito tempo foi superado pela novela na hora de lidar com a opinião pública. A personagem que morre na novela causa comoção e debates muito mais acalorados do que as dezenas que morrem nas ruas e aparecem nos jornais. Devemos lembrar que a alienação também se dá a partir dos “temas polêmicos” que normalmente aparecem em segundo plano na teledramaturgia, por exemplo. Quando um autor aborda em sua novela um tema como “homossexualismo e homofobia” não faz isso para causar reflexão e diálogo sincero em seu público, faz para pregar as intenções ideológicas de sua emissora e dos respectivos anunciantes sobre o tema. Não são poucas as pessoas que “conhecem a realidade” de temas tão delicados a partir das dramatizações tendenciosas da indústria cultural, com isso alguns passos importantes são dados na direção da alienação das massas. Ao assistir o drama antes de vivenciar o fato, a força crítica e chocante da realidade se dissipa, (*nos tornamos mais insensíveis*) e ao saber de antemão o que aconteceu naquela situação na novela nos preparamos não para enfrentarmos aquela situação da melhor forma possível, mas para agirmos exatamente como as classes dominantes desejam para que eles consigam continuar a exercer seus domínios sem interrupções (*nos tornamos previsíveis*).

III- Além da insensibilidade e da previsibilidade a indústria cultural estimula o *conformismo*. Com suas fábricas de ilusões ela visa o monopólio dos sonhos. De “impossível” são chamados todos os sonhos revolucionários, ou que visem qualquer mudança mais radical no *status quo*. Os “sonhos impossíveis” nada mais são do que um impulso de retorno à natureza na tentativa de superar a dominação que se impõe na vida na sociedade administrada, por isso a indústria cultural faz questão de subjugar-los até que se tornem ridículos frente aos olhos das massas, assassinando-os antes que possam se tornar realidade. Restam apenas os sonhos alinhados com a programação da indústria cultural, sonhos geralmente ligados ao consumo e ao bem estar particular – sonhos conformistas.

Com a finalidade de deixar claro que a máquina econômica funciona bem sem que sejam necessárias mudanças radicais, a indústria cultural se esforça para esterilizar qualquer força revolucionária oriunda da arte ao incorporar em sua lógica não somente a

arte leve, mas também a arte autônoma e verdadeira. Toda arte quando torna-se um produto da indústria transforma-se em um elemento de prolongamento da lógica de alienação e da suga energética que o sujeito sofre enquanto trabalhador, por isso mesmo qualquer resquício que necessite um esforço intelectual além do “efeito choque” benjaminiano não é bem-vindo:

O prazer com a violência infligida ao personagem transforma-se em violência contra o espectador, a diversão em esforço. Ao olho cansado do espectador nada deve escapar daquilo que os especialistas excogitaram como estímulo; ninguém tem o direito de se mostrar estúpido diante da esperteza do espetáculo; é preciso acompanhar tudo e reagir com aquela presteza que o espetáculo exhibe e propaga.¹²⁰

Ao chegar em casa e ligar a televisão ou o rádio, o sujeito é avisado que sua condição de submissão à lógica capitalista continua vigorando entre o período em que assina a saída em sua folha ponto e o momento da próxima assinatura de entrada. A indústria cultural lembra com seus produtos que o ócio é somente uma extensão do trabalho, é apenas um período para recuperarmos as energias antes de uma nova jornada:

Assim como o Pato Donald nos *cartoons*, assim também os desgraçados na vida real recebem a sua sova para que os espectadores possam se acostumar com a que eles próprios recebem.¹²¹

Rimos da situação do Pato Donald para estarmos conformados no momento em que fomos açoitados por semelhante desgraça. Para Adorno e Horkheimer somos o “pato” da história e a indústria cultural se encarrega de fazer com que tal horror nos seja assimilado da forma mais leviana que for possível.

IV- A indústria cultural reduz todos e cada um à estatísticas, não só estatísticas de consumo e audiência, mas a todo tipo de estatística social. Seria justamente esta a principal forma de reificação realizada pela indústria cultural. Rodrigo Duarte salienta que o cálculo de probabilidade sobre as estatísticas é apresentado quase como um destino fatídico a nós mortais. Tal predestinação visa nos fazer conformados com dito no item III, porém não desesperançosos, pois é *falsificando a esperança* que ela consegue aumentar a fé do público nela mesma, nos anunciantes e em tudo mais que lhe convêm do *status quo*.

Os produtos da indústria cultural são padronizados com base nas estatísticas para garantir a padronização das estatísticas futuras. Embora exista o forte empenho dos

¹²⁰ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.65.

¹²¹ *Idem*.

poderosos ocultarem esta informação, por detrás dos números e gráficos existem pessoas que riem, pensam e choram. Incapaz de domesticar esta realidade a sociedade administrada incumbe a indústria cultural de reduzir os homens ao nível de “seres genéricos”, seres esses que riem, pensam e choram... porém só riem, pensam e choram daquilo previamente programado. O ser humano em sua complexidade acaba padronizado e reduzido à sua semelhança, à um ser genérico e como salientado por Adorno e Horkheimer: “*A semelhança perfeita é a diferença absoluta.*”¹²²

Num sistema de desigualdades sociais extremas é evidente que somente alguns possam vencer e que a grande maioria fracassará. Segundo Adorno e Horkheimer no capitalismo o homem estaria reduzido a *Success or Failure*. Existiriam apenas os bem sucedidos e os fracassados. Ou você é um ou é outro. O único jeito de não fracassar é jogando. Assim, os meios de comunicação falam como “a voz de cada indivíduo”, mas na verdade são os encarregados de manter todos calados: da sala de aula aos sindicatos, da filosofia ao crime organizado, das igrejas às redes sociais, nada pode escapar de seu calculado planejamento. “*As inúmeras agências de produção em massa e da cultura por ela criada servem para incluir no indivíduo os comportamentos normalizados como únicos naturais, decentes e racionais.*”¹²³ Sabendo disso a indústria cultural sempre está fazendo sorteios mirabolantes e concursos que dão a qualquer um “a chance de mudar de vida”, sem falar da constante exibição e ostentação das conquistas de seus astros. A vida é exibida na tela como um grande *jogo de azar* e viria da própria indústria cultural a chance de fazer de um miserável um homem rico através de um sorteio, ou de revelar o talento musical de uma dona de casa em um programa de talentos. Desta forma a indústria cultural torna o acaso um ato planejado e só se dispõe a dar o prêmio ao vencedor, pois antes vendeu e lucrou muito com a mera (porém suficiente) probabilidade da contemplação.¹²⁴

Diríamos que por trás da aparente irracionalidade de produtos como *game shows* revela-se uma inteligência racionalmente ardilosa que tem por fim último replicar e manter o conformismo e a ideologia do *status quo*. Aliás, seria para Duarte esta a ideologia propagada pela indústria cultural, algo completamente diferente e mais pragmático do que qualquer outra ideologia já vista:

(...) enquanto as formas ideológicas tradicionais eram veiculadas mediante interpretações da realidade, a nova ideologia tempor objeto o mundo enquanto

¹²² ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.69.

¹²³ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.16.

¹²⁴ DUARTE, 2003, p.61-62.

tal, i.e., os meios de reprodutibilidade técnica permitem uma espécie de reconstrução do mundo, que, à maneira do que se viu em relação ao esquematismo kantiano, dispensa interpretações (...) ¹²⁵

Este viés de grande poder alienatório é a *promessa de felicidade* que é sempre vendida em quase todos produtos da indústria cultural, claro que essa promessa é tão falsa quanto o sorriso de um carrasco ou da promessa de liberdade dada a todos recém chegados nos campos de extermínio na Segunda Guerra Mundial. Também poderíamos definir a arte autônoma como promessa de felicidade, porém existe uma gigante e gritante diferença entre as promessas da arte verdadeira e da cultura pop. Por exemplo: é normal vermos em novelas, filmes e músicas a exibição despudorada do mito do "amor sem classes". Um dos maiores clichês é ver o galã rico que apaixona-se pela mocinha pobre e vice-versa. Também é notória a quantidade de histórias reproduzidas nas quais a família rica e socialmente bem sucedida esconde uma série terríveis escândalos que impossibilita a felicidade de seus membros, em contrapartida o núcleo pobre da trama traz personagens batalhadores que em meio a todas as adversidades da vida conseguem gozar de uma felicidade invejável. Tudo isso se dá para reforçar e naturalizar a mito de que é na servidão que reina a verdadeira felicidade, mito este que conta a fantasiosa mentira de que não é necessário *profanar* ¹²⁶ a ordem vigente se buscamos a transformação da realidade, com isso vende-se a ideia de que lutar por algo assim seria pôr em risco a felicidade individual. Evidentemente a indústria cultural faz isso com pretensão de ocultar o fato de que na verdade tal luta seria ameaçadora somente para as classes dominantes. A diferença principal entre as promessas de felicidade da arte e a semelhante promessa da indústria cultural reside no fato de que a promessa artística se realiza enquanto crítica imanente da realidade vigente, já a promessa dos produtos culturais nunca se cumprirá efetivamente, pois em sua lógica, tal como notamos aqui no item IV, o sucesso é necessariamente para poucos e para a maioria restante sobra-lhes a admiração e (ou) recalçamento. ¹²⁷

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio. (...) A felicidade não deve chegar para todos, mas para quem tira a sorte, ou melhor, para quem é designado por uma potência superior – na maioria das vezes a própria indústria do prazer, que é incessantemente apresentada como estando em busca dessa pessoa. As personagens descobertas pelos caçadores de talentos e depois lançadas em grande escala pelos estúdios são tipos ideais

¹²⁵ DUARTE, 2003. P.62-63.

¹²⁶ cf. AGAMBEN, 2007.

¹²⁷ Este respectivo parágrafo foi escrito com base nas postagens e nos debates virtuais que tive pelo Facebook com o colega e inimigo Jeverton Soares Dos Santos, deixo aqui a devida referência.

da nova classe média dependente. A *starlet* deve simbolizar a empregada de escritório, mas de tal sorte que, diferentemente da verdadeira, o grande vestido de noite já parece talhado para ela.¹²⁸

V- A indústria cultural respeita “a liberdade formal de cada um”, mas costuma a não dar espaço ao inesperadamente diferente, o espaço principal é destinado para aqueles que se identificam completamente com o *status quo* a partir da já citada falsa mimeses e conseguem destaque nesta situação. O “sucesso” das estrelas midiáticas seria o presente dado aos que mantêm o compromisso afetivo particular com o sistema e ainda conseguem despertar nos outros tamanha afeição. Segundo Duarte, Adorno e Horkheimer constataram que a indústria cultural aos poucos estaria acabando com a dimensão estética da tragédia e seus heróis revolucionários, pois sua lógica desencorajaria qualquer atitude revolucionária, como vimos no item IV: lutar por algo assim seria pôr em risco a felicidade individual. Para os filósofos alemães tal questão é ainda mais profunda:

A liquidação do trágico confirma a eliminação do indivíduo (...) Na indústria, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universal está fora de questão. Da improvisação padronizada no jazz até os tipos originais do cinema, que têm de deixar a franja cair sobre os olhos para serem reconhecidos como tais, o que domina é a pseudoindividualidade. O individual reduz-se à capacidade do universal de marcar tão integralmente o contingente que ele possa ser conservado como o mesmo.¹²⁹

VI- Os filósofos alemães mais uma vez reafirmam a questão da parte II referente ao fato de que dos sujeitos a indústria cultural toma qualquer poder de decisão, porém aqui no item VI isto é radicalizado. A doutrinação transmitida pelos meios de comunicação de massa faria com que até mesmo as decisões mais íntimas dos sujeitos sejam previsíveis. Por isso para Adorno e Horkheimer a alienação imposta pelo sistema econômico e potencializada pela indústria cultural impediria que os sujeitos exerçam sua individualidade, impediria o real esclarecimento e a autonomia dos mesmos, restando-lhe apenas uma encruzilhada de escolhas superficiais que convergem todas sempre à resignação do particular no universal.¹³⁰

Evidentemente para que os produtos culturais tenham tamanho poder seria necessário que lhes sejam atribuídas forças oriundas de outras fontes. Como vimos anteriormente, tal atribuição é feita através da fetichização, porém a grande surpresa presente na *Dialética do Esclarecimento* é que a fonte da fetichização seria justamente “a

¹²⁸ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.66-67.

¹²⁹ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.73.

¹³⁰ *Idem*.

obra de arte autônoma” – o exato oposto da arte industrializada.

Segundo Rodrigo Duarte, mesmo quando incorporada pela indústria cultural a obra de arte autônoma nega o caráter mercantil da sociedade e segue sua própria lei. Temos que ter em mente que quanto mais útil ou pragmático, aos olhos do sistema econômico uma obra pode ser, mais pobre ela se faz para o ser humano, a obra de arte autônoma que é necessariamente crítica, nos apresenta novos horizontes, causa certa perplexidade diante da ordem vigente, faz percebermos nossa ignorância e fragilidade diante das coisas do mundo, exatamente por isso – por ser livre frente às leis do mercado – a arte verdadeira pode ser chamada de “autônoma” e conseqüentemente “inútil” ao sistema. Tal autonomia “inspira” a indústria cultural a sobrevalorizar seus produtos em virtude da aparente inutilidade. Digo “aparente inutilidade”, pois ao contrário da arte verdadeira, a arte leve¹³¹ compre muito bem seu papel no auxílio da replicação do *status quo*. Lembrando rapidamente o texto *Sobre o Caráter Afirmativo da Cultura* do filósofo Herbert Marcuse, diríamos que esta “inutilidade” é vendida como “nobreza”, como algo realmente “supérfluo” cujo deleite é privilégio de alguns poucos “escolhidos”. Desta forma os produtos culturais se tornam incomensuráveis, definir um valor de troca como é feito por outros produtos industrializados se torna impossível. Isto tudo potencializa o valor de fetiche das obras – temos músicos pop cobrando milhões por um show e um quadro de Paul Cézanne custando mais de duzentos e cinquenta milhões de dólares americanos para ser pendurado na parede de uma sala – porém é necessário ressaltar que todo este valor não passa de *ostentação*.¹³² No lugar do “admirador e conhecedor de arte”, temos agora o “ostentador de produtos culturais”, alguém que sobrevaloriza o fútil e adora se sentir superior ostentando a quantidade de livros que leu, de filmes que assistiu, de museus que visitou, de shows de música que frequentou, etc.

Segundo Adorno e Horkheimer, com produtos tão poderosos em mão a indústria cultural passa a se comportar com seu público tal como um ditador comporta-se com seu público. Em pleno vivenciar da mais terrível das guerras, a comparação do fortalecimento da indústria cultural com a ascensão do totalitarismo na Europa daquela época se tornou inescapável:

Um belo dia, a propaganda de marcas específicas, isto é, o decreto da produção escondido na aparência da possibilidade de escolha, pode acabar se transformando no comando aberto do Führer. Numa sociedade dominada pelos grandes bandidos fascistas, que se puseram de acordo sobre a parte do produto social a ser destinado às primeiras necessidades do povo, pareceria enfim

¹³¹ Ou mesmo a arte autônoma após ser incorporada e transformada em mercadoria pela indústria cultural.

¹³² DUARTE, 2003, p.65-67.

anacrónico convidar ao uso de um determinado sabão em pó. O Führer ordena de maneira mais moderna e sem maior cerimônia tanto o holocausto quanto a compra de bugigangas.¹³³

Assim sendo, a monopolização da capacidade de dar significado as coisas feitas pela indústria cultural impugna qualquer crença de que a difusão massiva de informação e cultura usando os meios tecnológicos de reprodutibilidade possam gerar esclarecimento de acordo com a visão de Adorno e Horkheimer, muito pelo contrário: a indústria cultural potencializaria a alienação imposta pela lógica capitalista.

VII- Esta parte desvela a questão do caráter publicitário assumido pela produção e distribuição cultural no capitalismo tardio. Segundo Rodrigo Duarte, este seria um dos desdobramentos mais importantes deste capítulo, pois:

Para Adorno e Horkheimer, a publicidade aparece como um dos principais responsáveis pela plena inserção da indústria cultural no âmbito da dialética do esclarecimento, i.e., da regressão à mitologia mediante um – unilateral – desenvolvimento superlativo da racionalidade.¹³⁴

Já na década de 1940 os respectivos filósofos críticos percebiam a quase absoluta confluência entre a mensagem do produto cultural e a mensagem do patrocinador. Eles perceberam algo que hoje já é banal: o fato de que os produtos da indústria cultural são por si só o marketing dos anunciantes. Hoje o leitor mais esclarecido já fica desconfiado ao ver que na mesma revista que está rasgando elogios ao novo automóvel coreano existem pelo menos cinco páginas de publicidade pagas pela fabricante do referido veículo, porém isso não era tão óbvio em 1947. Seguindo este pensamento, seria a publicidade o elixir da existência da indústria cultural e cada vez mais as empresas buscariam o marketing através de produtos culturais, pois por mais altos que possam ser, os gastos com publicidade normalmente se convertem em lucro para os anunciantes.

Dada toda esta magnitude da publicidade, após esta análise mais geral do conceito e da crítica de Adorno e Horkheimer à indústria cultural, vamos agora dar atenção especial aos fenômenos da *obsolescência programada* e da *obsolescência perceptiva* que são verdadeiras assinaturas do casamento ente indústria cultural, publicidade e consumo.

¹³³ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.75.

¹³⁴ DUARTE, 2003, p.68.

2.2.3 OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA, OBSOLESCÊNCIA PERCEPTIVA E INDÚSTRIA CULTURAL

Já nos deve estar claro que uma vez que a necessidade do consumo de tais bens não vem dos consumidores, mas sim da indústria, podemos dizer que a indústria cultural definitivamente reduz o ser humano de sua condição de sujeito, para uma rebaixada posição de objeto, ou ainda, nos reduz à dimensão de *consumidor* ou menos: *estatística de consumo*. Consumidor não somente de seus produtos culturais como músicas, revistas, filmes, programação de televisão e tudo mais que faz parte da cultura pop, mas também consumidor de todo tipo de *bugigangas (Gadgets)* oriundas dos mais variados tipos de indústrias. Isso por si só já é uma forma de violência que afronta os princípios básicos de autonomia que uma sociedade liberal e igualitária deve promover para seus cidadãos de acordo com minha concepção.¹³⁵ Com o fim da Segunda Guerra e do totalitarismo na Europa, o mundo se viu livre da barbárie dos *guetos*, dos *campos de concentração*, dos *campos de extermínio*, etc., porém não conseguimos nos livrar da *fábrica de ilusões* que permitiu que o mundo aceitasse a implantação de tais horrores. Indiscutivelmente a segunda metade do século XX foi quando a indústria cultural mais cresceu em tamanho, técnica, influência e poder.

O caminho da ilusão à barbárie, conduzido pela indústria cultural, passa contraditoriamente pelo *sonho*¹³⁶. Sonho este capaz de falsificar ideais, perspectivas e desejos. Neste ponto precisamos estar cientes da relação dos conceitos de *obsolescência programada*, *obsolescência perceptiva* e indústria cultural, afinal o caminho entre a ideia, a extração, a produção, o consumo e o lixo é demasiadamente curto em um mundo onde os lucros necessitam ser sempre maiores, maiores até que os recursos para gerar tais lucros. Evidentemente que desta incompatibilidade no processo de produção das coisas necessita-se falsificar a necessidade do consumo e que isso se faz através do uso homeopático dos produtos da indústria cultural, não somente por meio do marketing claro

¹³⁵ Julgo que a indústria cultural hoje deva ser entendida como mais um desdobramento do processo de falsificação da emancipação iluminista, falsificação esta que chegou ao seu extremo com a manipulação realizada pelo governo nazista que enganou grande parte do povo alemão e do mundo da época lhes conduzindo ao holocausto, que deve ser entendido como o extremo que uma lógica de opressão e aniquilamento conseguiu chegar em toda história da humanidade, revelando por si só o lado mais sombrio que qualquer dominação pode esconder. No holocausto o outro nem com inimigo foi tratado, mas sim como pó, condição esta que realmente os judeus foram submetidos nas câmeras de gás e cremação dos campos de extermínio como em Auschwitz, e isso só foi possível devido ao ideal que foi vendido anteriormente através do espetáculo estético previamente transmitido com a força dos mais variados meios da indústria da Alemanha de Hitler.

¹³⁶ Uso aqui a palavra “sonho” no sentido de “imaginário”, imaginário individual e coletivo.

das propagandas, mas pela implantação de valores vindos das músicas, filmes, novelas, livros, revistas, jornais, internet, etc. Uma boa propaganda pode ajudar a vender um produto, porém quando o ideal da mocinha na tela passa pela necessidade do produto em questão: certamente o efeito será muito mais arrasador. Não é à toa que os *Gadgets* vendidos realmente hoje, são tão parecidos com aqueles *Gadgets* que foram vendidos anteriormente ao nível do imaginário através das obras de ficção da indústria cultural. Não por acaso o aparelho *Motorola Startac*, que foi um dos *Gadgets* responsáveis pela popularização da telefonia celular na década de 1990, tinha seu design extremamente parecido com o aparelho comunicador dos filmes da série *Star Trek*, que foi sucesso nos anos 1960, 1970 e 1980.

Independente da função ou posição social que exercermos somos todos consumidores, é esta a dimensão que interessa para as altas camadas da sociedade administrada. Ricos, pobres, jovens e velhos todos nós consumimos nosso mundo através de produtos dos mais variados tipos, inclusive produtos “culturais”. De acordo com *Annie Leonard*¹³⁷ que é “expert” em matéria de comércio internacional, cooperação internacional, desenvolvimento sustentável e saúde ambiental, apenas 1% de tudo que é vendido nos Estados Unidos hoje permanece sendo usado depois de míseros seis meses. Claro que muito disto tudo que é vendido são bens consumíveis e com prazo de validade determinado, porém o mais preocupante é a parcela de coisas não consumíveis que após a compra simplesmente se estragam ou tornam-se obsoletas rapidamente. A prática da obsolescência programada teria surgido ainda na década de 1920 com simples lâmpadas domésticas:

Mas essa estratégia não é de agora. Como mostra o documentário, a história da obsolescência programada confunde-se com a história da indústria no século XX. E não é à toa o título “A conspiração da lâmpada” dado pelos ingleses, pois, de alguma forma, “tudo começou com as lâmpadas”, visto que, na década de 1920, um cartel que reunia em Genebra fabricantes de todo o mundo decidiu que as lâmpadas teriam uma validade de apenas 1.000 horas, embora a tecnologia da época já pudesse produzir lâmpadas mais duráveis – exemplo sintetizado na lâmpada Livermore (...)¹³⁸

Após a crise de 1929 tal prática se difundiu na indústria e consolidou-se nas empresas automotivas como a *General Motors* onde forçosamente implantaram o hábito da troca frequente de carros em seus consumidores para desta forma movimentar mais rapidamente a engrenagem econômica. Com isso os automóveis perderam qualidade e o

¹³⁷ No seu documentário intitulado *The Story of Stuff* de 2007.

¹³⁸ SILVA, 2012, p.182-183

desenvolvimento tecnológico saiu do campo da necessidade para se tornar exclusividade dos interesses das grandes empresas do ramo. Hoje isto é ainda mais claro na indústria automotiva, se olharmos um modelo ainda na fase de protótipo, veremos um carro extremamente bonito e cheio de novas tecnologias, porém quando este mesmo carro chega em sua versão comercial está pobre, com tecnologia defasada, e com muito pouco da agressividade do desenho do protótipo. Isso ocorre porque cada modelo é explorado comercialmente seis anos em média, para gerar a necessidade da troca anual ou no máximo a cada dois anos do automóvel a indústria despeja anualmente as novidades que não são novas, pois já eram previstas no protótipo, porém foram propositalmente deixadas de lado para que todo ano exista a atualização daquele modelo no imaginário do consumidor que tem seu produto obsoleto em pouco tempo, para Annie Leonard esta prática recebe o nome especial de *obsolescência perceptiva*, o princípio é fazer que o consumidor perceba que seu produto está obsoleto e que já é hora de trocar. Com isso se infla uma falsa necessidade de consumo e produção, mas que acima de tudo movimenta a máquina capitalista por cima dos indivíduos consumidores que são tratados como idiotas neste processo.

O novo não é novo propositalmente. A fusão disso com a indústria cultural ocorre com o herói do cinema ou da televisão que dirige sempre o último modelo da série mais completa de determinado veículo, muitas vezes o modelo usado é até mesmo o protótipo cheio de estilo e novidades, há casos até em que o carro assume o papel de protagonista do espetáculo como nas séries *Transformers* e *The Fast and The Furious*. Por fim, o processo do “casamento” da indústria cultural com a obsolescência programada se dá com o novo *hit de verão*, onde o músico pop canta a maravilha que é ter o novo carro e como isso lhe ajuda nas conquistas amorosas e no resto de sua vida sem responsabilidades rodeada de bebidas caras, curtidão e dinheiro. Seguindo esta fórmula normalmente o marketing costuma ser bem sucedido e os lucros nas costas dos tolos consumidores são grandes para todas indústrias envolvidas. Esta é a radicalização da *standardização* que Adorno citava no artigo *On Popular Music*, passam-se os anos e o processo se repete: O novo que não é tão novo torna-se *brega* para que um outro novo não tão novo se torne novidade; Assim sendo, o *Camaro* amarelo da década de 2010 é ao mesmo tempo tão novo e tão brega quanto o *Fuscão* preto da década de 1970.

Além da obsolescência programada com suas velhas novidades, a indústria cultural é usada para alimentar o imaginário dos indivíduos com novidades e diferenças que substancialmente não existem, como muito bem observado Adorno e Horkheimer:

O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa. A diferença entre a série Chrysler e a série General Motors é no fundo uma distinção ilusória, como já sabe toda criança interessada em modelos de automóveis. As vantagens e desvantagens que os conhecedores discutem servem apenas para perpetuar a ilusão da concorrência e da possibilidade de escolha. O mesmo se passa com as produções da Warner Brothers e da Metro Goldwyn Mayer. Até mesmo as diferenças entre os modelos mais caros e mais baratos da mesma firma se reduzem cada vez mais: nos automóveis, elas se reduzem ao número de cilindros, capacidade, novidade dos *gadgets*, nos filmes ao número de estrelas, à exuberância da técnica, do trabalho e do equipamento, e ao emprego de fórmulas psicológicas mais recentes. O critério unitário de valor consiste na dosagem da *conspicuous production*, do investimento ostensivo.¹³⁹

Como usuário comum de telefones celulares não sei identificar as diferenças entre um Samsung *Galaxy SIII* e de um *SIV*, nem de um *iPhone 4* para um *5*. Para falar a verdade nem sei apontar as diferenças dos telefones da linha *Galaxy* da *Samsung* e os da linha *iPhone* da *Apple*. Essas diferenças não nos ficam claras nem quando assistimos as peças publicitárias dos aparelhos, afinal são diferenças técnicas e as propagandas geralmente tentam atingir-nos pelos sentidos. Como foi dito por Adorno e Horkheimer “*A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade.*”¹⁴⁰ Para consumidores como eu, que creio que somos a maioria, empresas com Samsung e Apple investem milhões na indústria cultural, desta forma não somente os protagonistas do filme usam estes aparelhos, mas como durante a exibição da película propositalmente eles fazem o uso de funções que só são possíveis no modelo mais novo. Só daí as diferenças tonam-se diferentes para mim e num surto consumista penso ter a necessidade da troca de aparelho, e antes mesmo de sair da sala de cinemas me imagino com a “novidade” em mãos, ou seja: finalmente me condiciono passivamente à rebaixada posição de *objeto consumidor*. Como muito bem dito por Adorno:

A velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção quotidiana, tornou-se a norma da produção. Quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme.¹⁴¹

E assim a indústria cultural assume sua posição primordial na lógica capitalista pseudo esclarecida, a posição não de fábricas de músicas, filmes e outros produtos

¹³⁹ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.58.

¹⁴⁰ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.76.

¹⁴¹ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.58.

culturais como é evidente, mas sim a posição de *fábrica de ilusões*, que acabam por ser um dos combustíveis mais importantes para a falsificação de sonhos, ideais e desejos - que falsificados são a força necessária para fazer a manutenção e replicar a ordem vigente.

Vejam agora qual a atual situação da indústria cultural. No próximo subcapítulo vamos fazer uma breve análise de como o diagnóstico de Adorno e Horkheimer evoluiu nos últimos setenta anos para sabermos se a crítica apresentada permanece válida e sobre quais pontos necessitamos reconstruí-la.

2.2.4 A ATUALIDADE DA INDÚSTRIA CULTURAL (INDÚSTRIA CULTURAL GLOBAL)

Se saltássemos da concepção de indústria cultural feita por Adorno e Horkheimer em meados da década de 1940 e simplesmente aterrissássemos sobre a internet desta segunda década do terceiro milênio, certamente teríamos a sensação de haver um tremendo abismo entre os dois paradigmas. Mas se fizéssemos isto, provavelmente teríamos uma visão desconexa e precipitada frente à *web* - que por ser um fenômeno contemporâneo ainda não temos a capacidade de emitirmos juízos completos e definitivos sobre a mesma.

Antes de analisarmos a “*cultura conectada*” precisamos entender alguns processos que surgiram e influenciaram a indústria cultural nos últimos setenta anos. Para Rodrigo Duarte o processo mais significativo seria o da *globalização*.¹⁴² Evidentemente nossa intenção aqui não é nos aprofundarmos neste complexo conceito, mas é de apenas estabelecermos alguns *links* entre a internet e concepção clássica de indústria cultural.

Duarte acredita que a globalização reintroduziu a discussão sobre a indústria cultural, porém de uma forma ainda mais potente, na qual até as fronteiras nacionais e as soberanias estatais da informação foram superadas pela supremacia daquilo que o sociólogo inglês *Scott Lash*¹⁴³ chamou de *indústria cultural global*.

Com base nisso o sociólogo alemão *Ulrich Beck*¹⁴⁴ faz uma análise séria que não chega ser apocalíptica, porém também não é totalmente apologética ao *status quo* globalizado. De um lado negativo, a globalização teria levado a degeneração da classe operária, a rebaixou ao nível de uma “subclasse”. Isto foi possível devido ao avanço

¹⁴² DUARTE, 2003, p.147.

¹⁴³ *cf.* LASH, 1998.

¹⁴⁴ *cf.* BECK, 1998.

tecnológico e da melhora das condições de trabalho que foram resultado da luta desta própria classe. Principalmente nos países desenvolvidos, mas hoje até mesmo nos países pobres em desenvolvimento como o Brasil, a classe operária que se opunha aos ideais burgueses foi aos poucos dando lugar a chamada “nova classe média”. Evidentemente esta “nova classe” ainda é formada pelos mais pobres e oprimidos, porém a indústria cultural financiada por governos e por multinacionais doutrinou as massas a não desejarem lutar contra o sistema, mas sim lutar pelo sistema. O desejo de transformação social através do esforço coletivo foi perdendo espaço para o ideal de ascensão social pelo esforço individual. A indústria cultural de fato é grande responsável por isso, afinal viu desde cedo o poder de consumo da nova classe média e com seus produtos pregou a ideia que a luta coletiva seria utópica e por outro lado o esforço individual seria a garantia da prosperidade. Desta forma os capitalistas clássicos que outrora encontravam no operário socialista um limite para sua expansão mundial, no funcionário da nova classe média encontram um interessante aliado.¹⁴⁵ Por outro lado, a transmissão de guerras ao vivo, bem como a transmissão de catástrofes naturais, por exemplo, são capazes de causar uma comoção gigantesca nas massas e gerar aquilo que Beck chama de *solidariedade internacional*. Evidentemente todo este processo ainda está ocorrendo diante de nós e a única certeza que já temos é a de sua ambiguidade e contradição nativa que já era verificada desde o início do século XX quando colocávamos lado a lado os textos de Benjamin e Adorno.

A já citada ideologia do *status quo* observada por Adorno e Horkheimer se tornou tão soberana que alguns estudiosos como Yoshihiro Francis Fukuyama chegaram a proclamar o fim da história, o fim da ideologia e progresso do processo de globalização.¹⁴⁶ Porém, esta não foi uma opinião que se consolidou nos últimos anos, mesmo após a queda do Muro de Berlim assistimos uma enxurrada de conflitos, porém o que vimos não foi o surgimento de um novo Hitler, até porque o padrão hoje é o da pseudoindividualização, o que temos são pequenos e poderosos grupos que transcendem barreiras nacionais e que defendem interesses específicos, o exemplo mais claro que podemos observar é a *Al-Qaeda*, uma organização terrorista que tem como base o fundamentalismo islâmico, mas que é internacional, constituída por células colaborativas e independentes.

Ulrich Beck fala sobre a *relativação das fronteiras* e isto sem dúvida é uma realidade do mundo globalizado. Na economia isso fica evidente quando observamos as

¹⁴⁵ DUARTE, 2003, p.149.

¹⁴⁶ cf. FUKUYAMA, 1989.

grandes multinacionais, vemos uma empresa de calçados norte americana que tem todas suas fábricas na Ásia e vende seus produtos na Europa. Na indústria cultural isso não é muito diferente, um filme é produzido por Hollywood por um diretor europeu, gravado por uma empresa japonesa, distribuído por alguma empresa chinesa e chega até as casas de pessoas na África que assistem e acabam por reproduzir padrões de comportamento que não são exatamente Americanos, Europeus, Asiáticos ou Africanos, são padrões globalizados.

O jornalismo se tornou um grande produto da indústria cultural global e a partir do momento que os satélites atropelaram todas as fronteiras nacionais e de classe. A posse da informação alienou-se inclusive dos interesses dos poderes tradicionalmente estabelecidos. Se desde os tempos dos arautos a comunicação sempre respondeu aos interesses dos governantes, num mundo globalizado isto mudou drasticamente. Por mais rígido que possa ser o sistema de concessão midiática de um país, a informação sempre acaba chegando por meio da indústria cultural global, isto se daria devido àquilo que Beck chama de *Rede mundial de informação*:

Vários exemplos disso são dados por Beck: o primeiro deles refere-se ao discurso do então presidente russo Bóris Iélsin, ao se posicionar contra uma tentativa de retomada do poder pela força, por parte de comunistas. O discurso não foi transmitido pela rádio e pela televisão russa, que eram politicamente controladas pelo Partido Comunista, mas foi ao ar para todo mundo (inclusive para Rússia) através da CNN. Para Beck isto é um exemplo concreto da atual ilimitação do fluxo informacional, o que transcende, em muito a capacidade de coerção de um poder localmente constituído: “Neste momento histórico de decisão política, o significado escandaloso de uma rede global de informação torna-se exemplarmente reconhecido: a soberania da informação de um Estado nacional, enquanto parte da soberania política é posta fora de combate.”¹⁴⁷

Porém isso nem de longe deve ser um motivo de comemoração por nossa parte. Nos deve ficar claro que o discurso Bóris Iélsin só foi ao ar pois era de interesse da CNN e de seus respectivos anunciantes. Desta forma não é exagero afirmarmos que a indústria cultural global possui um poder manipulatório ainda mais forte e escancarado em relação a sua concepção clássica.

Outra consequência da globalização é a *globalização cultural*. Ao contrário do que se possa pensar, isto para Ulrich não significa somente a padronização da cultura como previa Adorno desde os anos 1930, trata-se de um processo contraditório, em que de um lado há sim esta estandardização, mas do outro há uma simbiose positiva entre o

¹⁴⁷ DUARTE, 2003, p.151.

distante e o próximo.¹⁴⁸ Boa parte da programação da televisão por assinatura se dedica a mostrar hábitos e culturas distantes, desta forma conhecemos muito mais hoje as culturas distantes e as culturas distantes conhecem muito mais os nossos hábitos e costumes. A indústria cultural global reificou na forma de mercadoria este tipo tradicional de cultura fechada em si mesmo e baseada em operadores tradicionais de identidade como: nacionalidade, raça, classe, etc. Isto poderia nos levar a pensar que este processo acabaria por reforçar as culturas individuais, pois hoje é mais fácil reconhecermos nossas diferenças, porém não é bem assim que acontece, o novo operador identitário oriundo da indústria cultural faz com que no fim das contas todas estas culturas diferentes se tornem apenas subculturas, apenas extensões da ideologia dominante do *status quo*, algo próximo a uma *aldeia global* como supunha McLuhan já nos anos 1960, porém não exatamente assim como veremos. Apenas para reforçar a dimensão de padronização da cultura, temos que ter em mente que no início dos anos 2000 pouco mais de uma dúzia de corporações controlavam quase toda oferta de mercadorias culturais no mercado mundial.¹⁴⁹

Além da globalização que deu poder à indústria cultural lhe transformando em indústria cultural global, Rodrigo Duarte apresenta uma série de mudanças que transformaram radicalmente a realidade da comunicação em relação à crítica de Adorno e Horkheimer. Tais mudanças teriam ocorrido principalmente nas décadas de 1980 e 1990 com a formação dos grandes oligopólios mundiais da comunicação.

O primeiro ponto de todas estas mudanças se deu com a compra da Twentieth Century-Fox pelo *player* australiano Rupert Murdoch em 1985. Ele não ficou somente com o estúdio de cinema, criou a emissora Fox TV que abalou o mercado televisivo norte americano, pois ditou um novo padrão cinematográfico para a programação televisiva. Introduziu também o conceito de *Reality TV* explorando dramas e história reais, por fim, Murdoch comprou em 1993 o sistema de canais por satélite Star TV ampliando sua audiência em milhões de pessoas e transmitindo sua programação para diversos novos países (novos mercados consumidores).¹⁵⁰

O segundo ponto é crucial, pois muda muito a situação de dependência da indústria cultural frente a outras indústrias da época de Adorno, neste ponto grandes empresas fabricantes de hardware eletrônicos da comunicação compraram (ou se uniram) às principais corporações midiáticas existentes, além disso, este ponto também significou

¹⁴⁸ DUARTE, 2003, p.152.

¹⁴⁹ DUARTE, 2003, p.159.

¹⁵⁰ DUARTE, 2003, p.160-162.

a fusão de empresas ocidentais e orientais. A Sony em 1988 comprou a gravadora CBS e depois comprou o estúdio cinematográfico Columbia Pictures. O conglomerado Matsushita formado por Panasonic, JVC e Technics comprou em 1990 a MCA/Universal e lançou em 1993 o filme *Jurassic Park* que além de gerar lucros na casa de absurdos 900%, introduziu a então revolucionária tecnologia de efeitos de computação gráfica elaborada pela Silicon Graphics. Também a Warner junto com CNN e a Toshiba formaram a partir de 1989 a Time Warner que se tornaria o maior e mais lucrativo conglomerado de mídia.¹⁵¹

O terceiro ponto pode ser observado com a criação da MTV por parte do conglomerado Viacom Media Networks em 1981. Trata-se de um canal de programação feita para adolescentes e jovens adultos onde a música é o produto principal através da exibição de vídeo clipes. Com um núcleo de programação baseado em artistas de língua inglesa, sem dúvidas a MTV foi uma das principais responsáveis pela globalização cultural e pela padronização da cultura pop nas décadas de 1980 e 1990 divulgando diversos hits e astros de gravadoras como BMG, Polygram, EMI, Sony Music, Virgin, Geffen e Island. Nesta época o limiar entre o que era e o que não era pop dependia da exibição ou não do produto na MTV.¹⁵²

O quarto ponto era visto apenas como uma possibilidade por Rodrigo Duarte em 2003, porém hoje já é uma realidade não só na televisão por assinatura, como também na televisão aberta. Trata-se da *TV Digital*:

Isto tende a mudar radicalmente os processos de comercialização das mercadorias culturais, pois, em função da capacidade disponível, os custos de transmissão cairão sensivelmente e, em um futuro talvez não muito distante, os grandes oligopólios de *media* (que hoje são poucos em todo o mundo) não precisarão mais licenciar seus produtos junto aos canais de televisão do resto do mundo, mas fornecê-los diretamente através de canais de satélites digitais e embolsar, eles próprios o dinheiro da publicidade. Isso ocorre, em parte, através do sistema de satélites digital europeu *Astra* e dos sistemas similares mundiais como o *Sky* e *DirectTV* (a primeira pertence ao grupo do mencionado Rupert Murdoch)¹⁵³

Além da TV digital o quarto ponto também aponta para compra de programação *on demand* e *pay-per-view* como consequências da nova tecnologia e o surgimento das *Smart tv's* (aparelhos de televisão inteligentes que executam funções de computador e telefone) como uma necessidade. Devido a isso as companhias de telefonia também

¹⁵¹ DUARTE, 2003, p.162-163.

¹⁵² DUARTE, 2003, p.163-164.

¹⁵³ DUARTE, 2003, p.165.

começariam a fazer parte dos novos conglomerados da indústria cultural. Hoje absolutamente todas estas tendências se confirmaram.

O quinto e último ponto da análise de Duarte diz respeito à entrada dos PC's e da internet no ramo da comunicação de massa. Muito antes dos aparelhos televisores incorporarem funções de computadores, foram os computadores que incorporaram funções dos televisores. No início dos anos 1990 Apple e Microsoft trouxeram sistemas operacionais com interfaces muito mais intuitivas e dinâmicas nos quais qualquer um poderia operar. Não demorou muito para fabricantes de hardware desenvolverem os famosos *kit multimedia* e antes do fim da década de 1990 além de todos os recursos dos novos Macintosh e Windows, os PC's também reproduziam vídeos, músicas, jogos, tocavam e gravam CD's e alguns computadores mais sofisticados eram capazes de receber sinal de rádio e televisão, permitindo aos usuários até gravarem digitalmente a programação através dos formatos MP3 e AVI.

Assim sendo, mesmo se tratando de um diagnóstico realizado na década de 1940 a crítica de Theodor Adorno e Max Horkheimer à indústria cultural continua válida e é até mesmo “atual”, seja no escopo econômico, ideológico ou estético. O único cuidado que precisamos ter ao contemporizar a Dialética do Esclarecimento é que hoje temos uma indústria cultural global que é muito mais poderosa e independente do que aquela que os filósofos da Escola de Frankfurt conheceram. Como vimos neste subcapítulo, tornou-se muito mais independente frente aos governos e frente a outros setores da economia, por isso mesmo se tornou muito mais poderosa frente ao seu público, que somos todos nós.

Por outro lado, a análise de Rodrigo Duarte erra muito ao analisar as tendências do futuro da internet como meio de comunicação. O pensador brasileiro via na popularização do uso do e-mail e dos navegadores *World Wide Web* apenas a replicação de toda lógica já citada neste trabalho. O autor chega a citar a fusão do provedor de conteúdo AOL com conglomerado Time Warner como uma tendência para o futuro próximo, na verdade já em 2004 Time Warner percebeu o tremendo erro que significou esta negociação. O que Duarte, bem como a maioria dos analistas da época, não podia prever era a verdadeira revolução que estava para acontecer na internet, um fenômeno que realmente rompeu com paradigmas e estabeleceu novos e até então inesperados padrões para a comunicação de massa, justamente sobre isso dissertaremos no próximo item destes trabalho.

2.3 INTERNET

Quando falo em internet não podemos aceitar e incluir toda rede mundial de computadores como “uma coisa só”, precisamos ter em mente que a internet são “múltiplas internets”, que a pluralidade e a diversidade são suas marcas e que tentar entendê-la como “uma coisa só” é um verdadeiro insulto à sua natureza. Por muito tempo se vinculou a imagem do internauta à figura de um navegador que desbrava o oceano virtual em busca de novos mundos, mas esta analogia não é muito adequada, pois a superfície do oceano é um lugar vazio e melancólico, onde sem deparar-se com nada nosso olhar se perde e avistamos apenas uma imaginária linha do horizonte há muitos quilômetros de distância, evidentemente esta não é a imagem que melhor representa a internet hoje. Para *Michael K. Bergman* no artigo *The Deep Web: Surfacing Hidden Value* a imagem mais adequada para internet seria a de um oceano profundo e o internauta um pescador em sua embarcação passando uma rede de arrasto:

Pesquisar na Internet hoje pode ser comparado ao ato de jogar uma rede de arrasto através da superfície do oceano. Embora uma grande quantidade de peixes possa ser pescada na rede, ainda há uma riqueza de informações (peixes) que vivem em águas profundas e, portanto, são inacessíveis. A razão é simples: a maioria das informações da Web está submersa em locais bem no final das redes geradas dinamicamente e por isso motores de busca padrão nunca irão encontrá-las.¹⁵⁴

Como veremos, segundo a pesquisa de Mike Bergman a maior parte da informação online não está na superfície, mas sim nas profundezas, a partir disso surge analogia entre os dados da internet e um *iceberg*. Vejamos então o internauta como um naufrago que após colidir sua embarcação contra este iceberg precisa se agarrar ao gigante de gelo para sobreviver, sobrevivendo precisará encontrar alguma forma de chamar a atenção e ser visto por outras embarcações que possam passar por ali. Seguindo esta analogia, para muitos analistas, assim como um iceberg a internet tem um corpo largo que está em contato com a superfície do mar, um cume reluzente e um uma grande parte submersa e inacessível para quem não mergulhar.

A parte submersa é para Bergman a *Deep Web*, nela está todo conteúdo que não foi indexado, que por isso mesmo não pode ser acessado por qualquer internauta, nem pode ser localizado por mecanismos de busca como o Google que trabalham apenas com sites indexados ou *linkados* por outros sites indexados. Em seu mencionado artigo Mike

¹⁵⁴ BERGMAN. Disponível em <<http://goo.gl/MBcsVD>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014. (Livre tradução)

estima que a Deep Web represente cerca de 70% à 75% de toda internet, isso significa milhares de sites e milhões de megabits de informação. Tanta informação velada se dá por vários motivos. A grande maioria são bancos de dados que servem de base para o funcionamento de toda rede e por isso mesmo não devem ser acessados, mas existem informações sigilosas, base de dados de governos, intranets de empresas, sites que não foram indexados pela ignorância dos programadores e até mesmo fóruns e páginas que por lidarem com atividades ilegais e não querem ser localizados.

Com isto em mente, a BrightPlanet quantificou o tamanho e a relevância da Deep Web em um estudo com base em dados coletados (...). Nossas descobertas chave incluem:

- Informação pública na Deep Web é atualmente 400 a 550 vezes maior do que aquilo que o mundo comumente define como World Wide Web.
- A Deep Web contém 7.500 terabytes de informação em comparação com 19 terabytes de informação na Surface Web.
- A Deep Web contém cerca de 550 bilhões de documentos individuais em comparação com o 1 bilhão da Surface Web. (...)
- A Deep Web é categoria que mais recebe novas informações na Internet. (...)
- Mais da metade do conteúdo da Deep Web reside em bancos de dados de tópicos específicos.¹⁵⁵

A parte mais larga do iceberg que está em contato com a superfície é a *Web 1.0* ou *Surface Web*, dotada de seus grandes portais que divulgam notícias, informação e entretenimento. No Brasil temos referências nestes meios como o *Uol*, *Terra*, *Ig*, *Bol*, *G1*, *R7*, etc. Nesta *web* estão localizados todos sites institucionais, páginas do governo, bancos, lojas, ONGs, pornografia e até sites de divulgação pessoal. Esta parte de internet foi sem dúvidas a mais importante pela consolidação deste meio de comunicação na década de 1990.

O cume reluzente é a *Web 2.0* é lá que fixamos nossa bandeira improvisada e clamamos por atenção. Tecnicamente ela faz parte da Surface Web, por isso mesmo muitos especialistas como *Timothy John Berners-Lee* consideram tal nomenclatura dada por *Tim O'Reilly* apenas uma jogada marketing. Ela é formada por todas as páginas que possuem estruturas colaborativas de criação e compartilhamento de conteúdo. Habitam este cume as redes sociais, a blogosfera, fóruns públicos, as Wikis, redes de compartilhamento de vídeos, etc. É aqui que popularizou-se o uso na internet a partir da década de 2000 e é onde encontra-se os gigantes do setor como o *Google*, *Facebook*, *Yahoo*, *Wikipédia*, *You Tube*, *Blogger*, *Mercado Livre*, *eBay*, *MSN*, *Twitter*, etc. O sucesso da Web 2.0 é tão grande que é difícil encontrar alguma página da web tradicional que não

¹⁵⁵ *Idem*.

incorpore os elementos da Web 2.0 - geralmente botões para compartilhamento e espaço para comentários no fim da página.

Referente à questão dos meios de comunicação e da luta contra a alienação e reificação evidentemente seria interessante nos aprofundarmos no estudo da Deep Web, principalmente frente à comunicação realizada entre *hackers* e também sobre a resistência popular em países onde as redes sociais são proibidas, porém este é um campo demasiadamente técnico e complexo para ser explorado por um estudo de filosofia como este que aqui vos faço, julgo que seria necessário uma pesquisa interdisciplinar um pouco mais longa que envolvesse especialistas em filosofia, sociologia, comunicação social e informática. Já a Web 1.0 poderíamos dizer que faz parte do velho paradigma da indústria cultural, pelo menos no que se refere a centralização e transmissão de informação pelas mãos de grandes empresas do ramo, também pelo já citado *gatekeeping* e pelo *feedback* reificado e indireto. Assim sendo, quando falo em internet como um novo paradigma neste trabalho estou referindo-me à Web 2.0 e sua estrutura colaborativa, pois é aí onde sujeito encontra um nível de liberdade que parecia a muito estar perdido, onde cada vez mais se fecham os lugares para velha a tirania da comunicação feita de poucos para muitos, onde o padrão *identitário* se faz cada vez menos significativo e a democracia consolida-se nas novas praças públicas virtuais. Mas, como veremos até o fim desta obra, não tudo são flores neste novo mundo, precisamos ter um olhar crítico para não fazermos deste mais um temível meio de alienação e reprodução ideológica da realidade vigente.

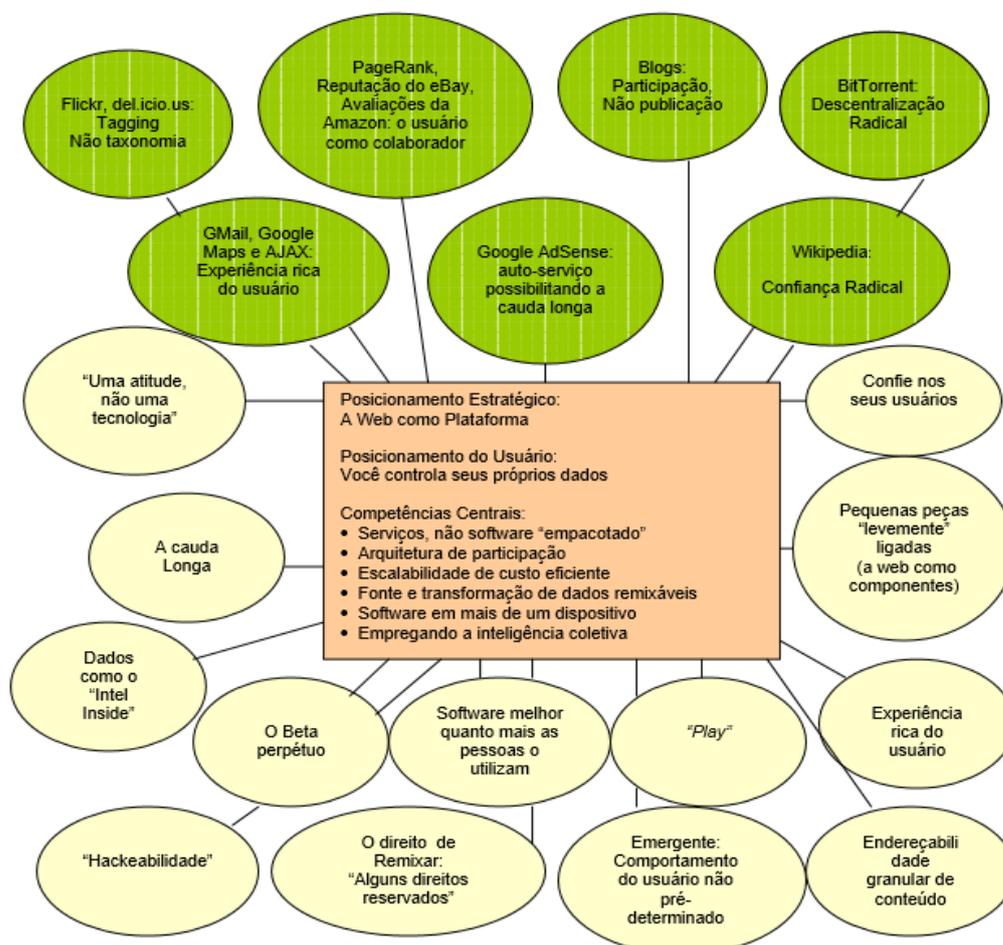
O conceito de “Web 2.0” teria começado com um *brainstorming* entre a O’Reilly e a MediaLive International. Neste encontro Dale Dougherty pontuou que a internet estava tomando uma posição central nos meios de comunicação, que milhões de novos sites estavam surgindo e que somente os melhores e mais dinâmicos sobreviveriam, ao contrário dos mais pessimistas que diziam se tratar de uma crise na qual existiam muitos sites e uma enxurrada de publicidade desconexa e irritante, Tim O’Reilly propôs a ideia de que a internet estaria evoluindo, ou mesmo *se revolucionando*, por isso seria adequado falarmos que experimentávamos uma nova Web, a *Web 2.0*. Em pouco mais de um ano o termo já possuía mais de 9,5 milhões de citações no Google e muitas discussões e divergências sobre tal conceito começaram a surgir, pensando nisso O’Reilly escreve em 2005 o artigo *What Is Web 2.0* buscando dar alguns esclarecimentos.¹⁵⁶

A principal crítica feita ao conceito de Web 2.0 se dá devido ao fato de que os

¹⁵⁶ O’REILLY, 2005, p.1.

protocolos de comunicação e os servidores de armazenamento nunca mudaram, assim sendo não se trata de uma nova tecnologia, o que seria então? Por que chamá-la de 2.0? O'Reilly se defende afirmando que realmente não é uma nova tecnologia, mas sim uma nova maneira de se relacionar com a velha tecnologia. Seriam Web 2.0 sites e empresas que utilizam a internet como plataforma e que possuem um padrão de design que transforma-o em um ambiente colaborativo onde as informações e mensagens só são completas a partir da inteligência coletiva do respectivo público. Visto que isso não era suficiente para esclarecer porque alguns sites seriam 1.0 e outros 2.0 O'Reilly parte para uma análise de casos de sucesso na velha web em relação a casos de sucesso na nova.¹⁵⁷

Figura 1 – Esquema e possibilidades de websites 2.0.



Fonte: O'REILLY (2005, p.3)

Nota: Na figura vemos que o conceito de Web 2.0 não é rígido, porém possui um centro gravitacional comum que inclui algumas características básicas. Podemos ter os mais variados tipos websites 2.0 como demonstrado nas esferas verdes e as esferas amarelas mostram características facultativas e interessantes para de Web 2.0.

¹⁵⁷ O'REILLY, 2005, p.2.

Antes do Google o Netscape definia o que era tratar “a web como plataforma”, porém fazia isso seguindo o velho paradigma da indústria de software, seu carro-chefe era o navegador: um aplicativo que necessitava ser baixado e instalado e funcionava somente para *desktop*. Para O’Reilly a empresa responsável pelo Netscape buscava dominar o mercado de navegadores para ter também o controle também dos servidores e assim vender serviços únicos e caros aos seus clientes. Ela queria ter o tipo de poder de mercado que a Microsoft desfrutava no mercado de *O.S.*

Por outro lado, a empresa Google, embora hoje até possua o O.S. Android e o navegador Chrome, sempre foi uma empresa de serviços nativamente *web*, poderíamos dizer que ela só criou este O.S. e o seu navegador com intuito de disponibilizar para usuários e programadores softwares de código aberto capazes de proporcionar a experiência online desejada pela mesma. Para O’Reilly a Google nunca apresenta velhas armadilhas como obsolescência programada e perceptiva em seus serviços online que seguem a lógica do *beta continuo* sempre recebendo novas e diárias atualizações baseadas no feedback direto e indireto de seus usuários, mesmo seu O.S. e seu navegador funcionam desta maneira. Os serviços da Google por rodarem em plataforma online podem ser acessados de qualquer sistema e de qualquer lugar, se pode até salvar arquivos no Google Drive e rodá-los diretamente no Google Docs sem a necessidade de se instalar softwares específicos para isso. Especulações sobre um possível Google O.S. nos fazem pensar em um sistema rodando completamente online, com uma área de trabalho semelhante a *time line* do Google+ e sendo executável de qualquer *gadget*, até mesmo em algo como o ambicioso e desajeitado projeto Google Glass, no qual o usuário pode acessar a internet a partir de um óculos da empresa. Voltando um pouco ao texto de Tim O’Reilly:

O serviço da Google não é um servidor – embora ele seja prestado através de uma maciça coleção de servidores de Internet –, nem um navegador – embora seja experimentado pelo usuário dentro do navegador. Nem o serviço de busca que é o seu carro-chefe sequer hospeda o conteúdo que ele permite o cliente encontrar. Muito parecido com um telefonema, que acontece não apenas nos aparelhos em cada extremo da ligação mas na rede entre eles, a Google acontece no espaço entre navegador e ferramenta de busca, e o servidor de conteúdo de destino, como um possibilitador ou intermediário entre o(a) usuário(a) e a sua experiência online.¹⁵⁸

Desta forma é correto afirmar que tanto Netscape quanto Google tratam a internet como plataforma, porém enquanto a Netscape seguia as mesmas lógicas de empresas de software dos anos 1980 e 1990 como a Lotus, Microsoft, Apple e Oracle; a Google criou

¹⁵⁸ O’REILLY, 2005, p.6.

novas lógicas e paradigmas rapidamente adotados por outras empresas como eBay, Facebook, Wikipédia e Bit Torrent. Por isso poderíamos enquadrar a Netscape e suas práticas como Web 1.0 e a Google e sua lógica como Web 2.0.

A Bit Torrent e seu homônimo programa gerenciador de downloads tecnicamente nem trabalha com serviço web, pois sua tecnologia é baseada em uma arquitetura de conexão diferenciada. E é justamente por tal arquitetura que Tim O'Reilly acha interessante salientar sua importância no cenário Web 2.0. Na arquitetura P2P utilizada pelo Bit Torrent cada computador conectado e realizando um download funciona como um servidor. Enquanto um usuário baixa um arquivo com o Bit Torrent ele envia fragmentos já descarregados deste arquivo para outros usuários que estejam descarregando o download simultaneamente. Quanto mais popular for o arquivo mais rápido fica o download.

A BitTorrent, portanto, demonstra um princípio chave da Web 2.0: o serviço fica automaticamente melhor quanto mais forem os usuários que o utilizam. Enquanto a Akamai precisa adicionar servidores para melhorar o serviço, cada consumidor da BitTorrent traz os seus próprios recursos para o grupo. Existe uma “arquitetura de participação” implícita, uma ética de cooperação embutida pela qual o serviço atua, primariamente, como um intermediário inteligente que conecta as pontas entre si e combina o poder dos próprios usuários.¹⁵⁹

Mesmo sem usar o P2P ou a forma tão radical do Bit Torrent onde o desempenho técnico da conexão depende do número de usuários online, todos outros serviços de Web 2.0 assumem uma posição de *descentralização da internet*. Enquanto os velhos provedores como o Terra, Uol, Ig e Aol funcionavam exatamente como emissoras de televisão arrogando expressões como: “o melhor conteúdo” e “conteúdo exclusivo de qualidade”; as redes sociais, wikis e sites de compartilhamento como Facebook, Wikipédia e You Tube não se responsabilizam pela publicação de nenhum conteúdo, passam toda esta responsabilidade para seus usuários. Desta forma é impossível imaginar Facebook, Wikipédia e You Tube sem seus usuários e redes, pois sem eles de fato não são nada. As redes sociais, a blogosfera, wikis e sites de compartilhamento são fenômenos nascidos na Web 2.0 e que tiram proveito daquilo que O'Reilly chama de *inteligência coletiva* ou *sabedoria das massas*.¹⁶⁰ O artigo *What Is Web 2.0* termina listando oito itens que pautam os padrões de design Web 2.0, são eles: 1. *A cauda longa* – o projeto deve contemplar não somente os grandes sites e empresas do centro da internet como também os sites pequenos e os usuários comuns que estão na cauda, o autosserviço deve ser

¹⁵⁹ O'REILLY, 2005, p.8.

¹⁶⁰ O'REILLY, 2005, p.9-12.

incentivado; 2. *Dados são o próximo “Intel Inside”* – sites 2.0 devem tentar manter uma única fonte de dados; 3. *Usuários agregam valor* - a chave de sucesso é a utilização dos usuários, por isso a arquitetura deve ser colaborativa; 4. *Efeitos de rede como padrão* – como poucos postarão conteúdo, crie padrões para agregar dados de usuário como efeito colateral ao uso do serviço (botão “like” do Facebook, por exemplo); 5. *Alguns direitos reservados* - projete para “*hackeabilidade*” e “*remixabilidade*”, proteja os direitos apenas da parte central do conteúdo; 6. *O beta perpétuo* - engaje os seus usuários como avaliadores em tempo real e disponibilize constantes atualizações; 7. *Coopere, não controle* - ofereça interfaces para serviços web e sindicalização de conteúdo e reutilize os serviços de dados de outros; 8. *Software para mais de um único dispositivo* – quanto mais plataformas melhor, *pc, smartphones, tablets e videogames* são só o início.¹⁶¹

Existe ainda o conceito de *Web 3.0*, porém ao contrário do conceito de *Web 2.0* que surgiu para explicar uma nova porém já existente situação da web, este conceito foi criado por *John Markoff* para explicar um novo padrão de comunicação que segundo ele pode surgir nos próximos cinco ou dez anos. Este novo padrão seria menos pautado sobre a participação dos usuários e mais nas estruturas dos sites, na inteligência artificial e nos mecanismo de busca. Hoje a *web* é formada de uma imensidão de arquivos online, com a *Web 3.0* teremos um *World Wide Database* (base de dados mundial) que possibilitará que as pesquisas fiquem mais rápidas, semânticas e inteligentes. Evidentemente necessitaríamos um nível de *Indiligência Artificial* que ainda não existe, onde possamos nos comunicar de forma natural com os computadores (não somente com linguagem de programação). Se hoje os computadores, softwares e a *Web 2.0* potencializam nossa comunicação e nossos pensamentos, quando chegarmos ao nível da *Web 3.0* os computadores pensarão conosco. Navegar pela *Web 3.0* será algo muito mais simples e intuitivo, a integração entre o ser humano e o computador será muito maior, porém hoje tudo isso não passa de um sonho ou no máximo projetos daqueles que resolveram acreditar em tal *Web* do futuro.

Pesquisadores e empreendedores dizem que apesar de ser improvável que haja sistemas completos de inteligência artificial tão cedo, se é que algum dia existirão, a Internet atualmente está produzindo uma cascata crescente de sistemas baseados em inteligência útil a partir de esforços comerciais para estruturar e explorar a Internet. Áreas específicas como sites de viagens e críticas de restaurantes e produtos são candidatas óbvias para construção de tais sistemas, que prenunciariam a chegada da *Web 3.0*.¹⁶²

¹⁶¹ O'REILLY, 2005, p.27-29.

¹⁶² MARKOFF, 2006. Disponível em <<http://goo.gl/WLA9uN>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

Como é possível observarmos a Web 2.0 dá um nó na divisão lógica entre meios de comunicação de massa individuais-interpessoais e meios de comunicação de massa. Afinal ela permite realizar os dois tipos de comunicação e não é só isso, como não há centralização, a fonte dos conteúdos vem dos próprios usuários que postam e compartilham todas informações, desta forma absolutamente não se trata de uma “comunicação para a massa”. Por isso mesmo julgo que não devemos chamar a comunicação realizada na Web 2.0 de “comunicação de massa” no sentido clássico deste conceito, embora não seja nosso foco principal e por isso mesmo este deverá ser um assunto retomado em pesquisas futuras: proponho adaptarmos o termo “*Comunicação em rede*” oriundo da informática para este novo cenário. Vamos agora buscar entender como este novo modelo de comunicação já está abalando a estrutura política neste início de século. Pois não somente uma revolução na própria internet, a Web 2.0 tem revolucionado a maneira dos seres humanos se comunicarem, relacionarem-se e até mesmo o jeito de se fazer protestos políticos. Pensando nisso, no próximo item deste trabalho vamos fazer uma breve análise de diversos movimentos sociais e suas respectivas interpretações que vem surgindo em decorrência de tal tecnologia da informação.

2.3.1 OS MOVIMENTOS SOCIAIS QUE TRANSBORDARAM A INTERNET

Entre os diversos cartazes e frases entoadas durante os protestos do Junho de 2013 que tive o prazer de participar, creio que o que melhor expressava o espírito do tempo em questão foi: “*Saímos do Facebook*”. Já faz tempo que temos espalhado pelo mundo virtual nosso descontentamento e desejo de mudanças imediatas em temas como: educação, saúde, transporte, reforma política, mídia, segurança, uso da verba pública, respeito real às minorias, preservação do meio ambiente, etc. aparentemente vivemos agora o momento no qual tudo isso transborda nas mais variadas formas de protestos. Segundo o pensador Agemir Bavaresco que estuda a atualidade da opinião pública isto tudo configura a necessidade de nossas autoridades pautarem uma nova agenda baseada nesta *nova opinião pública que emana das redes sociais*. Saímos do Facebook em um desejo claro de acabarmos com a *dicotomia entre o mundo virtual e real*. O véu negro caiu, já sabemos que a estrutura inclusiva e colaborativa da web 2.0 e seus *feedback* pessoais e diretos funcionam muito melhor e mais rapidamente do que a lógica opressora e burocrática da sociedade administrada e da velha indústria cultural.

Os protestos brasileiros manifestam o desenvolvimento da trajetória da instituição das redes sociais, de novas agendas e uma nova opinião pública,

através de novos atores e cidadãos, articulando na plasticidade das figurações institucionais a dialética do espírito do povo, do espírito do tempo e do espírito do mundo: Um espírito de insurreição de massas humanas alastra-se pelo mundo todo, ocupando as ruas e as praças. Primeiro, foi no norte da África, depois na Espanha com os "indignados", na Inglaterra e nos USA com os "occupies" e, agora, no Brasil com a juventude e movimentos sociais. Esses movimentos afirmam as grandes conquistas da humanidade, carregadas historicamente pelo espírito de um povo, na novidade de cada figuração histórica, apresentando, as inovações teórico-práticas do espírito de seu tempo expressas pela opinião.¹⁶³

Não podemos mais separar a política da internet, devido a velocidade da informação e principalmente do *feedback* das redes sociais cada vez há menos espaço para restrição de direitos e desrespeitos diversos, pois quase tudo pode estar sendo gravado, compartilhado e se assim for: receberá uma avalanche de comentários e opiniões. Com a popularização dos *smartphones* e a possibilidade estarmos sempre conectados as últimas barreiras entre o mundo virtual e mundo real estão caindo, na verdade estas barreiras só existem na cabeça das gerações mais antigas, os mais novos a muito já sabem que sua respectiva personalidade online é apenas uma extensão de sua existência física. Por mais distantes que possam estar os indivíduos físicos ao se comunicarem em rede, a internet é muito mais quente que a desgastada frieza burocrática das instituições tradicionais de poder. A Web 2.0 é hoje uma arma carregada com a força da contradição entre o poder estabelecido e as necessidades reais do povo, isto seria a munição necessária para sacudirmos a superestrutura da política mundial, porém temos que ser cuidadosos, pois corremos o sério risco de darmos "*um tiro no próprio pé*", nos mutilando e transformando tal ferramenta em uma arma de destruição e genocídio, é justamente por isso que precisamos analisar a questão da alienação e da reificação neste meio de comunicação com um pouco mais de cuidado.

Para deixar bem claro a intenção deste trabalho, julgo que mais do que uma simples tecnologia da comunicação, a Web 2.0 dotada de suas redes sociais, blogs e wikis, representa uma quebra *paradigmática na história da comunicação*, pois dá ao indivíduo comum a possibilidade de se expressar autonomamente e se impor às mais diversas formas de opressão numa velocidade avassaladora e com progresso em redes gigantesco. Ela dá a todos e a qualquer um o poder de comunicar-se em massa, e não para por aí, ela permite o *feedback* pessoal e instantâneo de toda massa de receptores, assim sendo: não é exagero pensarmos que ela está superando algumas barreiras que pareciam intransponíveis na velha lógica da indústria cultural. Sob este prisma gostaria de me

¹⁶³ BAVARESCO, 2013. Disponível em <<http://goo.gl/uRvTEp>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

dedicar brevemente à análise das opiniões de alguns filósofos e cientistas sociais sobre os movimentos sociais que estão transbordando a internet e tomando as ruas de todo o mundo neste início de século.

Para Henrique Soares Carneiro estes movimentos por mais distintos que sejam na verdade fazem parte de uma grande *sincronia cosmopolita febril* que sem dúvida é uma nova forma de se pedir mudanças. Para ele os movimentos como os Occupy, a Primavera Árabe, bem como os protestos brasileiros de 2013, conservam uma série de semelhanças e por isso merecem serem observados como uma *força cosmopolita*. São movimentos quase espontâneos com uma forma de ação baseadas em ocupação de espaços públicos e privados, uso de redes de comunicação alternativas e articulações políticas que recusam o espaço institucional tradicional.¹⁶⁴

Conforme o cada caso, ou ainda o grupo organizador, cada movimento ocorre de uma forma diferente, porém sempre detém como pano de fundo a indignação oriunda da percepção do esvaziamento psicológico, da desigualdade social, da alienação e da reificação. Por exemplo: Nos países africanos tomou a forma de revolução democrática; no Chile em protestos estudantis por educação pública e gratuita de qualidade; na Grécia e na Espanha como forma de expressar o descontentamento com a crise econômica e principalmente contra as medidas que seus governos adotam para combatê-la; Nos Estados Unidos a ocupação de Wall Street surge como crítica à lógica do mercado financeiro que não é capaz de promover igualdade social, enriquecendo poucos e empobrecendo muitos; no Brasil tomou a forma de luta contra a corrupção que contamina todos os setores de nossa política, por melhora nos serviços públicos e até pelo fim do preconceito que os mais pobres sofrem ao querer desfrutar das mesmas formas de lazer e entretenimento dos mais ricos. Existe também uma grande quantidade de marchas e protestos pontuais que defendem interesses específicos, como a Marcha da Maconha que tenta legalizar o uso, produção e comércio desta droga; a Marcha das Vadias que busca uma nova representação feminista e feminina contra o preconceito e os abusos contra as mulheres que são reduzidas pela sociedade e pela mídia a meros objetos sexuais submersíveis aos desejos masculinos; Os “Rolézinhos” nos quais jovens da periferia querem o mesmo direito ao lazer e ao consumo nos grandes shoppings das cidades sem serem discriminados; além de movimentos de defesa étnica, ambiental, direitos humanos, direitos dos animais, liberdade de expressão, liberdade sexual, etc.

Houve algo de dionisíaco nos acontecimentos de 2011: uma onda de catarse

¹⁶⁴ CARNEIRO, 2012, p.8.

política protagonizada especialmente pela nova geração, que sentiu esse processo como um despertador coletivo propagado não só pela mídia tradicional (...), mas por uma difusão nova nas redes sociais da internet (...), tomando forma de disseminação viral, um boca a boca eletrônico com mensagens replicadas para milhares de outros emissores.¹⁶⁵

Antes de qualquer coisa, estes movimentos devem ser entendidos como *o grito dos oprimidos*; como a voz dos menos favorecidos arranjando seu jeito de ser ouvida. Estamos falando de movimentos que estão acontecendo agora, por isso talvez as críticas disponíveis ainda não sejam suficientemente esclarecedoras para sabermos a real magnitude disso tudo. O que podemos afirmar é que ao contrário do que afirmou Immanuel Wallerstein em seu artigo *A Esquerda Mundial após 2011*, isto não tem nada a ver com políticas de esquerda. Os anos desta década que se iniciou em 2011 não foram nada bons para ninguém que defenda a política dicotômica tradicional, pois foi quando alguns perceberam que se tratava da *luta dos 99% contra 1%*, usaram as redes sociais online e foram às ruas. Julgo todos estes movimentos, cada um do seu jeito, são uma forma de aversão a toda forma de opressão, seja ela econômica, política, ou cultural. Estamos interessados em propostas totalmente novas. A resposta mais fiel ao espírito deste século que um manifestante pode dar à pergunta “*Qual é a proposta política de vocês?*”, julgo que é: “*Não temos nenhuma proposta, mas sabemos que não estamos satisfeitos com as propostas atuais. Queremos algo novo. Chega de remendos!*”.

Aliás, nada é mais injusto frente a estes movimentos do que tentar entendê-los a partir de uma série de perguntas do tipo: qual a proposta, o que vocês querem, porque vocês estão aqui, etc. Estas perguntas só são esclarecedoras dentro da lógica opressora tradicional, pois tudo que buscam é reduzir as forças revolucionárias dos movimentos em uma série de conceitos facilmente entendíveis, distorcidos e manipuláveis. Isso certamente deu um nó na cabeça dos mais tradicionais, não só dos reacionários, mas também dos ativistas e estudiosos de esquerda. O fato é que muito além da causa específica defendida, todos estes movimentos vindos da internet acabam formando uma verdadeira luta contra o *status quo* e suas lógicas estabelecidas.

David Harvey em seu artigo *Os rebeldes na rua* ressalta a união dos corpos no espaço público como a grande marca destes movimentos. Não só ele mais a maioria dos analistas trabalhados acreditam que o retorno das discussões políticas às praças públicas tiveram muito mais importância do que os fluxos de comunicação pela internet. Neste

¹⁶⁵ CARNEIRO, 2012, p.9.

ponto discordamos.

A indignação contra o sistema e sua lógica opressora não é de hoje. Porém estávamos condicionados a acreditar que se tratava de uma indignação solitária e pontual. A comunicação em redes, às pesquisas online e a propagação da informação sem comprometimento através de blogs e wikis nos colocou em contato com milhões de indignados de todo o mundo, algo completamente impensável dentro da lógica da antiga indústria cultural. Em pouco tempo a internet fez ver que éramos 99% de oprimidos lutando contra apenas 1% de opressores.

O primeiro e fundamental passo em direção a uma democracia real foi dado na internet. As manifestações em praça públicas foram apenas um movimento secundário. Não há nada de novo na utilização de ocupações de espaços públicos e privados como forma de protesto, vimos muitas vezes o MST ocupar todo tipo de lugar, bem como vimos que o uso da violência é extremamente eficaz contra este tipo de protestos. O calor humano e as aglomerações podem ser facilmente dissipados com o uso de bombas e tiros: a guerra civil que a Síria vive atualmente reflete exatamente o que estou dizendo. Porém, como o mundo virtual é um ambiente criado pelo ser humano e que pode ser manipulado e reconfigurado por qualquer *hacker*, todo tipo de bloqueio imposto contra manifestações online sempre pode ser superado. Julgo que todos estes movimentos sociais desta nova década devem ficar marcados na história não por suas semelhanças com velhas revoluções, mas sim por sua novidade fundamental que está baseada no uso da web 2.0 em favor dos oprimidos.

Quando a ocupação acaba, a revolução continua e se intensifica nos ambientes públicos e democráticos do mundo virtual. Para mim, esta é a quebra paradigmática na forma de se fazer revoluções que será lembrada daqui muitos anos quando se falar sobre a década que hoje vivemos.

Giovani Alves no artigo *Ocupar Wall Street... e depois?* diz que estes movimentos com origem na internet necessitam de uma mínima plataforma política para lutar efetivamente contra as injustiças sociais. João Alexandre Peschanski em seu texto *Os "ocupas" e a desigualdade econômica* acredita que a indignação contra as mais variadas formas de desigualdade social são claras, mas as ideias de igualitarismo dos movimentos ainda são muito vagas. Tariq Ali questiona em seu *paper O espírito da época* sobre contra o que se está lutando. Na publicação *O violento silêncio de um novo começo* Slavoj Zizek diz que não basta criticar o sistema, estes movimentos necessitam apresentar uma alternativa para poderem transformar o mundo. Concordo com todas estas críticas, mas

acho que são injustas frente a real natureza dos movimentos de protesto que transbordaram a internet e tomaram as ruas nesta segunda década do século XXI.

A maioria dos analistas está tentando entender estes movimentos como *algo em si* e por isso se precipitam em suas análises. Por tudo que foi descrito neste trabalho, julgo que estes foram os primeiros e necessários passos para tirar toda uma geração da *inércia política*. Visto isso, outros passos nos são agora necessários para acelerar o processo que pode nos levar a tão sonhada emancipação prometida por Kant na era do Esclarecimento, bem como fará do mundo um lugar mais justo e igual para que todos possam viver e desfrutar de nossas diferenças.

Não acho que a falta de propostas seja um problema agora. Vivemos o momento de simplesmente nos unirmos e compartilharmos vivências para protestarmos contra toda forma violência e ocultação da verdade. Neste momento é normal a falta de clareza nos discursos dos manifestantes. Ao invés de nos determos à análise ou mesmo à crítica destes movimentos, intelectuais de todas as áreas devem estar unidos e concentrados em busca à formulação de propostas realmente novas, que supram as necessidades dos indignados e promovam igualdade social e respeito aos diferentes. Normalmente este tipo de trabalho acadêmico interdisciplinar de alto nível é difícil de ser elaborado, mas talvez a própria organização horizontal que respeita as especialidades de cada indivíduo membro aplicada em movimentos como os Occupy seja o melhor caminho a ser tomado.

O Primeiro e mais importante passo foi dado nas redes sociais. Depois foi a vez de ocuparmos as ruas e praças. Agora temos o dever de gerarmos subsídios intelectuais para suprimos o vazio que fica após as ocupações. Caso contrário, corremos o risco de deixarmos a porta aberta para antigos inimigos, como o totalitarismo, o fundamentalismo, o extremismo religioso, etc.

A internet acabou com algumas de nossas ilusões que eram chaves para a manutenção da lógica dominadora imposta por governos, políticos de todos os lados, pela indústria cultural e pelo poder “superior” da economia. Isso nos levou a novas necessidades de socialização global, uma espécie de globalização dos direitos, algo ainda muito obscuro que mais parece uma sincronia cosmopolita febril, mas que já colhe seus bons e maus frutos. Dentro deste novo paradigma ainda não temos clareza sobre o que possa acontecer, mas afirmo que tais movimentos sociais não são a revolução em si, mas um passo inicial de uma longa caminhada contra toda forma de violência, ou não. Final o terror continua, porém se esconde atrás de uma série de mentiras que os indignados só agora conseguem enxergar e comunicar isso para o mundo através da Web 2.0.

3. ALIENAÇÃO OU ESCLARECIMENTO

Neste último capítulo vamos começar apresentando o conceito e a proposta de *esclarecimento* de Immanuel Kant como um oposto aos conceitos de alienação e reificação que estamos abordando desde o primeiro capítulo. Depois voltamos ao texto de Adorno e Horkheimer a partir do qual veremos como este projeto teria sido falsificado e se tornado um grande potencializador do estado de dominação e barbárie que vivemos. Num segundo momento vamos dar atenção especial ao processo de *gatekeeping* realizado pela indústria cultural e veremos como a internet pula esta etapa da produção e distribuição de informações e produtos culturais. No subitem três veremos porque é necessária a *democratização dos meios de comunicação de massa* e no item quatro vamos analisar qual seria a posição de Adorno e Horkheimer frente ao enunciado de Humberto Eco que afirma que sobre os produtos da indústria cultural podemos ser *apocalípticos* ou *integrados*. Por fim, vamos reconstruir os três escopos que Teixeira Coelho apresenta como necessários para julgarmos se um meio de comunicação e seus respectivos produtos seriam esclarecedores ou alienantes para a humanidade. Nos deve ficar claro que esta é a parte mais *original* deste trabalho, isto não faz dela uma parte menos fundamentada, é apenas uma parte que se baseia menos em teorias e mais na experiência imediata e vivencial do autor.

3.1 O QUE É ESCLARECIMENTO

Para contrapor a suposta alienação propagada pela indústria cultural e internet poderíamos escolher diversos outros conceitos, por exemplo: informação, revelação, reflexão, conscientização, etc. Porém, julgo que o conceito mais adequado seja justamente o conceito de *esclarecimento* (*Aufklärung*), pois este encontra ampla fundamentação na história da filosofia e é o único dos conceitos em jogo que carrega em si todo um projeto proposto pela filosofia moderna e que até o momento ainda não conseguimos alcançar: *a emancipação de cada ser humano*. Aqui neste subcapítulo vamos nos concentrar na análise simples do texto de Immanuel Kant “*Resposta à pergunta: que é iluminismo?*” e na primeira parte do livro “*Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*” de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, visando extrair desta análise a diferença entre a *intenção* (ou projeto) e a *pretensão* (ou execução) do projeto

de esclarecimento humano moderno, abordando três pontos centrais e comuns nos escritos em questão.

Poucos são os textos que com tão poucas palavras conseguem servir de base para estruturação do pensamento de toda uma época. O opúsculo de Immanuel Kant “*Resposta à pergunta: que é iluminismo?*” de 1784 certamente faz parte deste seletivo grupo de escritos. Devido sua simplicidade e clareza tal texto se tornou um símbolo de sua época. Se tornou uma referência sempre viva durante toda construção do pensamento moderno. Foi um verdadeiro subsídio intelectual para as mais diversas mudanças que ocorreram após sua publicação. Embora curto, este texto se tornou um dos escritos mais importantes durante o iluminismo europeu.

Chegamos ao século XXI e muita coisa mudou. Cortamos a cabeça dos monarcas e a democracia imperou como o “*sistema político vencedor*”; a burguesia conseguiu o poder que tanto sonhava, porém nunca aprendeu a lidar com suas crises sem recorrer ao Estado; o comunismo foi inventado na teoria, ascendeu na prática e ruiu pelas mãos daqueles mesmos que um dia o ergueram; a ciência levou o homem à Lua e nos curou de doenças que eram verdadeiras “*maldições divinas*”; a igreja perdeu parte do controle e poder sobre a opinião das massas e a indústria cultural assumiu boa parte deste seu antigo posto; temos hoje indícios de um mundo cada vez mais conectado; e jamais podemos esquecer as barbáries totalitaristas, as guerras mundiais, as bombas atômicas, etc. Passado mais de duzentos anos a humanidade de fato apresentou um progresso técnico esplendoroso, porém justamente na direção contrária deste avanço parece evidente para os filósofos do século XX como Adorno e Horkheimer que a humanidade jamais atingiu o nível de esclarecimento de que Kant um dia “*prometeu*”.

Por mais que sua filosofia tenha ganhado ares proféticos com o passar dos anos, Kant não tinha como prever o futuro, por isso não vejo sentido em usar de uma análise contemporânea para atacar seu texto acusando-o de ignorar os mais variados vínculos entre o uso da razão e o exercício da autoridade ou de ter subjugado todo esforço esclarecedor da humanidade anterior ao iluminismo¹⁶⁶ sob a acusação de fazerem parte de uma “*menoridade culpada*”.

O texto kantiano me parece cheio de *boas intenções* e é justamente na busca do

¹⁶⁶ Quando aparecer o termo Iluminismo estamos nos referindo ao movimento cultural e intelectual europeu do século XVIII que procurou mobilizar o poder da razão, a fim de reformar a sociedade e o conhecimento herdado da tradição medieval. Promovendo o intercâmbio intelectual e sendo contra a intolerância e os abusos da Igreja e do Estado, ou ao período de histórico específico deste movimento.

entendimento destas intenções é que seguiremos o trabalho. Se ainda acreditamos no esclarecimento, se ainda acreditamos na evolução da racionalidade humana: devemos dedicar nossos esforços na busca pela revelação de nossos erros que nos levaram ao fracasso do projeto da modernidade, para que com isso não voltemos a cometer tais erros ou simplesmente darmos sequência babaqueados a todo horror que fazemos em nome do progresso, que como vimos: é um progresso alienado e reificador.

A Europa na segunda metade do século XVIII fervilhava em ideias e ideais. O sistema monárquico nem de longe agradava seus contemporâneos. Em ascensão a burguesia pedia por liberdade e direitos. Esclarecimento era uma palavra cotidiana nas conversas intelectuais e também dos mais diversos setores da sociedade. O curioso é que não havia um consenso sobre o que era este tal esclarecimento tão buscado pelos homens. Certa vez interrogado Immanuel Kant se deu ao trabalho de dissertar sobre tal conceito e logo no primeiro parágrafo de sua resposta, disparou:

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menor idade é por culpa própria, se a sua causa não residir na carência de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo, sem a guia de outrem. *Sapere aude!* Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do iluminismo.¹⁶⁷

Logo neste parágrafo se revelam os três pontos centrais que, como foi dito, este subcapítulo se dispõe a abordar:

- 1º A intenção do esclarecimento tem a ver com liberdade e não com seu contrário;
- 2º O esclarecimento é um projeto que vai muito além do período do iluminismo europeu;
- 3º O esclarecimento pretensiosamente subjuga todos projetos anteriores da razão pretendendo-se como “o projeto definitivo da razão humana”. Por isso acabou abrindo a possibilidade de ser falsificado, gerando assim justamente seu oposto aos homens.

¹⁶⁷ KANT, 1783, p.1.

3.1.1 LIBERDADE E ESCLARECIMENTO

Já faz muito tempo que os homens perceberam serem dotados de razão e que isso poderia lhes fazer libertos de sua natureza. Mesmo assim nunca fomos de fato livres, por preguiça e covardia e outras causas menores os homens sempre se fizeram submissos à outras tutelas, disse Kant.¹⁶⁸ Para ele é muito mais cômodo mantermo-nos na menoridade por toda vida. É bem mais fácil apontarmos um livro de capa preta como guia moral do que nos incumbirmos do pesado trabalho de estudar e ouvir muito para obter um satisfatório nível de esclarecimento, ou para que possamos ter uma consciência moral autônoma frente a nossos atos.

A vida em sociedade nos trouxe muito conforto, tanto conforto que não precisamos mais cuidar de quase nada em nossas vidas. Não sei dizer como era no século XVIII, mas atualmente nem temos mais tempo para isso. Um juiz faz valer a lei, a polícia nos dá segurança, o médico cuida de nossa saúde, o professor ensina nossos filhos, tudo que preciso já está produzido, etc. A vida em sociedade nos coloca numa posição tão estática que tudo que precisamos para “*viver bem*” não necessita de crítica ou emancipação, basta bater o cartão e cumprir a função. Para que sair da menoridade se tudo que precisamos é chegar vivo ao fim do dia um dia após o outro durante todos os dias de nossa vida?

Aos mais jovens e eufóricos com a possibilidade de se fazerem livres a razão ardilosa sempre arranja seus jeitos de intimidá-los: mostrando os vícios dos revolucionários, a loucura dos filósofos e a morte prematura dos poetas como a sempre viva tragédia anunciada para quem se aventurar pelo caminho do esclarecimento.

Agora, porém, de todos os lados ouço gritar: não raciocines! Diz o oficial: não raciocines, mas faz exercícios! Diz o funcionário de finanças: não raciocines, paga! E o clérigo: não raciocines, acredita! (...) Por toda a parte se depara com a restrição da liberdade.”¹⁶⁹

Os homens se acostumam com sua situação de menoridade, existe até uma relação de amor com ela. Sob as tutelas exteriores o homem se amarra à tal *network* de conceitos e crenças que faz com que qualquer tentativa de *desamarração* pareça desnecessária, impossível e ridícula. Kant alerta:

Preceitos e fórmulas, instrumentos mecânicos do uso racional, ou antes, do mau uso dos seus dons naturais são os grilhões de uma menoridade perpétua. Mesmo quem deles se soltasse só daria um salto inseguro sobre o mais pequeno

¹⁶⁸ *Idem.*

¹⁶⁹ KANT, 1783, p.2-3.

fosso, porque não está habituado ao movimento livre.¹⁷⁰

Isso equivale a dizer que a razão instrumental através das mais variadas ferramentas do sistema nos adentra de tal forma que faz com que mesmo após termos deslumbrado nosso esclarecimento jamais possamos efetivá-los na prática. Mantendo assim toda espécie humana sob a sua tutela, pois nos convence, ainda que por formas *undergrounds*, de que “a ignorância é uma benção”.

Todo ser humano em perfeita saúde tem a vocação para pensar por si próprio, por isso na ideia kantiana é perfeitamente possível que qualquer um se esclareça.¹⁷¹ O esclarecimento pode ocorrer independentemente da idade, formação, função social, renda per capita, etc. Isso significa dizer que pode ser que tenhamos um alto executivo de uma empresa que viva completamente na minoridade e tenhamos alguns de seus mais reles subalternos muito bem esclarecidos. Não seria ousadia dizermos que isso é muito comum nos dias de hoje, afinal geralmente as pessoas mais bem sucedidas são justamente aquelas que melhor se submetem e se adaptam às forças manipuladoras de sua sociedade, são justamente os melhores jogadores do sistema. Por isso mesmo não têm e nem querem ter para si o esclarecimento, estão tão amarradas em sua função social que se tornam inimigas públicas da emancipação intelectual.

O filósofo escreve com todas as letras: “*Raciocinai tanto quanto quiserdes e sobre o que quiserdes; mas obedecei!*”¹⁷² A intenção de Kant ao escrever isso era alertar o mundo de que entre todas as regras que o indivíduo de uma sociedade deve submeter-se, nenhuma lei pode impedi-lo de raciocinar e tornar pública sua opinião, seja ela sobre quem quer que seja.¹⁷³ Qualquer contrato que um indivíduo ou um povo possa fazer impedindo alguém de emancipar-se racionalmente seria para Kant completamente nulo. Ninguém, nenhum governo, nenhuma religião, nenhum plebiscito, nada nem ninguém teria tamanha autoridade para impor este absurdo contra si mesmo ou para doutrem.¹⁷⁴ Infelizmente muitos pretensiosos homens falsificaram o pronunciado kantiano e dele entenderam a seu bel-prazer que as pessoas podem raciocinar o quanto quiser, desde que permaneçam caladas. Isso certamente colaborou para que muitas ideias iluministas pudessem ser usadas para fundamentação de governos totalitários. Claro que isso vai completamente contra as *intenções* de Kant que escreveu:

¹⁷⁰ KANT, 1783, p.2.

¹⁷¹ KANT, 1783, p.2.

¹⁷² KANT, 1783, p.7.

¹⁷³ KANT, 1783, p.3.

¹⁷⁴ KANT, 1783, p.4.

O uso público da própria razão deve sempre ser livre e só ele pode entre os homens, levar a cabo a ilustração (...) Por uso público da própria razão entendo aquele que qualquer um, enquanto erudito, dela faz perante o grande público do mundo letrado. Chamo de uso privado àquele que alguém pode fazer de sua razão num certo cargo público ou função a ele confiado.¹⁷⁵

Podemos imaginar o caso onde alguém enquanto professor de filosofia é contratado para lecionar em uma escola. Embora seja uma pessoa esclarecida¹⁷⁶, será contratado para fazer somente o uso privado da razão, terá que respeitar os estatutos da escola e vai ter que ensinar aquilo que for solicitado. Poderá e deverá ensinar de maneira que os alunos possam ser críticos e também possam buscar seu esclarecimento. O que nunca deverá fazer é simplesmente ensinar o que quer, porque quer e do jeito que quer, apresentando sua opinião como a “opinião verdadeira” para os alunos. Poderá fazer o uso público da razão enquanto professor se e somente se verificar no corpo discente que eles podem acompanhar seu raciocínio e que o mesmo será interessante para o desenvolvimento da investigação em sala de aula. Em contrapartida, o mesmo sujeito enquanto pesquisador em filosofia, sendo erudito e dirigindo-se a um público genuíno¹⁷⁷, deverá gozar de sua liberdade fazendo valer o uso público de sua razão.¹⁷⁸ Uma vez elaborado seus artigos e argumentos deverá proclamá-los ao mundo, estando ciente de suas consequências e aberto às críticas, para só assim poder ser de fato livre. Ou seja, dentro da ideia kantiana, para considerar-se esclarecido um indivíduo deve, entre outras coisas, saber fazer muito bem o uso da razão pública e privada de acordo com a situação. Num exemplo mais abrangente Kant diz que:

O cidadão não pode recusar-se a pagar os impostos que lhe são exigidos (...) Mas, apesar disso, não age contra o dever de um cidadão se, como erudito, ele expuser as suas ideias contra a inconveniência ou também a injustiça de tais prescrições.¹⁷⁹

¹⁷⁵ KANT, 1783, p.3.

¹⁷⁶ Esclarecido no sentido de buscar sempre, ainda que não obtenha êxito em todos os casos, me submeter somente à minha razão.

¹⁷⁷ Por exemplo: uma comunidade filosófica.

¹⁷⁸ KANT, 1783, p.4.

¹⁷⁹ KANT, 1783, p.3.

3.1.2 UM LONGO E BEM PLANEJADO EMPREENDIMENTO

A leitura da reposta kantiana sobre o que é o esclarecimento deixa claro que para o filósofo o esclarecimento trata-se de um longo e bem planejado empreendimento, porém seu tempo clamava por mudanças rápidas e os prazos filosóficos, como sempre, eram demasiadamente longos se comparados com os prazos políticos. Não se passaram muitos anos para o mundo se envolver em uma série de revoluções violentíssimas como foi a francesa. A intenção da liberdade através do esclarecimento foi falsificada pela pretensão de se atingir rapidamente a liberdade através da violência e da política. Mas Kant com sua filosofia quase profética já imaginava qual seria o resultado disso tudo:

Por meio de uma revolução talvez se possa levar a cabo a queda do despotismo pessoal e da opressão gananciosa ou dominadora, mas nunca uma verdadeira reforma do modo de pensar. Novos preconceitos, justamente como os antigos, servirão de rédeas à grande massa destituída de pensamento.¹⁸⁰

Terminadas as revoluções tivemos sim muito progresso científico, político, etc., mas não nos esclarecemos num sentido pleno e abrangente que se desdobrasse moralmente e existencialmente. Tal como era a pretensão derrubou-se a monarquia e isso foi muito bom, mas com o passar dos anos a burguesia democrática foi capaz de horrores impensáveis para os reis, podemos dizer o mesmo quanto ao comunismo russo. Não fizemos nada além de substituir uma forma de dominação por outra.¹⁸¹ Não houve reforma em nosso modo de pensar. *Nosso esforço foi reacionário.*¹⁸²

¹⁸⁰ KANT, 1783, p.2.

¹⁸¹ Pode-se argumentar que a forma atual de dominação é menos nociva que a antiga, mas julgo que não podemos pagar esse tipo de preço por nosso progresso.

¹⁸² Essa mesma história ainda replica-se até hoje. Deveríamos fazer uso pleno de nossa liberdade examinando muito bem nossas ideias antes de torná-las públicas. Mas isso quase nunca acontece. Poderíamos pegar diversos exemplos disso ao logo de nossa história, porém aqui vale uma rápida análise de um fato de nosso tempo onde embora ainda não possamos chegar a conclusões sobre fato, já podemos verificar traços de tal dialética deste esclarecimento falsificado: O Brasil será a sede dos dois próximos maiores eventos esportivos do mundo. Dada a incompetência do poder público em preparar as cidades para tais acontecimentos, os grandes investidores, brasileiros ou não, tem tomado as rédeas da situação e em troca das obras que realizam tem garantido para seu capital reconhecimento, influência, lucro e muito marketing gratuito. Indignados com a situação muitas pessoas tem se organizado e houve uma peculiar série de ataques às mascotes que a Coca-Cola ergueu em todas as cidades-sedes da Copa do Mundo FIFA de Futebol 2014. Houve violência, repressão policial e este foi o estopim para uma discussão pública visando descobrir se aquilo era vandalismo ou protesto. Tal debate não tem nenhuma relevância filosófica neste momento para este trabalho, mas devemos citar que após o primeiro ocorrido os manifestantes e seus simpatizantes começaram a espalhar pela internet mensagens do tipo “O povo está acordando!” ou “Vamos derrubar o capitalismo!” vinculadas às imagens das mascotes caídas e de pessoas feridas durante as manifestações. Pois bem: isso só serve pra provar justamente o contrário. Agindo assim “o povo não está acordando”. A mascote é só um símbolo e a sociedade administrada necessita ter símbolos; ele estava lá justamente para ser admirado, protegido e atacado. Ele estava lá justamente para substituir e alienar, diríamos que cumpriu muito bem seu papel, afinal: por algum estranho motivo, aqueles que se manifestaram resolveram atacar o monstro gigante de borracha, deixando de lado os problemas reais dos quais estavam dispostos a lutar. Entre

Kant deixa claro que seu tempo nem de longe era uma época esclarecida. Dada a abertura política que estava ocorrendo, para o filósofo seu tempo era apenas uma época de iluminismo:

Temos apenas claros indícios de que lhes abre agora o campo em que podem atuar livremente, e diminuem pouco a pouco os obstáculos à ilustração geral ou à saída dos homens da menoridade de que são culpados. Assim considerada, esta época é a época do iluminismo, ou o século de Frederico.¹⁸³

Definitivamente Kant não tinha o poder de ver o futuro, ele realmente acreditava que a abertura política de sua época levaria o ser humano a lentamente abandonar todo tipo de brutalidade, afinal perceberíamos que não existe propósito algum em conservar tais formas de horror. Também acreditava que a pior tutela era a tutela religiosa e que os governos não tinham o menor interesse de exercer tutela sobre as artes e cultura.¹⁸⁴

(...) O ponto central do esclarecimento, (...) sobretudo nas coisas de religião, porque em relação às artes e às ciências os nossos governantes não têm interesse algum em exercer a tutela sobre os seus súbditos; por outro lado, a tutela religiosa, além de ser mais prejudicial, é também a mais desonrosa de todas. (...) Não há perigo em permitir aos seus súbditos fazer uso público da sua própria razão e expor publicamente ao mundo as suas ideias sobre a sua melhor formulação, inclusive por meio de uma ousada crítica da legislação que já existe (...)¹⁸⁵

O século XX vem para contradizer este ponto do texto de Kant, além das guerras mundiais e de todos outros horrores, a *indústria cultural* tornou-se a maior das tutelas as quais os indivíduos mais se submetem. Como dito, ele também acreditava que aos poucos os governos perceberiam que não há riscos em permitirem que seus governados façam o uso público da razão para expor publicamente suas ideias ao mundo, mas ainda hoje vemos muitos governos agindo contra a liberdade de expressão e buscando formas de censurar até a internet e seu conteúdo aparentemente participativo e democrático.

Por fim, temendo que cada vez mais o progresso anunciado levasse o homem a um estado de reificação de sua própria espécie como de fato veio a ocorrer, Kant deixa claro que mais do que nunca cada homem deve ser respeitado segundo sua própria dignidade e diferença.¹⁸⁶

Após a leitura deste texto de mais de duzentos anos nos fica evidente que o esclarecimento é um projeto válido e cheio de boas intenções, mas que fracassou devido à pretensão de alguns homens em transformá-lo em uma máquina de dominação e poder.

presos e feridos: o capitalismo permaneceu intacto.

¹⁸³ KANT, 1783, p.6.

¹⁸⁴ KANT, 1783, p.6-7.

¹⁸⁵ KANT, 1783, p.7.

¹⁸⁶ KANT, 1783, p.7.

Agora faremos uma breve análise de tal pretensão.

3.1.3 A PRETENSÃO DO ESCLARECIMENTO

Chegamos ao século XXI e os homens nunca foram tão escravos de seus mitos quanto hoje são. Isso porque concederam o status de natural às suas próprias invenções. Vejamos...

Fruto do temperamento intelectual dos filósofos Theodor W. Adorno e Max Horkheimer o livro *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos* de 1944 é um dos livros chaves para que possamos entender a corrente filosófica chamada de *Teoria Crítica*, bem como para entendermos melhor o diagnóstico doentio do século XX e de suas consequências para o século XXI. A proposta do livro é *descobrir o porquê a humanidade em vez de entrar num estado verdadeiramente humano, se afunda sempre em uma nova espécie de barbárie.*¹⁸⁷ Embora toda teoria por trás da referida obra seja extremamente complexa e profunda, para que possamos julgar de maneira mais adequada a questão da alienação e reificação na indústria cultural e internet precisamos entender um pouco mais o que tudo isso significa, justamente por isso, vamos agora a uma rápida análise de tal teoria da mistificação das massas. Escrito originalmente durante os horrores da Segunda e Guerra Mundial e publicado em 1947, Adorno e Horkheimer percebiam a insensibilidade se espalhando pelo mundo de sua época, eles percebiam o fracasso do projeto de esclarecimento iluminista, pois sentiam na pele toda barbárie que poderia ser gerada a partir da pretensão de se ter o controle absoluto sobre a natureza.

Diferentemente de Kant, que para eles apontava para todo conhecimento humano anterior ao iluminismo como pertencente de uma minoridade culpada, Adorno e Horkheimer viam a busca pelo esclarecimento como uma constante na história da razão humana. Devido a isso tal livro nos coloca justamente no terceiro ponto deste subcapítulo: O esclarecimento pretensiosamente subjuga todos os projetos anteriores da razão, pretendendo-se como “o projeto definitivo da razão humana”, devido a isso teria aberto a possibilidade ser falsificado pela pretensão dominadora, gerando assim justamente seu oposto aos homens.

A pretensão do esclarecimento pode ser entendida como apropriação das ideias iluministas feita pela razão humana para tentar cumprir a *profecia* comum que fala sobre

¹⁸⁷ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.2.

um mundo melhor no qual vamos ter controle total sobre a natureza, em que nada mais ameaçará o estado das coisas. Tal profetizado está presente nos mais diversos mitos das mais diversas culturas, por isso se não for à primeira profecia certamente é uma das mais antigas e duradouras. Esta profecia vai ao encontro de nosso impulso originário que pode ser entendido como a tentativa de termos controle racional sobre toda natureza, o resultado final buscado pela razão seria: *sobrevivência, conforto e previsibilidade*.

Adorno e Horkheimer perceberam que todo mito já contém esclarecimento e que todo esclarecimento acaba por reverter-se em mitologia após afundar-se em suas pretensões. Por isso o esclarecimento seria um processo muito mais antigo que o iluminismo europeu e sempre fracassaria, pois, entre outras coisas, cada nova filosofia esclarecedora já possuiria em si todos os elementos para ser destruída por outra nova filosofia futura. O esclarecimento ao pseudoesclarecer corroeria as bases da possibilidade realmente esclarecer. Dentro desta lógica todo esclarecimento acabaria sendo autocorrosivo.

Os ideais iluministas e as revoluções que deles resultaram mostraram o poder do conhecimento frente ao poder sobre os homens. Não demorou muito para que se fosse inferida a relação próxima entre conhecimento e poder. O que teria levado o esclarecimento a comportar-se com as coisas tal como o ditador se comporta com seu povo. Teríamos nos limitado a tentar entender a natureza das coisas somente a partir da medida em que podemos manipulá-las a nosso favor. Para obtermos tal controle seria necessário banir do processo racional todo o temor e o espanto que nosso contato com a natureza das coisas nos proporcionam. Para Adorno e Horkheimer a *Crítica da Razão Pura* já teria se encarregado disso traçando o círculo de onde o pensamento racional poderia se desenvolver livre de tamanha interferência.¹⁸⁸ A partir deste livro Kant teria profetizado que não há nenhum ser no mundo que a razão não possa penetrar, mas o que pode ser penetrado através da segurança da ciência não é o ser em si¹⁸⁹. Para ser mais “esclarecido” e conseguir mais controle sobre a natureza o sujeito iria sempre buscando uma natureza cada vez mais externa, se afastando cada vez mais do objeto analisado e também de si mesmo. “*A Submissão de tudo aquilo que é natural ao sujeito autocrático culmina exatamente no domínio de uma natureza e uma objetividade cega.*”¹⁹⁰

Neste processo *replicatório* oriundo de tamanha pretensão *sujeito e objeto tornar-*

¹⁸⁸ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.15.

¹⁸⁹ Este foi banido para o âmbito da metafísica.

¹⁹⁰ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.4.

se-iam nulos, carentes de sentido e significado. Esvaziados ambos ficariam com apenas uma propriedade, a propriedade de serem mero substrato para posse, dominação e controle. “*Na redução do pensamento à uma aparelhagem matemática está implícita a ratificação do mundo como sua própria medida*”¹⁹¹ O dito “*triunfo da racionalidade objetiva*” seria na verdade a redução de todo ente ao formalismo lógico, pois isto subordina a razão ao imediatamente dado, lhe subordina à ditadura dos fatos, banaliza por completo o pensamento crítico e a imaginação humana. Desta forma a pretensão do esclarecimento revela sua meta oculta que vai exatamente na direção contrária da intenção do mesmo.

Para Adorno e Horkheimer conhecimento não se trata de simplesmente compreender o dado enquanto tal, ou seja, saber dos dados e dos fatos apenas em suas relações espaços-temporais. Podemos dizer que as pessoas agarram-se a este tipo de conhecer pois traz segurança, a segurança da repetição enciclopédica. Conhecimento para Adorno e Horkheimer seria justamente o contrário disto¹⁹², *conhecer é pensar os dados e os fatos como sendo apenas a superfície. Para conhecer seria preciso afundar-se, necessitaríamos ir muito além do conceito. A coisa não se realizaria no imediatamente dado, mas sim no desdobramento de seu sentido social e histórico. Conhecimento não consistiria no mero perceber, classificar, conceituar e calcular, mas sim residiria precisamente na negação* determinante de cada dado imediato e muito mais que isso. Ao invés disso o formalismo matemático manteria o pensamento firmemente preso ao meramente imediato. O factual teria sempre a última palavra, conhecer se restringiria a narrar, repetir e replicar os fatos. Todo pensamento válido estaria transformado em *tautologia*, pois isso seria segurança, o mergulho seria um afundar-se numa natureza perigosa.¹⁹³

Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao seu eu. Com a difusão da economia, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a se afastar do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação.¹⁹⁴

Em suma, na visão apresentada até aqui: a pretensão do esclarecimento abdicou à

¹⁹¹ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.15.

¹⁹² Considerando a visão de Adorno e Horkheimer apresenta na Dialética do Esclarecimento e que no momento também compartilho.

¹⁹³ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.15.

¹⁹⁴ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.18.

realização do esclarecimento, como *bônus* deste feito falsificou nosso jeito de ver o mundo, nos inserindo num círculo autocorrosivo no qual nossa emancipação intelectual torna-se um sonho demasiadamente cansativo e distante. A culpa por não termos saído ainda da menoridade da qual nós mesmos somos culpados é que em momento algum enxergamos a verdadeira luz da razão autônoma e da natureza. O que vimos nada mais foi que um rele brilho ofuscado pela *turvolência* pretensiosa da qual nós homens sempre estivemos mergulhados. Assim escrevemos nossa história sobre o sangue dos diferentes e sob a ameaça de heróis assassinos. Nosso progresso se fez sobre a dor e sofrimento real, mas na realidade pouco ou quase nada fomos capazes de fazer para evitar mais dor e sofrimento. De fato: a pretensão do esclarecimento tem nos sido muito mais venenosa, alucinante e cancerígena do que qualquer romântico pode um dia poetizar.¹⁹⁵

Para mim, bem como para Adorno e Horkheimer no livro *Dialética do Esclarecimento*, o esclarecimento só se reencontrará com sua intenção quando renunciar ao último acordo com os inimigos do pensamento crítico e tiver a ousadia de superar *o falso absoluto* que é o princípio da dominação cega e naturalizada que vivemos hoje. O espírito de tal teoria grandiosa será capaz de inverter a direção do progresso impiedoso, será capaz de colocar-nos novamente no lado certo da razão crítica, terá a capacidade de *desofuscar* às sociedades e nos apresentará a real luz prometida nas profecias kantianas. Se um dia for apresentada tal teoria certamente será de difícil assimilação e provavelmente será renegada por muito tempo, afinal, nos acostumamos a viver num mundo de conhecimentos e juízos tautológicos. O progresso cego se ergue falicamente e encanta os olhos turvos das massas com o vigor de sua força. Ele faz questão de bajular aqueles que suas almas gentilmente lhes cedem. Apresenta-nos tal conforto que faz da ignorância a única real virtude nos dias de hoje. Vivemos o tempo onde erroneamente os homens acreditam que podem imperar na prática sobre a natureza, onde cultivamos o conhecimento que é poder, mas que nada conhece. Onde o esclarecimento falsificou-se na total mistificação das massas.¹⁹⁶

Evidentemente podemos supor que este é o cenário perfeito para a alienação e reificação abordada pelos mais diversos filósofos que já citamos neste trabalho. Vamos agora voltar à questão da indústria cultural e suas artimanhas de dominação e controle.

¹⁹⁵ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.52.

¹⁹⁶ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.22.

3.2 GATEKEEPING

A tradução literal do termo da língua inglesa *gatekeeping* nos indica que se trata de um processo de cuidar um portão, mais precisamente é um processo de selecionar e decidir aqueles que podem passar pelo portão e os que irão ficar do lado de fora só observando. O sujeito que faz este julgamento é o *gatekeeper*, uma figura cercada de poder e mistério, que tem as chaves em mãos exatamente como São Pedro na interpretação popular do versículo bíblico do Evangelho de São Mateus 16:19 - "*Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra, será desligado nos céus*".

Assim como Pedro na religião cristã a indústria cultural possui seus *gatekeepers* que decidem quem e o que pode fazer parte de sua programação. Os *gatekeepers* geralmente são empresários de algum ramo específico do entretenimento, os chefes de redação no jornalismo, os produtores de conteúdo, etc. A indústria cultural não esconde nem tenta disfarçar seu *gatekeeping*, pelo contrário, seria esta prática que garantiria investidores e audiência. Segundo sua lógica de funcionamento são os *gatekeepers* que garantem o “padrão de qualidade”, assim sendo: quanto melhor forem os *gatekeepers* de uma rede de mídia, maior será o sucesso da programação levada ao público.

Este termo começou a ser usado no ramo da comunicação primeiramente no jornalismo na década de 1950 por David Manning White¹⁹⁷ onde o *gatekeeper* seria aquele que define o valor de cada história e arbitra o que será noticiado. Quando expandimos o conceito para todos demais ramos da indústria cultural, fica fácil de supor que a decisão dos *gatekeepers* passam pelos interesses comerciais dos grandes empresários midiáticos e também dos respectivos anunciantes (normalmente governos, bancos e multinacionais).

No Brasil temos como grande sucesso os programas de calouros e talentos musicais. Programação esta que escancara ao público a arbitrariedade dos *gatekeepers* personificada na figura do “jurado”. Muitas vezes um bom músico é eliminado de um destes torneios sobre a alegação de “não ter apelo comercial”. Outro sucesso da indústria cultural brasileira são os *Realitys Shows*, uma mistura dos *Game Shows* com a *Reality TV*, dentre os mais diversos programas do gênero o mais famoso é o *Big Brother Brasil*. Embora uma vez iniciado este programa seja o público que descida um por um os

¹⁹⁷ WHITE, 2012, p.382-394.

eliminados até que só reste o campeão, muito antes disso o *gatekeeping* foi feito e os participantes foram selecionados não por se identificarem com o público, mas sim de acordo com o potencial de gerar identificação, hábitos de consumo, estilos de vida inofensivos e consumistas, etc. Isto fica evidente para todos aqueles que assim como eu se aventuram a responder as mais de cem perguntas da ficha de inscrição do programa e percebem que boa parte de tais perguntas são referentes aos patrocinadores.

Definitivamente esta é uma das práticas mais comuns e características da indústria cultural desde os tempos em que esta mesma nem ainda havia se consolidado como um ramo da economia. Mas como já nos deve estar claro, a Web 2.0 ignora completamente tal prática. Nesta área da internet não há qualquer tipo de *gatekeeping* prévio, absolutamente qualquer conteúdo pode ser postado. Dentro do ambiente colaborativo podemos encontrar da filosofia à instigação à violência, da religião à pornografia, das mais avançadas pesquisas científicas aos mais banais programas de humor. Na internet os portões estão abertos para todos, porém não é verdade que não exista filtros, a filtragem é realizada pelos outros membros da rede através do *feedback* direto e indireto. Em alguns casos o conteúdo pode até ser censurado judicialmente, porém isto ocorre somente após a postagem, assim sendo, se é possível falar em *gatekeeping* na Web 2.0 trata-se de um “*gatekeeping* póstumo”.

Referente ao engajamento do público e conseqüentemente o lucro de quem disponibiliza produtos culturais na internet, primeiramente temos que entender que ao contrário da indústria cultural em que o produto necessita primeiramente ser sancionado pelos anunciantes, o conteúdo da internet causa empatia diretamente com o público, pois não necessita se identificar com anunciantes previamente, como veremos até o fim deste trabalho a publicidade é feita a través de um sistema inteligente e automático que indexa os anúncios de acordo com o perfil do usuário que acessa o conteúdo, não conforme aquele que posta. Devido a isso o cliente na Web 2.0 se sente muito mais próximo do produto do que na lógica dos *gatekeepers*. Como “membro de uma rede” podendo ter acesso dar *feedback* direto ao “artista”, o fã na Web 2.0 não é somente um inseto, é um “colaborador”, um “amigo”, um “produtor”, um “divulgador”, um “crítico”, etc. é um sujeito dotado de individualidade.

Curiosamente muitos conteúdos de “sucesso na internet” foram reprovados pelos *gatekeepers* da indústria cultural e hoje geram lucros absurdos para seus criadores, lucros maiores que receberiam na mídia tradicional, pois na Web 2.0 não existem tantos atravessadores. Como exemplo em âmbito nacional temos a animação musical infantil

Galinha Pintadinha que superou a marca de um bilhão de visualizações em seu canal no You Tube se tornando o canal mais assistido Brasil hoje, também vendeu mais de 450 mil DVDs e já tem uma das maiores franquias de produtos para bebês. Esta “galinha dos ovos de ouro” foi originalmente pensada para fazer parte de programação de TV, porém não passou no *gatekeeping* e para não perder o trabalho os criadores postaram os vídeos no You Tube sem qualquer pretensão.

Em âmbito mundial temos o *rapper* sul coreano PSY que foi considerado fora dos padrões de beleza indústria cultural por ser “oriental demais” e um pouco “gordinho”, por isso nunca seria mais que um polêmico artista local de segunda categoria. Com o *hit Gangnam Style* superou a marca de 1.900.000.000 num único vídeo se tornando o canal mais assistido do You Tube mundial. Tal música foi a mais ouvida, baixada e tocada do ano de 2012, atingiu o topo nas principais paradas de todo mundo, garantiu diversos shows ao redor do planeta, e se tornou tendência de moda com o estilo estético do vídeo clipe incorporado por alguns estilistas, coreógrafos e outros artistas da música.

Se considerarmos que o esquema de publicidade AdSense paga hoje em média US\$ 1,50 a cada mil visualizações e que esta é apenas a ponta do iceberg dos ganhos oriundos com a internet, fica fácil percebermos que se trata de cifras milionárias.

Sem o gatekeeper abriu-se também o espaço para a publicação de conteúdo crítico numa escala nunca vista. Uma das principais características dos novos “formadores de opinião” da internet é que eles não precisam seguir nenhum padrão de imparcialidade, realmente podem falar aquilo que precisa ser dito. Infelizmente os mais velhos e qualificados para darem opiniões que realmente ajudem a mudar o mundo não sabem usar estes recursos de conectividade, porém a minha geração já está na atividade e além de comentaristas técnicos e intelectuais, comentadores *mainstream* como Felipe Neto, PC Siqueira e Cauê Moura têm ajudado a constituir uma juventude muito mais consciente e engajada do que tivemos há vinte anos atrás. Eu mesmo com minha página *Filosofia Hoje* e seus 70.000 fãs tenho colaborado para isso. A prova do que aqui vos digo se dá com o já citado aumento estrondoso dos protestos nas ruas de todo o mundo.

Os *gatekeepers* sempre foram “protetores da qualidade do conteúdo midiático”, sua obsolescência poderia significar a queda desta suposta qualidade e isto geralmente transparece nos *memes virais* (nome dado aos *hits* da Web), o faz com que muitos analistas concordem com isso, porém isto nada mais é do que um ledor engano, afinal todo conteúdo de qualidade da indústria cultural também é disponibilizado online e ainda há o diferencial de que pode ser acessado a qualquer momento, de qualquer lugar do mundo, por pessoas

de todas as classes sociais e etnias. Desta forma a nova lógica da Web 2.0 não afeta em nada a produção e distribuição de conteúdo de qualidade, porém infelizmente também não consegue massificar este tipo de conteúdo que permanece sendo consumido apenas por nichos específicos de espectadores.

Para não dizer que estou sendo completamente apologético a superação do *gatekeeping* pela Web 2.0, devo citar que algumas redes com conteúdo mais radical e intolerante que jamais seria aceito por algum grande *gatekeeper* se fecham tão fortemente em sua ideologia que formam verdadeiros *feudos virtuais* muitas vezes liderados por algum radical intolerante e manipulador, encontramos este tipo “rei” em figuras como Emerson Eduardo Rodrigues (vulgo Sílvio Koerich do site *silviokoerich.org*) e Marcelo Valle Silveira Mello, presos em 22 de março de 2012 por manterem um blog com mensagens de ódio contra judeus, negros, mulheres, nordestinos, homossexuais e ainda instigavam a prática do abuso sexual contra menores. De acordo com investigação da Polícia Federal brasileira os dois mantiveram contato com Wellington Menezes de Oliveira que em 7 de abril de 2011 invadiu a Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada na no bairro de Realengo, cidade de Rio de Janeiro no estado do Rio de Janeiro, e atirou contra vários alunos e professores matando doze deles antes de ser atingido por um tiro de um policial e cometer suicídio. Além disso, a mesma investigação revelou que os dois planejavam um massacre no estilo *Columbine* contra os estudantes das ciências humanas da Universidade de Brasília.¹⁹⁸

Precisamos estar cientes que somos todos vítimas da alienação e da reificação que tende a nos esvaziar psicologicamente, mas que nem todos conseguem impedir a completa degradação da identidade particular. Ao adentrar ao ambiente virtual e ter acesso a uma quantidade e diversidade de informações muito superiores ao que encontraria na escola, nos meios de comunicação tradicionais ou na biblioteca da esquina, este *ser vazio*, semelhante ao sujeito antisemita avaliado por Adorno e Horkheimer, tende a buscar justamente as redes com conteúdo mais radicais. Diferentemente dos velhos meios que trazem a informação já pronta e a confrontam com os indivíduos, a Web 2.0 traz sempre uma informação inacabada que grita por comentários e opiniões. Outra característica relevante neste processo se dá por meio dos filtros de pesquisa que estão cada vez mais precisos e dinâmicos, com eles o indivíduo consegue filtrar toda informação que recebe, ou seja, passa a receber somente aquilo que lhe interessa, excluindo tudo que for contrário

¹⁹⁸ De acordo com as reportagens disponíveis em: <<http://goo.gl/9VCNJ6>> e <<http://goo.gl/z2mMpK>>
Acesso em: 19 de Fevereiro de 2014.

ou desnecessário para suas ideias e planos por mais maníacos que esses possam ser. Neste sentido a Web 2.0 que pode ser uma ferramenta excelente no caminho do esclarecimento e libertação dos indivíduos revela sua outra face que é cruel e ainda mais dominadora do que a velha mídia.

Não é exagero afirmarmos que nas redes sociais as relações pessoais se falsificam em absoluto, como muito bem observado por Zygmunt Bauman:

Um viciado do Facebook me segredou, não segredou, de fato, mas gabou-se de que havia feito 500 amigos em um dia. Minha resposta foi que eu tenho 86 anos, mas não tenho 500 amigos. Eu não consegui isso. Então, provavelmente, quando ele diz "amigo" e eu digo "amigo", não queremos dizer a mesma coisa. São coisas diferentes. Quando eu era jovem, eu nunca tive o conceito de "redes". Eu tinha o conceito de laços humanos, de comunidades, esse tipo de coisa, mas não redes. Qual é a diferença entre comunidade e rede? A comunidade precede você. Você nasce numa comunidade. Por outro lado, temos a rede. O que é uma rede? Ao contrário da comunidade, a rede é feita e mantida viva por duas atividades diferentes. Uma é conectar e a outra é desconectar. E eu acho que a atratividade do novo tipo de amizade, o tipo de amizade do Facebook, como eu a chamo, está exatamente aí. Que é tão fácil de desconectar. É fácil conectar, fazer amigos. Mas o maior atrativo é a facilidade de se desconectar. Imagine que o que você tem não são amigos online, conexões online, compartilhamento online, mas conexões off-line, conexões de verdade, frente a frente, corpo a corpo, olho no olho. Então, romper relações é sempre um evento muito traumático. Você tem que encontrar desculpas, você tem que explicar, você tem que mentir com frequência e, mesmo assim, você não se sente seguro porque seu parceiro diz que você não tem direitos, que você é um porco etc. É difícil. Na internet é tão fácil, você só pressiona delete e pronto. Em vez de 500 amigos, você terá 499, mas isso será apenas temporário, porque amanhã você terá outros 500, e isso mina os laços humanos. Os laços humanos são uma mistura de bênção e maldição. (...) (Nas redes sociais) Estamos todos numa solidão e numa multidão ao mesmo tempo.¹⁹⁹

Isolados em seus absurdos, afundados em sua solidão e contemplados pela multidão de seu feudo os sujeitos esvaziados se isolam cada vez mais da realidade e passam a ser geradores de conteúdo geralmente ligados ao ódio, discriminação, extremismo e fundamentalismo, porém carregados de um falsificado pressuposto crítico à realidade e ao sistema. Nesta loucura geralmente surgem admiradores e seguidores que de uma forma ou de outra acabam por alimentar os planos de um ataque como o de Columbine, exatamente como vimos na relação supracitada entre Wellington Menezes de Oliveira e Emerson Eduardo Rodrigues. Tudo isso junto dá ao sujeito esvaziado a sensação de *ser Deus*, ou de estar justificado perante ele. Nos diários e cartas suicidas de jovens que cometeram este tipo de ato é comum encontrar frases do tipo “*me sinto como um deus*”, “*Só Deus pode me julgar*”, “*Os impuros não me tocarão*”, etc. Claro que isso

¹⁹⁹ Em entrevista disponível em: <<http://goo.gl/esJWY8>> Acesso em: 19 de Fevereiro de 2014.

não tem ligação com o fanatismo religioso tradicional, afinal estes jovens não são fundamentalistas religiosos do mesmo jeito que estamos acostumados a ver; eles simplesmente inventam sua própria religião fundamentadora para sua barbárie, são *fundamentalistas 2.0*. Evidentemente esta é uma questão complexa que certamente necessita de novas e mais profundas análises, porém vamos avançar agora para mais um novo ponto deste trabalho: *A democratização dos meios de comunicação de massa*.

3.3 DEMOCRATIZAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

É impossível pensarmos em democratização dos meios de comunicação com o baixo acesso à cultura. Os preços altos sempre foram empecilhos para a grande massa, principalmente referente ao acesso de “cultura superior”. Porém, nem mesmo o acesso à cultura pop é barato. Não são todas as pessoas que podem ter um computador, um rádio ou uma televisão. Devido a isso por muito tempo se pensou que democratizar os meios de comunicação de massa era apenas fazer com que a maioria tivesse acesso a eles, porém tão logo este acesso se fez possível, ou pelo menos foi facilitado, verificou-se que devido ao *gatekeeping* isto não era suficiente.

Democracia pressupõe a liberdade de comunicação e liberdade de expressão. E não haverá a liberdade de expressão se os meios de comunicação não forem democratizados. Se você tem um instrumento de comunicação que por dia “fala” com sessenta ou setenta milhões de pessoas e o controle das mensagens é feito apenas por uma equipe ordenada ideologicamente por um “senhor”, eu penso que aí está descaracterizada qualquer possibilidade de democracia.²⁰⁰

A entrevista acima dada por *Luiz Inácio Lula da Silva* muito antes de se tornar presidente do Brasil mostra que a questão da democratização dos meios de comunicação e da superação do *gatekeeping* era uma questão político-ideológica que motivava “bandeiras” muito antes da Web 2.0. O contraditório é que quando Lula e outros políticos que “lutavam” por esta causa chegaram ao poder, muito pouco fizeram para democratizar a comunicação. Julgo que isso ocorreu, pois, democratizar os meios de comunicação de massa no sentido de permitir que qualquer um possa gerar conteúdo para a massa sempre foi perigoso aos poderes estabelecidos, por isso a maioria dos países adotou e manteve sistemas de concessões de mídia mesmo com políticos de esquerda no poder. Neste sistema somente “os amigos do rei” podem deter os meios, não basta nem ter poder econômico, é preciso defender o governo para ter uma concessão. Adorno e Horkheimer

²⁰⁰ Em entrevista dada por Lula no documentário *Beyond Citizen Kane* de 1993.

já em 1940 haviam percebido que a indústria cultural nunca teve o interesse de criar uma ferramenta de réplica que desse voz direta à massa, tal iniciativa teria que vir de um governo consciente, porém, tal como afirmou Maquiavel: a política é um jogo de obtenção e manutenção de poder, uma vez eleitos a maioria dos governantes optaram por aumentar a verba para o setor de comunicação ao invés de revolucionar um sistema de concessão midiática já estabelecido.

O que fazer? O impasse continua: reforma ou revolução? Sem uma alteração radical das condições de existência não será possível colocar esses veículos trabalhando a favor do homem, é o que se diz de um lado. De outro, adverte-se que não é possível nada fazer enquanto se espera a Grande Revolução — que tarda. E tarda. Levando isto em consideração, a pergunta que deve ser feita desde logo, independentemente de qualquer transformação visceral da sociedade, é: como preparar as pessoas para entrar em contato com os fenômenos da indústria cultural e deles extrair o melhor? É essa preparação que tem sido impedida pelo atual estágio do capitalismo de organização, marcado pela diminuição constante da função ativa dos executantes e pela intervenção cada vez maior do Estado na vida privada dos cidadãos. Essa situação acarreta a passividade dos indivíduos na recepção e assimilação da produção cultural, o que, desorganizando-os, acarreta sua desculturalização — constatável nas atuais culturas de massas, num processo no entanto não onipotente, como se viu.²⁰¹

A passagem citada acima de Teixeira Coelho mostra muito bem que ele e outros especialistas na era pré-Web 2.0 acreditavam que não haveria democratização dos meios de comunicação de massa sem uma *Grande Revolução* e que seria necessário preparar as pessoas para isso. Tal revolução não necessitaria ser político-social, mas sim uma revolução nos sujeitos e na forma de como a massa se relaciona com a mídia e como a mídia se relaciona com a massa. A saída seria a criação de condições para que o sujeito possa desenvolver sua individualidade e ter possibilidades de constituir um coletivo que não o esmague, algo para fazer ir visão individualista do mundo capitalista e da visão coletivizante das ditaduras comunistas, um espaço que revelasse a verdadeira opinião pública, onde todos pudessem postar e compartilhar opiniões, informações e conteúdo de forma direta, pessoal e com notória audiência, *evitando* assim a consolidação de *uma "sociedade sem oposição"*.

Tal Revolução aconteceu, porém veio de onde menos se esperava: não veio dos partidos de esquerda, nem do público, nem da indústria cultural. A revolução veio da informática a partir da figura de grandes capitalistas com Bill Gates, Steve Jobs, Mark Zuckerberg, Larry Page e Sergey Brin. Porém, esta questão não é tão contraditória assim, observando com mais atenção fica fácil de entender porque a revolução teve origem aí.

²⁰¹ COELHO, 1993, p.42-43.

Todos estes “revolucionários” começaram suas carreiras como técnicos de informática e construíram impérios bilionários sem a nunca se envolverem com a indústria cultural em sua concepção clássica. Por motivos maquiavélicos os governos não revolucionariam nada, o público alienado e reificado também não e a indústria do entretenimento só faria se quisesse se autodestruir. Com amplo conhecimento da máquina mais semelhante ao cérebro humano já feita (o computador) e do mais veloz e dinâmico meio de comunicação (a internet), foi fácil para estes meninos desenvolverem uma tecnologia que dispensasse e desrespeitasse quase toda lógica que os meios de comunicação de massa estabeleceram nos últimos cem anos. Mas, que nos fique claro, estes homens fizeram tal revolução por serem *mad men's* do capitalismo monopolista e visaram expandir seus lucros e poder de influência nos mercados, não são *nice guys* libertários ou algo do tipo, a única diferença entre eles e os antigos *players* da indústria cultural se dá na lógica de ação em que os antigos ampliavam seu poder a partir da usurpação e da estandardização da “inteligência coletiva”, enquanto os novos ganham força com apropriação e com a pluralidade dialético-criativa desta mesma inteligência. No fim das contas se tratam de formas de reificação distintas, mas são sim formas de alienação e reificação, porém julgo que por abrir espaços antes fechados pela indústria cultural a Web 2.0 sem dúvida traz um jeito de comunicação de massa muito menos nocivo para a formação da individualidade dos sujeitos.

Na internet todos podem ser um comunicador de massa, na verdade todos que compartilham coisas em redes sociais são potenciais comunicadores de massa, pois a qualquer momento um de seus *posts* pode ser compartilhado para os cantos mais longínquos da Web. Não é necessário nenhuma concessão na maioria dos países para se ter um site ou um espaço Web 2.0, nem dinheiro é preciso, a maioria das redes não cobra de seus usuários justamente pois lucra em cima do conteúdo que estes mesmos postam. Em rede todos podem ter seus quinze minutos de fama como supunha Andy Warhol ainda nos anos 1960, porém não é a mídia que revela o *meme*²⁰² e o leva ao público como podia se supor numa época na qual a indústria cultural ditava as regras, nas redes sociais é o público que revela o *meme* e o leva até a mídia através de curtidas, comentários e

²⁰² O termo *Meme de Internet* é usado para descrever um conceito que se espalha via Internet.1 O termo é uma referência ao conceito de *memes*, que se refere a uma teoria ampla de informações culturais criada por Richard Dawkins em 1976 no seu livro *The Selfish Gene*. a sua forma mais básica, um Meme de Internet é simplesmente uma ideia que é propagada através da World Wide Web. Esta ideia pode assumir a forma de um hiperlink, vídeo, imagem, *website*, *hashtag*, ou mesmo apenas uma palavra ou frase. Este *meme* pode se espalhar de pessoa para pessoa através das redes sociais, blogs, e-mail direto, fontes de notícias e outros serviços baseados na web tomando-se geralmente viral.

compartilhamentos espontâneos.

Com a fetichização das artes eruditas e populares estabeleceu-se preços que muitas vezes não poderiam ser pagos por boa parte das pessoas. Me lembro que eu gostava muito das músicas da banda Legião Urbana, porém não tinha dinheiro para comprar os discos deles, então tinha que buscar outros fãs da banda para poder ter a chance de apreciar a obra dos músicos e até, quem sabe, pegar um CD emprestado para escutar em casa e regravá-lo em uma fita K7. Hoje na Web 2.0 todo conteúdo oficial da banda está disponível e ainda há milhares de conteúdos raros que outros fãs fazem questão de disponibilizar. Muitas gravadoras e também outras potências da indústria cultural global já estão disponibilizado seus produtos na Web, gratuitamente ou não, há casos até que as duas formas ficam disponíveis e o público decide se quer pagar ou não. Quando se negam a fazer isso, perdem um pouco do respeito do público que com ajuda de *Hackers* desbloqueiam e distribuem gratuitamente o produto para toda a rede; Desta forma permitem o amplo acesso a todo tipo de cultura: livros, filmes, games, pinturas, músicas, palestras, aulas, etc., mesmo para quem não detém muitos recursos financeiros, fato este que também significa uma radical democratização do acesso à cultural que há muitos anos tem sido usada como elemento de segregação entre as elites e os menos favorecidos.

Será que realmente não ganha nada quem compartilha conteúdo na web? Em uma sociedade capitalista realmente não faz sentido e definitivamente quem compartilha na internet ganha sim, já existe milionários dos blogs, vlogs e redes sociais, porém nem sempre é dinheiro o valor recebido, a maioria dos criadores de conteúdo não ganha muito com suas produções. Quem ganha sempre é a rede, tal como em uma conexão P2P onde ao baixar o arquivo o usuário envia fragmentos que melhoram o desempenhos de outros usuários que estão usando simultaneamente aquela rede para o download. Nas redes sociais o processo é semelhante, quando você compartilha conteúdo acaba por melhorar a rede que, como consequência, ganha novos membros que compartilham novos conteúdos dos quais você também acaba por usufruir. Não se ganha nada diretamente por corrigir um verbete na Wikipédia e um sujeito pode ser até condenado por revelar na internet irregularidades políticas como fizeram Edward Snowden e Julian Paul Assange, este segundo além de fazer denúncias criou a rede WikiLeaks que serve justamente para dar espaço para denúncias envolvendo a *Realpolitik*; mas ao fazer isso você sabe que se mais pessoas fizerem o mesmo a rede se potencializa, e a maior potência da rede lhe dará benefícios. Grande parte do conteúdo compartilhado é formada por informações e opiniões, desta forma as redes online nos geram uma experiência de convivência em

ambientes colaborativos que nos faz termos uma visão menos individualista do mundo a partir do momento em que é impossível ficarmos indiferentes a tamanha diversidade de opiniões, também menos individualista no sentido de que se supera o paradigma de que “só darei algo se receber algo em troca”, não é assim que as redes funcionam. Na Web 2.0 todos recebem, todos fazem doações, todos fazem parte do processo, porém o processo não é coletivizante, pois o interessante é que a individualidade dos sujeitos seja mantida, aflore e agregue mais valor para a diversidade da rede. Uma rede homogênea demais torna-se perigosa como vimos no final do subcapítulo anterior e jamais conseguirá se tornar *web mainstream*.

Por fim temos que ter consciência que não há democratização dos meios de comunicação de massa se os mesmos dependem da publicidade. A dependência da publicidade e dos recursos públicos, bem como o sistema de concessão levam a uma homogeneização da cultura que é um empecilho para uma real democratização. Diferentemente da indústria cultural o conteúdo na internet não tem nenhuma dependência com a publicidade, uma vez que esta não é escolhida pelo conteúdo da mensagem, mas sim através de um algoritmo que direciona as propagandas de acordo com quem está acessando o conteúdo. Para explicar melhor a revolução publicitária fruto da Web 2.0 vamos voltar ao texto de Tim O’Reilly, mais precisamente na diferenciação entre o funcionamento da DoubleClick em relação ao Google AdSense:

Como a Google, a DoubleClick é uma verdadeira cria da era da Internet. Ela funciona como um serviço, tem como competência principal o gerenciamento de dados e, como observado acima, foi uma pioneira em serviços web, muito antes que os serviços web sequer tivessem um nome. Entretanto, no final das contas, a DoubleClick foi limitada pelo seu modelo de negócios. Ela embarcou na noção dos anos noventa de que a rede tinha a ver com publicação e não com participação; os anunciantes, não os consumidores é que estariam no comando; que o tamanho importava e que a internet estava sendo cada vez mais dominada pelos principais websites, conforme os números da MediaMetrix e outras companhias de medidas de pontos de anúncios da rede.²⁰³

O “erro” da DoubleClick foi ter tentado levar a lógica de anúncios, publicidade e marketing da velha indústria cultural para o ambiente virtual, digo “erro” entre aspas, pois entre final dos anos 1990 e o início dos 2000 tal empresa teve lucros milionários, mas com a popularização da Web 2.0 tudo mudou. O que a Google percebeu é que esta nova internet possuía uma “cauda longa”, ou seja, que seu verdadeiro poder vinha dos pequenos sites, dos blogs, das redes sociais, etc. Percebeu que neste novo cenário eram os usuários

²⁰³ O’REILLY, 2005, p.6.

que estavam no controle, não os anunciantes. Assim a Google com o AdSense democratizou a possibilidade de incorporar anúncios para qualquer site e usuário, incentivou o autoserviço do consumidor atingindo a rede em toda sua extensão e não apenas o centro, foi até a cauda longa e não ficou apenas na cabeça da internet. O Google AdSense não somente possibilitou a monetização de sites pequenos como também através de anúncios baratos e bem direcionados deu a chance para que pequenos anunciantes pudessem anunciar em sua rede de publicidade, antes disso a DoubleClick monetizava somente grandes sites a partir de anúncios de igualmente grandes corporações. O AdSense usa uma tecnologia chamada WordNet que através de um algoritmo de busca com base no significado das palavras e seu léxico subjacente leva aos internautas os anúncios que lhes são mais interessantes, esta tecnologia usa o histórico de pesquisa dos usuários e também os *cookies* salvos em seus respectivos navegadores para assim vincular a publicidade independentemente do site que o indivíduo está acessando. Ou seja, ao desenvolver um conteúdo para a Web 2.0 não há nenhuma interferência dos anunciantes, algo bem diferente do que Adorno e Horkheimer viram nos anos 1940.²⁰⁴

Devido aos aspectos citados podemos afirmar que a Web 2.0 rompe lógicas antigas da indústria cultural e abre as portas para uma futura democratização definitiva dos meios de comunicação de massa, mas tal democratização não significa nada se não houver uma cultura que nos ajude a selecionar os melhores conteúdos e que nos esclareça sobre nossas reais condições de vida. O que observamos agora é uma juventude muito mais engajada e disposta a mudar o mundo como analisamos no item 2.3.1 deste trabalho, porém nada ainda está claro, só o tempo nos dirá a real dimensão das mudanças que a democratização dos meios de comunicação de massa e que a superação da lógica do *gatekeeping* proporcionadas pela Web 2.0 significarão para a história da humanidade.

3.4 APOCALÍPTICOS OU INTEGRADOS

O filósofo italiano Umberto Eco em sua célebre obra *Apocalípticos e Integrados* de 1964 diz que ao analisarmos a indústria cultural há duas posturas que normalmente são adotadas:

1º Os *apocalípticos* – São aqueles que assumem uma postura cética quanto a

²⁰⁴ Que fique bem claro: ainda existe sites que recebem dinheiro direto de seus anunciantes e que vinculam reclames de forma similar à da indústria cultural. Porém os sites que assim funcionam não podem ser considerados 2.0 de acordo com a concepção de Tim O'Reilly.

possibilidade de a indústria cultural ajudar no processo do real esclarecimento humano. Os apocalípticos observam que tal indústria traz um estado avançado de "barbárie cultural" capaz de produzir ou acelerar a degradação do homem, o que para Teixeira Coelho poderia ser entendido como a potencialização da alienação e reificação impostas pela ordem vigente.²⁰⁵

2º Os *integrados* – Para estes a função central da indústria cultural seria a mesma de toda produção cultural: o esclarecimento para o homem. Neste segundo grupo vigora a ideia de que a indústria cultural seria o primeiro processo democratizador da cultura ao colocá-la ao alcance da massa. Desta forma tal indústria estaria servindo de instrumento privilegiado no combate dessa mesma alienação, não o oposto.

Tal obra de Eco é sem dúvida uma crítica à visão de Adorno e Horkheimer, que além de tudo que os mesmos escreveram nas diversas obras já citadas neste trabalho é retificada na seguinte entrevista dada por Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno:

Na verdade, eu acredito que as tentativas de reunir protesto político e música popular, ou seja, música de entretenimento, estão arruinadas desde o início pelas seguintes razões: toda a esfera da música popular, mesmo onde se reveste de roupagem modernista, é de tal modo inseparável do caráter de mercadoria, da míope fixação com o divertimento, com o consumo, que as tentativas de atribuir-lhe uma nova função permanecem inteiramente superficiais. Tenho de dizer que quando alguém se envolve e, por qualquer razão, acompanha os choramingos musicais cantando uma coisa ou outra sobre a guerra do Vietnã ser insustentável, eu acho que, na realidade, é esta canção que é insustentável. Porque, ao pegar o horrendo e torna-lo de alguma forma consumível, ela acaba arrancando dele algo como qualidades consumíveis.²⁰⁶

A partir da entrevista, Adorno se mostra cético quanto à possibilidade da indústria cultural esclarecer alguém. Ela promoveria sempre a alienação que deve ser “entendida como um processo no qual o indivíduo é levado a não meditar sobre si mesmo e sobre a totalidade do meio social circundante, transformando-se com isso em mero joguete e, afinal, em simples produto alimentador do sistema que o envolve.”²⁰⁷ Assim sendo, qualquer tentativa da cultura pop em denunciar a barbárie seria superficial e bárbara, pois acabaria sempre explorando comercialmente a barbárie. Existiria uma contaminação prévia do meio transmissor.

Quanto a indústria cultural definitivamente sou também *apocalíptico*, pois julgo com base em tudo que já foi dito que ela detém papel central na alienação das massas, na

²⁰⁵ COELHO, 1993, p.14.

²⁰⁶ Entrevista dada por Adorno disponível em: <<http://goo.gl/CdEiPU>> Acesso em: 19 de Fevereiro de 2014.

²⁰⁷ COELHO, 1993, p.14.

naturalização do mitos, na banalização da vida e em todos os demais desdobramentos que podemos fazer acerca da falsificação do esclarecimento humano. Em oposição a isso, quando falo em “*real esclarecimento*” estou falando também na *desalienação* da vida em sociedade. Isso equivale dizer que precisamos *desalienar* aquilo está alienado e para isso é necessário, entre outras coisas, superar as restrições impostas pelos mais diversos tipos de *símbolos* que rodeiam nossas ações e ideias, afastando-nos de nossas reais necessidades. Como já explicitado neste trabalho, Kant apontava para a necessidade se superar a tutela religiosa para tal feito. Com o passar dos séculos a religião viu sucumbir boa parte de sua influência e poder frente à ascensão da economia liberal e suas necessidades na vida das pessoas. Aparentemente poderíamos pensar que o mundo se *secularizou* e que estaríamos caminhando na direção correta em busca da promessa kantiana, porém como Adorno e Horkheimer apontam, surge um novo e determinante obstáculo neste trajeto: *a indústria cultural*. Obstáculo tão poderoso que é sem dúvidas um dos principais elementos para a canibalização da pretensão de obter-se poder frente as possibilidade do esclarecer em face à necessidade de nos esclarecermos para sermos melhores. Tal indústria cultural é sem dúvidas “o fio da navalha” que castra as intenções de esclarecimento e as substitui pela prótese estéril da mistificação das massas. Falo isso sem pudor devido a simples vivência observante de um mundo que em busca de globalização faz de tudo para conferir sempre um ar de semelhança às coisas e indivíduos, até entre coisas e indivíduos. Só estaríamos caminhando na direção correta se estivéssemos *aprendendo a viver com a radicalidade da diferença*, com a aceitação absoluta do diferente como diferente e com *erradicação definitiva da indiferença*. Tudo isso parece ainda muito distante, e definitivamente não faz parte das pretensões da lógica da indústria cultural e de seus administradores.

A unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universale do particular. Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte.²⁰⁸

Dentro da lógica deste sistema tudo se torna vazio para poder ser substituível, neste processo a indústria cultural tenta uma das mais ousadas peripécias: *tenta falsificar a realidade*. Hoje, muito mais que nos tempos de Adorno, é notável que os filmes e jogos

²⁰⁸ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.57.

de videogames estão cada vez mais realísticos, a indústria busca com todas suas forças esta “realidade”, afinal quanto mais “real” for seu produto, mais longe deixa seu consumidor da verdadeira e “perigosa” realidade. Quanto mais “real” maior a chance de substituir o universo de sentido do indivíduo por um novo universo mais próximo ao padrão imposto pela sociedade administrada. Com os novos jogos *MMO*²⁰⁹ e *Free-for-Play*²¹⁰ milhões de pessoas, geralmente jovens, constroem verdadeiras vidas sociais online, passam horas e mais horas conectadas a milhões de outras pessoas virtuais e acabam não percebendo que só quem tem vida social de verdade é seu personagem no jogo, pois sua vida social real já está completamente refém da indústria. No videogame somos heróis para que na realidade não sejamos exatamente isso, no cinema não é muito diferente, minha geração foi encantada por filmes com “*espetaculares lutas contra o sistema*” para saciar nossa sede pela transformação superestrutural que necessitamos. Não há como assistir *The Matrix*, *Fight Club*, *Equilibrium* ou *Tropa de Elite 2* sem sair da sala com a incrível sensação orgástica alheia de ver o herói da tela causar uma verdadeira ruptura no sistema, porém é justamente ao regozijarmos o gozo do herói fictício e que perdemos o *time* para começar as ranhuras aqui necessárias, de certa forma a ficção torna-se a realidade e a realidade uma ficção que escorre por entre nossos dedos.

Julgo que ser apocalítico é uma consequência da compressão de nosso *status quo* e de seu enraizamento histórico. Com o fim da guerra fria muito se tentou naturalizar o mito de que “a ideologia” estava morta. Evidentemente que quem tentou fazer isso tinha a pretensão de exterminar toda pluralidade ideológica que existe para que de uma forma velada fosse possível fortificar a ideologia vigente e dominante como a única, pura, natural e indiscutível. A ideologia do *status quo* pode ser exemplificada a partir de uma analogia com um *vírus zumbi*²¹¹ Hollywoodiano pois, faz de seu hospedeiro uma espécie de morto vivo, transforma-o em um zumbi pronto pra devorar os cérebros dos descuidados para depois também transformá-los em zumbis alienados. Desta forma:

²⁰⁹ É um genero de games que significa *Massively ou Massive Multiplayer Online Role-Playing Game ou Multi massive online Role-Playing Game*.

²¹⁰ Também conhecidos como Free-4-play, Free-to-play ou Free-2-play. Estes são todos os games de distribuição gratuita, independente do gênero. São gratuitos porém para avançar no jogo geralmente o indivíduo precisa convencer seus amigos a também jogarem, fazendo marketing gratuito para o jogo e sus anunciantes. Outras vezes o jogador precisa desembolsar dinheiro real para comprar itens no jogo, esta prática também é comum nos MMO.

²¹¹ Esta analogia também a partir dos debates virtuais com o colega Jeverton dos Santos, deixo mais uma vez a devida referência. Ela exemplifica o estado de existência da ideologia nos dias atuais. pode ser estranha neste momento, mas faço seu uso com uma brincadeira ao termo “Apocalípticos” que o pensador Umberto Eco utiliza para denominar aqueles que são pessimistas frente as possibilidades de esclarecimento através da indústria cultural. Dado o estado das coisas estaríamos então em um apocalipse zumbi.

A ideologia é assim reduzida a um discurso vago e descompromissado nem por isso se torna mais transparente e, tampouco, mais fraca. Justamente sua vagueza, a aversão quase científica a fixar-se em qualquer coisa que não se deixe verificar, funciona como instrumento da dominação. Ela se converte na proclamação enfática e sistemática do existente. A indústria cultural tem a tendência de se transformar num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente.²¹²

Assim como nas histórias de terror uma vez que a pessoa for transformada em zumbi ela perde sua alma e fica apenas vagando pelo mundo sem nenhum propósito, na sociedade administrada a pessoa *zumbizada* (alienada) perde sua condição de indivíduo, transforma-se em um ser oco, padronizado, e vagante. Tal como uma pessoa só é tolerada entre os zumbis após ser mordida e transformada também em zumbi, na sociedade administrada o sujeito “*só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universal está fora de questão.*”²¹³ Ou seja, é necessário estarmos contaminados pela ideologia da ordem vigente (vírus zumbi) para que nela possamos conviver sem ameaças. Neste sentido a liberdade de escolha da ideologia, não existe sem sofrimento, coerção econômica e exclusão social fatídicas. Embora existam milhares de “*estilos de vida*” diferentes para serem seguidos, no fundo são sempre a mesma coisa, trata-se de um cardápio de estilos vazios, as mudanças se dão somente na forma oca que aparecem, propositalmente nada é radicalmente diferente sem ser sumariamente excluído do *menu*.

Dentro de tal lógica vale a máxima de que: *temos toda liberdade de escolher, mas não temos nenhuma liberdade de criar nossas próprias alternativas*; máxima esta que faz parte do núcleo da lógica da indústria cultural. Por fim Adorno e Horkheimer lembram que “do mesmo modo que, na época do mercado livre, a divulgação do nome de uma mercadoria fazia aumentar sua venda. A repetição cega e rapidamente difundida de palavras designadas liga a publicidade à palavra de ordem totalitária.”²¹⁴ É difícil consumir alguns minutos de produtos da indústria cultural sem ouvir atrocidade do tipo “*Mãe é tudo igual, homem é tudo igual, mulher gosta mesmo de..., etc.*”, tentam nos contaminar nem que seja por *ad nauseam*. Por meio da indexação do *bordão* e do *slogan* a *zumbização* se completa, os estereótipos se perpetuam e a ordem vigente se garante.

Dos indivíduos é furtada toda a possibilidade de vivências dotadas de sentido. Umberto Eco que me perdoe, mas esta é minha visão diferenciada do *apocalipse zumbi* que é normalmente e exaustivamente comercializada por Hollywood. Mesmo com todas

²¹² ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.69-70.

²¹³ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.73.

²¹⁴ ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.78.

as suas características democráticas que vem mobilizando multidões em todo mundo julgo que ainda é difícil assumirmos uma posição diferente entre a internet e a indústria cultural, uma massa de zumbis é só uma massa de zumbis, nossa sociedade necessita de mudanças mais profundas para deslumbrarmos um real esclarecimento, se a Web 2.0 realmente irá ajudar nesse processo só o tempo dirá, particularmente eu acredito nisso, mas nem de longe sou um *integrado*.

3.5 TRÊS ESCOPOS ACERCA DA ALIENAÇÃO NA INDÚSTRIA CULTURAL

Neste subcapítulo vamos reconstruir e analisar os três escopos acerca da alienação na indústria cultural avaliados por Teixeira Coelho em sua obra *O que é indústria cultural*, porém vamos analisar também a Web 2.0 para sabermos em que medida esta nova tecnologia da comunicação pode se diferenciar em relação à indústria cultural frente ao problema da alienação e reificação nestes três escopos. Os objetivos deste último subcapítulo são: adentrar um pouco mais na questão propriamente dita sobre a reificação e alienação na indústria cultural e internet, refletirmos acerca da possibilidade de superação deste paradigma e apontar linhas de investigação para futuras pesquisas sobre o tema.

3.5.1 O CONTEÚDO COMO DETERMINANTE

Quando adotamos este escopo para avaliarmos se os produtos da indústria cultural alienam ou esclarecem adotamos uma abordagem subjetiva na qual precisamos analisar caso a caso cada um de seus produtos. Assim sendo, a programação de TV ou de internet poderia ser menos alienadora e mais reveladora na medida que transmitisse menos produtos de entretenimento e passasse mais produtos de informação dotados de conteúdo científico-filosófico. O problema que Coelho observa que de acordo com a ideologia do sujeito aquilo que este mesmo considera como “esclarecedor” pode ser considerado “alienante” para outros sujeitos, para piorar a situação há uma “esquizofrenia ideológica” em que direita e esquerda se voltam contra o entretenimento e acabam convergindo sempre para a apologia ao *status quo*:

É essa uma tese de direita ou de esquerda? É de direita, sem dúvida, na medida em que para a direita sempre interessou o controle do prazer em benefício por mais lucros. Está aí toda uma ideologia de defesa do trabalho a confirmá-lo. Pretende-se sempre fazer crer que o trabalho dignifica, que o trabalho é o veículo da ascensão, que o trabalho é a salvação — quando, no quadro social

em que vivemos (de divisão das atividades e distribuição desigual da renda, para dizer o mínimo), é patente que ele não é nada disso. Nesse quadro pintado pela direita, o prazer — sob sua forma diminuída: a diversão — só é admitido esporadicamente (feriados, férias) e mesmo assim apenas como elemento reforçador do trabalho (na medida em que recompõe as forças do trabalhador, permitindo a continuidade da exploração destas) e nunca como seu oposto. Eficácia, rendimento e prazer são coisas que não rimam, nesta sociedade de extermínio do homem em que vivemos. Mas é também uma tese da esquerda, sem dúvida nenhuma. Em seu delicioso e clássico *O Direito à Preguiça*, Paul Laforgue já observava como os trabalhadores europeus do século XIX, equivocadamente liderados por seus partidos de esquerda, viviam a reivindicar o direito ao trabalho (cujo único efeito seria o esmagamento contínuo deles mesmos) ao invés de exigir um outro sistema em que tivessem os mesmos lazes dos patrões — em que todos pudessem, diríamos hoje, entregar-se aos prazeres. E mesmo neste século, uma esquerda um tanto limitada continua fazendo do trabalho sua bandeira, quase igual à hasteada pela direita.²¹⁵

Isto significa que o conteúdo para ser esclarecedor não necessita ser entediante. Por que uma boa palestra de filosofia deve dar sono? Por que seria errado assistir um programa de humor ou futebol após um dia cansativo? Na busca por combater (criticar) a alienação proporcionada pelos produtos através do conteúdo da indústria cultural algumas pessoas atacam equivocadamente o prazer e o entretenimento como se eles fossem sempre de ideologia alienante e nociva. Para Teixeira Coelho, após os intelectuais da Escola de Frankfurt denunciarem a indústria cultural muitos críticos acabaram caindo numa espécie no “elitismo cultural”, no qual o culto, o belo, o crítico e até o esclarecedor seriam assim se e somente se fossem alinhados a uma série de padrões altíssimos e impopulares. Isto transparece quando alguns deles condenam a violência e a sensualidade da programação de Tv, mas ao mesmo tempo glorificam filmes *high cult* cheios de violência e sexo. Isto acaba ecoando na forma não dita de um murmúrio do tipo “*a massa é burra e não consegue entender isso. A massa precisa seriedade não prazer. Nós devemos torna-la culta através da qualidade.*” Para Coelho o intelectual que pensa assim comete um duplo erro, o primeiro erro é o de combater o prazer, e o segundo é o de combater o prazer especificamente se tratando de conteúdo popular.

Estes equívocos devem ser superados para fazermos uma crítica séria que possa transformar a indústria cultural em ferramenta em favor do esclarecimento humano. Precisamos encontrar uma justa medida entre conteúdo gerador de reflexão e o conteúdo de puro entretenimento. O prazer, a diversão e o lúdico não podem ser banidos da mídia, muito pelo contrário: “*O prazer é, sempre, uma forma do saber.*”²¹⁶

Referente a Web 2.0 o cenário é um pouco diferente, nela todo conteúdo alienante

²¹⁵ COELHO, 1993, 15-16.

²¹⁶ COELHO, 1993, p.17.

convive lado a lado com o conteúdo esclarecedor, por isso é o próprio sujeito que deve escolher aquilo que irá usufruir e em que quantidade. Não podemos nem culparmos os mecanismos de busca que costumam dar destaque ao conteúdo de menor qualidade, afinal tais mecanismos trabalham sobre o fator de indexação que está diretamente relacionado com as visualizações e aos compartilhamentos dos conteúdos pelos usuários, ou seja, se o Google dá destaque para conteúdo de menor qualidade é porque o público está buscando este tipo de conteúdo.

Na era dos *gatekeepers* podíamos ainda responsabilizar a indústria por priorizar conteúdos alienantes frente aos esclarecedores, porém a Web 2.0 salienta a verdade inconveniente de que o público sempre detém o controle em mãos, o que precisamos é formarmos uma cultura na qual o indivíduo aprenda e descida por si mesmo que tipo de programação cultural irá assistir, para isso precisamos de educação de qualidade que permita superarmos nossa situação reificada de sermos apenas estatísticas de consumo, infelizmente o caminho para tal façanha transcende todos os limites desta pesquisa.

3.5.2 O MEIO TRANSMISSOR COMO DETERMINANTE

Para Coelho este escopo procura determinar como operam os meios da indústria cultural a partir de duas alternativas básicas que consideram que pouco importa a mensagem vinculada e, de maneiras distintas, dizem que é o meio transmissor que determina se uma tecnologia é capaz de potencializar o esclarecimento ou a alienação dos homens:

- (I) Domínio da ideologia do sistema de origem.
- (II) A mensagem da natureza do veículo.

(I) *Domínio da ideologia do sistema de origem*: Esta alternativa deriva de uma das lições de Karl Marx que diz que todo produto traz em si os vestígios e as marcas do sistema produtor que o engendrou. Estes traços só se, e sempre se revelam com a crítica. Visto que a indústria cultural surge dentro da lógica do capitalismo liberal e se consolida no capitalismo monopolista e a internet é um fenômeno ainda mais recente, independentemente do conteúdo que as mensagens publicadas possam trazer elas sempre carregariam traços intransponíveis da ideologia do capitalismo no qual alienação e reificação se fazem necessárias para a manutenção do *status quo*. Em última instância,

esta alternativa nos diria que a indústria cultural só reforça a lógica de alienação supracitada.

Uma ideologia cujos traços são, entre outros, o paternalismo, a necessidade de tornar passivos todos os sujeitos, a transformação em coisa (reificação) de tudo o que possa existir (inclusive o homem) - traços estes presentes no capitalismo de organização - estaria assim presente num produto como a TV, como de fato está. Esquecer isso e tentar manipular a TV como se bastasse alterar seu conteúdo, pode dar origem a entidades híbridas como, por exemplo, um "socialismo" baseado no autoritarismo, no paternalismo, na passividade dos que se colocam sob suas asas - isto é, um socialismo baseado na alienação. O que, aliás, já é uma realidade.²¹⁷

Esta também é a alternativa demonstrada por Adorno na entrevista citada no item anterior. O filósofo alemão admite que o conteúdo possa fazer oposição à ordem vigente como no caso das “músicas de protesto”, mas num sistema de forças, a força do meio sempre prevaleceria, ou seja, a alienação e a reificação da indústria cultural acaba por dominar o impulso crítico de seu produto e reifica qualquer pulsão revolucionária. Em última análise esta é uma alternativa radical para abordarmos a questão chave deste trabalho, pois, ela nos diz que internet e indústria cultural jamais poderiam ser usadas para fins esclarecedores, mesmo assim se trata de uma alternativa muito bem estruturada e fundamentada por grandes nomes da filosofia como Adorno e Marx. Por fim, esta abordagem nos faz pensarmos se todos estes protestos iniciados na década 2010 com origem nas Web 2.0 realmente revolucionarão nossa sociedade, ou se irão apenas retificar nossa forma alienada de vida.

(II) *A mensagem da natureza do veículo*: Deriva de uma das lições do pensador canadense *Marshall McLuhan*, para ele "o meio é a mensagem". O meio é a sua própria mensagem e nada além disso. Como “meio” ele não considera apenas os meios de comunicação tradicionais, mas também o carro, a eletricidade, a roupa, a casa, o dinheiro e uma infinidade de entidades assemelhadas. Segundo o autor, a simples presença meio já passa uma mensagem. Coelho dá como exemplo “a mensagem” do trem, que não seria a introdução do movimento, ou do transporte mais rápido, mas sim o fato de que ele acelerou e ampliou a escala anterior das funções humanas ao criar novos tipos de cidades e novas concepções de trabalho ou de lazer.²¹⁸ Para McLuhan o fato de o meio ser a mensagem teria ficado claro a partir da era da eletricidade, em especial ao observarmos a própria energia elétrica como um meio:

²¹⁷ COELHO, 1993, p.18-19.

²¹⁸ COELHO, 1993, p.20.

Voltemos à luz elétrica. Pouca diferença faz que seja usada para uma intervenção cirúrgica no cérebro ou para uma partida noturna de beisebol. Poderia objetar-se que essas atividades, de certa maneira, constituem o “conteúdo” da luz elétrica, uma vez que não poderiam existir sem ela. Este fato apenas serve para destacar o ponto de que “o meio é a mensagem”, porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. O conteúdo ou usos desses meios são tão diversos quão ineficazes na estruturação da forma das associações humanas. Na verdade não deixa de ser bastante típico que o “conteúdo” de qualquer meio nos cegue para a natureza desse mesmo meio. Somente hoje as indústrias se tornaram conscientes das diversas espécies de negócios em que estão mergulhadas. A IBM só começou a navegar com boa visibilidade depois que descobriu que não estava no ramo da produção de máquinas e equipamentos para escritórios e sim no de processamento da informação.²¹⁹

Assim sendo deve nos estar claro que embora não tão radical quanto a visão compartilhada por Marx e Adorno onde a ideologia contamina o meio e esteriliza sua mensagem, a visão de McLuhan também é uma dura crítica a quem diz que devemos analisar se um meio é esclarecedor ou alienador a partir de cada conteúdo vinculado, ele chega a dizer que “O “conteúdo” do meio é como a bola de carne que o assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda da mente”²²⁰ ou ainda com mais ironia:

“Os produtos da ciência moderna, em si mesmos, não são bons nem maus: é o modo com que são empregados que determina o seu valor”. (...). É o mesmo que dizer: “Uma torta de maçãs, em si mesma, não é boa nem má: o seu valor depende do modo com que é utilizada.” Ou ainda: “O vírus da varíola, em si mesmo, não é bom nem mau: o modo como é usado é que determina o seu valor.” E ainda: “As armas de fogo, em si mesmas, não são boas nem más: o seu valor é determinado pelo modo como são empregadas.” Vale dizer: se os estilhaços atingem as pessoas certas, as armas são boas; se o tubo de televisão detona a munição certa e atinge o público certo, então ele é bom.²²¹

Para decifrarmos qual a mensagem de um meio segundo a teoria de McLuhan, é necessário avaliarmos se aquele é um “meio quente” ou um “meio frio”. Os meios quentes seriam os carregados com muita informação e os frios com poucas informações por vez, é importante sabermos que não são tipos “distintos de meios”, mais sim dois extremos de uma escala de graduação entre os mais quentes e os mais frios. Os meios mais quentes promovem uma baixa participação do espectador, pois sua mensagem mais completa necessita menos participação dos que a recebem, enquanto os mais frios fornecem dados sob um certo aspecto incompletos, exigindo um esforço por parte da audiência no sentido de tentar recompor a mensagem inicialmente transmitida. Assim sendo, em relação ao sinal sonoro o rádio é um meio quente e o telefone frio, pois o rádio traz muitas informações: músicas, notícias, opiniões, etc., que não necessitam da complementação

²¹⁹ MCLUHAN, 2011, p.22-23.

²²⁰ MCLUHAN, 2011, p.33.

²²¹ MCLUHAN, 2011, p.25.

dos ouvintes, nem reflexão, nem contemplação, apenas “efeito choque”; por outro lado, o telefone traz apenas uma informação por vez e esta informação é incompleta e necessita, se não uma resposta, pelo menos o entendimento de quem está na outra ponta do processo de comunicação.

Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em “alta definição”. Alta definição se refere a um estado de alta saturação de dados. Visualmente, uma fotografia se distingue pela “alta definição”. Já uma caricatura ou um desenho animado são de “baixa definição”, pois fornecem pouca informação visual. O telefone é um meio frio, ou de baixa definição, porque ao ouvido é fornecida uma magra quantidade de informação. A fala é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte. De outro lado, os meios quentes não deixam muita coisa a ser preenchida ou completada pela audiência. Segue-se naturalmente que um meio quente como o rádio, e um meio frio, como o telefone, têm efeitos bem diferentes sobre seus usuários.²²²

Como vimos na citação acima, os meios de comunicação prolongam nossos sentidos, a televisão prolonga nossa visão, as lentes da câmera se tornaram nossos “olhos no mundo”, esta graduação entre quentes e frios parecia muito concisa e apropriada na era da indústria cultural e com a chegada da globalização parecia estar ratificada. Por ser o meio mais próximo das pessoas e também por ter se tornado o mais poderoso ao superar as barreiras nacionais, Teixeira Coelho tenta a partir McLuhan decifrar a mensagem da televisão enquanto meio de comunicação, se para o canadense a mensagem da imprensa de Gutenberg não foi a propagação da Bíblia, mas sim o fortalecimento do *individualismo* (pois deu ao homem a ilusão de imortalidade através da publicação massiva de livros e a possibilidade de formar um ponto de vista particular sobre as coisas) e do *nacionalismo* (pois agiu como fator de eliminação do paroquialismo e do tribalismo, homogeneizando gradualmente regiões diferentes e unificando-as.) no século XVI²²³; para o pensador brasileiro a TV não compartilha nenhuma destas mensagens, pois é *massificante* e *globalizante*. Ela não permite um ponto de vista exatamente privado sobre as coisas, pois as clarezas de suas imagens não abrem espaço para isso, ler sobre a morte de um cinegrafista atingido por um rojão de um manifestante em um protesto é bem diferente do que ver a imagem em alta definição do jovem mascarado acendendo o foguete assassino e logo depois se camuflando na multidão enquanto sua bomba estoura a cabeça do homem da mídia. Coelho usa o termo massificante ao invés de individualizante, pois para a TV o indivíduo telespectador seria eliminado do processo comunicacional e incorporado à massa reificada e disforme de consumidores de seus produtos, porém

²²² MCLUHAN, 2011, p.38.

²²³ MCLUHAN, 2011, p.35.

definitivamente também não é coletivizante, pois não forma um ponto de vista coletivo, apenas propaga o ponto de vista dos *gatekeepers*:

Não há ponto de vista privado mas também não há ponto de vista produzido pelo grupo: o ponto de vista é de quem detém o meio, a TV. Não há afastamento e há envolvimento; mas uma e outra coisa são estéreis, porque não há reação efetiva do receptor. O indivíduo deixa de existir e é substituído por esse "indivíduo da estatística", por esse indivíduo-fetiche que é a massa. Para isso concorre ainda o fato de que, ao invés de produzir a sensação da perenidade, da imortalidade, a TV propõe exatamente seu oposto: o circunstancial, o efêmero, o passageiro. Nada permanece na ou pela TV: da moda ao comprometimento político, tudo passa e tende a perder-se num magma indistinto — num mosaico onde também o homem se perde.²²⁴

A TV se coloca na posição contrária da imprensa escrita ao não promover o nacionalismo, mas ela não promove o universalismo como supunha McLuhan e sua ideia de *aldeia global*, para Coelho, a televisão, liderando os demais meios utilizados pela indústria cultural, estaria desencadeando nas culturas nacionais os mesmos malefícios que desencadeia na *psique* dos indivíduos, ou seja, também as particularidades culturais de cada nação estariam sendo eliminadas, desta forma ao invés de entrarem para uma comunidade de nações, acabam por ser incorporadas naquilo que se o pensador brasileiro chama de *massa das nações* ou *nações massificadas*.²²⁵ Assim sendo, para Teixeira Coelho o mensagem da televisão enquanto meio seria a *Massificação e Globalização* cultural.

Qual então seria a mensagem da internet? Dentro da própria visão de McLuhan necessitaríamos de um pouco mais de afastamento histórico para darmos uma resposta precisa a esta questão, porém, não podemos deixar de tentar entender esta nova tecnologia, fazer isso seria nos entregarmos ao risco de sucumbirmos aos efeitos desta nova forma de comunicação. Tal como os índios de uma tribo primitiva ficam encantados e perdidos frente às novas tecnologias que o “homem civilizado” traz consigo, nós ainda nos perdemos e encantamo-nos diante à Web 2.0.

Hoje a internet nem é mais dependente do PC, há conexão inteligente nos televisores, nos telefones e logo haverá também nos automóveis e até nas geladeiras. A internet é *multimeios* e *multimídia*, ela prolonga vários sentidos simultaneamente. Isto por si só já nos impediria de fazer uma análise de acordo com a noção de McLuhan, mas, além disso, a Web 2.0 implode o sistema de meios “quentes e frios”, pois consegue ser o mais quente (completo e de mais alta definição) e o mais frio (o que mais necessita da

²²⁴ COELHO, 1993, p.23.

²²⁵ *Idem*.

complementação do público) ao mesmo tempo. Evidentemente sua grande diferença em relação à indústria cultural está em sua radical frieza. Por exemplo, uma rede social não possui conteúdo nenhum sem seu público, é apenas um espaço vazio e gelado. A partir disso, poder-se-ia concluir que por ser um meio predominantemente frio ela seria reveladora e que constituiria um público ativo e participativo. Mas concluir isso seria um erro, pois tal participação em McLuhan seria apenas “complementação” e nada mais. Não basta um meio ser “frio” é preciso criar hábitos reflexivos, e disponibilizar meios de interação mais profundos com os espectadores. A internet parece ir neste caminho, mas ainda está longe.

A rede formada pela internet definitivamente ainda não é a aldeia global imaginada pelo pensador canadense, pois ao se deparar com uma grande diversidade de culturas e opiniões diferentes e contraditórias no ambiente virtual o sujeito alienado, reificado e esvaziado se sente indefeso. Frágil ele acaba por buscar refúgio em redes que compartilham ideias semelhantes as suas. De um modo geral um novo membro de uma rede pouco acrescenta, mas absorve muito conteúdo e acaba tendo suas ideias e suas atitudes moldadas conforme as figuras centrais daquela *web* específica. Desta forma, ao invés de uma grande comunidade plural temos uma terra virtual formada de diversos feudos virtuais que digladiam ente si suas ideias e posições ideológicas, até quem tenta ficar de fora destas “guerras” uma hora ou outra acaba atingido, devido a isso no final das contas a Web 2.0 pode estar servindo apenas para replicar e potencializar os extremismos e as intolerâncias que existem fora dela.

Assim sendo, a internet parece menos promissora frente ao real esclarecimento humano, mesmo assim parece nos libertar de alguns cárceres da velha indústria cultural e sua expansão globalizada. Por mais raivosos ou fervorosos que estes feudos possam ser, provavelmente nunca terão tanto poder quanto os grandes conglomerados da indústria cultural que aparentemente realmente estavam nos levando a uma standardização total das ideias.

É possível, de fato, que o mundo todo venha a adotar os mesmos valores, a mesma ideologia, graças às chamadas "multinacionais da cultura", que tendem a difundir por toda parte uma mesma estrutura de pensamento, um mesmo comportamento, gerados num ou em alguns poucos centros de decisão. No caso, e por enquanto, os EUA. Mas dizer, a partir daí, que o mundo todo estaria participando desse processo vai uma grande distância. De uma ideologia inculcada é possível dizer várias coisas, menos que ela se oferece a participação.²²⁶

²²⁶ COELHO, 1993, p.22.

Se a globalização realmente desmembrou a organização da classe operária como analisou Ulrich Beck, hoje operários, comerciantes, rodoviários, professores e qualquer tipo de grupo de pessoas que desejam um mundo melhor para si e para os outros podem se organizar de maneira extremamente fácil e sem fronteiras na Web 2.0, porém da mesma forma todo o tipo de pessoas de má vontade podem se unir para propagar toda forma de ódio existente. Assim sendo, neste momento a mensagem da Web 2.0 só será contada com o passar dos anos.

3.5.3 O PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO COMO DETERMINANTE

Este é o escopo da *Semiótica*, ciência que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas sógnicos, isto é, sistemas de significação. Tal escopo deriva da filosofia do filósofo norte americano *Charles Sanders Peirce*, evidentemente se trata de um campo de estudos rico e complexo, por isso mesmo vamos nos concentrar em apenas alguns pontos essenciais para o encerramento desta dissertação. De uma forma geral, *signo* seria qualquer coisa que representa ou está no lugar de algo, por exemplo: a palavra em relação à coisa que ela representa.

Existiriam 3 tipos básicos de signos:

(a) *Signo Icônico*: É aquele que possui analogia direta com o objeto representado, por isso mesmo nos diz muito sobre o objeto que representa. Por exemplo: Uma foto em relação à uma paisagem, uma escultura em relação a um corpo, etc.;

(b) *Signo Indicial*: É o indicio de algo, é um signo efêmero, que não diz muito sobre seu objeto representado. O signo indicial não existe enquanto signo se o receptor não sabe a relação entre ele e objeto que representa. Por exemplo: uma poça d'água em relação à chuva, uma flecha indicativa de saída em relação à saída, etc.;

(c) *Signo simbólico*: Representa seu objeto em virtude de uma convenção. Sua relação com o objeto é arbitrária, O exemplo mais comum de signos simbólicos são as palavras, qualquer palavra.

Para Teixeira Coelho, poder-se-ia argumentar que na realidade dificilmente se pode constatar a ocorrência de um desses três tipos de signos em estado puro, por isso

mesmo ele nos alerta que frente a questão sobre a alienação e a reificação o importante é sabermos que cada tipo de símbolo exige e propaga certo tipo de consciência:

(a) *Consciência icônica*: É um tipo de consciência relacionada com o sentir e com o sentimento, com a contemplação, não com a análise. Não busca fazer argumentações lógicas, admira-se com as relações de diferença e semelhança, não forma raciocínios definitivos. É a consciência mais próxima à intuição e às sensações. É o tipo de consciência que emana das artes autônomas;

(b) *Consciência indicial*: O signo indicial exige do sujeito algo mais que a simples contemplação, exige alguma “esperteza”. Isto significa que a pessoa que o observa deve despender alguma energia no processo de recepção desse signo. É o tipo de consciência gerada e exigida pela indústria cultural, o esforço é tal como o esforço que espectador precisa fazer para rir do humor daquilo que é exibido na tela, é a reação imediata que o “efeito choque” exige;

(c) *Consciência simbólica*: é de uma consciência interessada na investigação do objeto, que produz e busca entender as convenções, normas, causas e efeitos. Não se contenta com sentir ou intuir uma coisa, nem em constatar que ela existe: quer saber por que existe, por isso transcende os limites dos sentidos. É o tipo de consciência exigida pela ciência e pela filosofia de boa qualidade.

Toda a indústria cultural e também a internet sempre estiveram operando e propagando predominantemente signos indiciais (pouco espaço para o sentir e para o investigar tem sido dado), julgo que isso ocorra justamente pelo ritmo frenético de nossas vidas após a Era da Eletricidade que estes dois meios de comunicação supra citados fazem questão de alimentar. O problema que aparece com isso é que a indústria cultural e a internet vêm formando e desenvolvendo apenas a consciência indicial de seu público, isto é: apenas signos e consciências superficiais, desta forma elas fazem com que tudo pareça efêmero, rápido, transitório, tal como a poça d’água não é a chuva, mas fala de uma chuva que já passou e logo será esquecida assim que o resto de água que ali ficou evaporar.

Aparentemente, nada mais fácil e útil do que entender esses índices que são como pegadas humanas sobre a areia. À primeira vista, estas levariam de modo claro e direto à pessoa por elas responsável. Ocorre no entanto, em nossa sociedade, que a única coisa ao final vista são essas pegadas. Fica-se sem saber

quem as fez, onde está quem as fez, por que foram feitas, e nem se o sentido da marcha dessa pessoa foi realmente daqui para lá ou se as pegadas foram feitas com a pessoa caminhando de costas. Permanecem apenas as pegadas, não permitindo nem que se descubra a areia onde aparecem, nem o cenário próximo. E o primeiro vento que bater as apagará para sempre, sem delas ficar traço na memória.²²⁷

Não há tempo para a intuir, sentir ou mesmo para o exame lógico das coisas. Na televisão e na internet só há tempo para apenas mostrar, indicar e constatar. Nos filmes, nos jornais, ou nas redes sociais não há revelação, apenas constatação, e ainda assim geralmente constatação superficial. Para Coelho isto tudo acaba funcionando como mola que impulsiona ainda mais o processo de alienação e reificação no qual estamos submetidos, processo que nos priva de algumas de nossas mais belas capacidades humanas como sentir, intuir e argumentar, com isso vamos aos poucos nos tornando menos autônomos e mais automáticos. É uma consciência de constatação: a poça d'água me diz que realmente choveu e que no momento não chove mais. Eu constato isto, não reflito, não intuo.

A capacidade de interpretar o mundo iconicamente, de distinguir o sentido nas coisas, vê-se cada vez mais diminuída. Do mesmo modo, a possibilidade de proceder a uma interpretação simbólica; do mundo, de procurar suas causas e reuni-las em teorias coerentes, torna-se sempre, mais e mais, algo como um dom especial, reservado a um pequeno número, quase uma elite. O que prevalece é a tendência a ver apenas o significado indicial das coisas - e esse é o problema, na medida em que o índice nunca aponta diretamente para a coisa em si, mas sempre para algo que não é a própria coisa. No máximo, aponta para qualidades indicativas da coisa. No caso da poça de água, o índice aponta para uma qualidade indicativa da chuva: o estado líquido da matéria. E mais nada. O índice manda seu receptor sempre de uma coisa para outra, sem deter-se nem no objeto visado, nem em nada - não permitindo nem penetrar intuitivamente nele, nem conhecer logicamente suas causas e destinos. Nesse processo, as outras duas funções semióticas (funções de interpretação, de formação do significado), a icônica e simbólica, são reduzidas apenas à dimensão indicial quando deveriam, no mínimo, estar em pé de igualdade com esta.²²⁸

Ao contrário da *consciência icônica* que pode nos levar a experiências esclarecedoras e absolutamente novas, a *consciência indicial* só pode revelar aquilo que já foi revelado anteriormente a outros, é o tipo de consciência que nos deixa tutelados por inteligências internas. Desta forma o sujeito que tenta formar sua identidade por meio da consciência oriunda da indústria cultural ou da internet ficaria apenas com uma consciência indicial sobre o que são as coisas: sobre o que é certo e errado, bom e mau, direita e esquerda política, etc., tem apenas indícios sobre o que seja o mundo e sua forma

²²⁷ COELHO, 1993, p.32-33.

²²⁸ COELHO, 1993, p.30-31.

de funcionamento. Por isso não me espanto ao ver um dito “intelectual” proferindo as mais tolas palavras a um outro intelectual num ambiente público e democrático feito o Facebook, isto apenas demonstra de forma prática o nível de miséria intelectual propagada por este tipo de consciência.

Por fim, Teixeira Coelho julga que o terceiro escopo é o que parece ter mais condições de equacionar adequadamente o problema, mas deve nos ficar claro que para pintarmos o quadro final de uma boa análise no que tange a alienação e a reificação na indústria cultural e internet sempre necessitamos levar em consideração a mensagem do meio, a ideologia do sistema de origem, o conteúdo apresentado e o tipo de consciência formada como aqui tentamos fazer, ou como ele mesmo disse: *O perigo não está em se usar ideias dos três escopos, o perigo está na adoção de um ponto de vista unilateral sobre o assunto.*²²⁹

²²⁹ COELHO, 1993, p.33.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese vimos que os conceitos de alienação e reificação possuem ampla história e fundamentação filosófica, por isso mesmo não podemos analisar os efeitos supostamente alienantes da indústria cultural e da internet partindo apenas da ideia de senso comum de que alienado é quem vivem de forma desconexa com nossa realidade.

O conceito filosófico de alienação começou a ser fundado com as pesquisas que o jovem Karl Marx fez acerca da economia de sua época. Embora o termo *alienação* derive dos termos *Entäusserung* (*alienação*) e *Entfremdung* (*estranhamento*), normalmente tal distinção não é feita e se entende por alienação *um estado de negatividade que se contrapõe a qualquer positividade emancipadora*, estado este que englobaria estes dois conceitos alemães. A alienação é para Marx fruto do sistema capitalista em que o sujeito trabalha não para suprir suas necessidades ou a necessidade de sua comunidade, mas sim para suprir as necessidades do burguês e do próprio sistema econômico em geral. Com isso o fruto do trabalho do trabalhador se torna estranho e distante, *as coisas tem seu valor de uso substituído pelo valor de fetiche* e o próprio trabalho torna-se uma mercadoria barata, tão barata que muitas vezes o salário do trabalhador não é suficiente para que este possa usufruir daquilo ele próprio produz. Com isto o *mundo das coisas* (Sachenwelt) é valorizado e desvaloriza-se na mesma medida o *mundo dos homens* (Menschenwelt). Desta forma o *sujeito alienado vai se tornando também uma coisa*, um ser vazio, descartável e substituível. Como resultado disso o homem se torna estranho a si mesmo e a toda humanidade, fato que nos leva a um estado no qual *o homem se torna inimigo do próprio homem*, que faz com que um homem queira explorar e oprimir os outros homens para poder desfrutar dos luxos que o sistema oferece. Desta forma os conceitos de alienação e reificação em Marx se referem a muito mais coisas além da economia e das relações de trabalho no capitalismo, eles dizem respeito a lógicas de exploração e legitimação dessa exploração dos seres humanos uns pelos outros.

Para Herbert Marcuse o conceito marxiano de trabalho não estaria ligado apenas à economia, mas sim à essência humana, essência essa que necessita ser resgatada através da superação da coisificação e do resgate da humanização perdida durante o processo de valorização das coisas. O trabalho livre e natural é a *realização da essência humana*, por outro lado, o trabalho estranhado do capitalismo é a *desrealização* de tal essência. Tal essência não seria um *substratum* abstrato a-histórico, mas sim uma essência que se determina na e somente na história, haveria uma relação necessária entre *essência e*

existência. Durante o processo de divisão do trabalho teria havido também a separação entre essência e existência, desta forma a crise social do capitalismo não é somente uma crise econômica e política como também é uma *catástrofe da essência humana* que apodrece as relações pessoais transformando-as em relações “coisais”.

Do filósofo Georg Lukács veio nossa fundamentação do conceito de *reificação*, do alemão “*Verdinglichung*” que significa transformar algo em coisa. Em especial seria o ato da mente alienada de transformar um sujeito em uma coisa eliminando suas particularidades e sua humanidade, ou que reduz grupos e indivíduos a estatísticas, cifras ou mesmo preconceitos. Tal processo vem rebaixando as relações interpessoais a relações de compra e venda. A reificação seria um problema central e estrutural da sociedade capitalista em todos seus desdobramentos vitais. Para Lukács a mercadoria consolidou-se hoje como uma “categoria universal de todo ser social”, desta forma a reificação adquire uma importância decisiva no desenvolvimento da sociedade administrada, bem como na maneira de entendermos o próprio homem. Diríamos que o homem e tudo mais que ele produz pode ser entendido a partir da ideia de mercadoria (coisa). Quanto mais o capitalismo se desenvolveu, mais as relações de trabalho e os sujeitos trabalhadores foram sendo condicionados a um estado de mecanização, no qual as particularidades individuais foram se tornando cada vez menos bem vindas. Deve nos ficar claro que o fenômeno da reificação não se refere apenas ao âmbito da economia, mas se expande por toda sociedade capitalista, todo tipo de produção humana neste sistema seria mercadoria, seria coisa, inclusive a cultura e seus mais variados produtos. A reificação seria um processo estruturalmente generalizado por toda a sociedade, do burguês ao trabalhador, do artista ao crítico de arte, do reitor ao aluno: tudo é coisa, tudo é mercadoria, tudo deseja virar lucro, deseja extrair mais-valia.

Para Theodor Adorno a origem da alienação, bem como da fundamentação do homem moderno já estariam contidas, no período histórico dos mitos gregos. Nos mitos da Odisseia a constante autoafirmação da subjetividade de Ulisses manifesta nele o protótipo do homem burguês moderno e em seus comandados, a massa de manobra. Tal como no mito das sereias no qual Ulisses se amarra ao mastro enquanto os seus marinheiros foram ensurdecidos para que ninguém sucumba ao canto das entidades místicas. No capitalismo tanto o burguês quanto o trabalhador estão presos ao mesmo destino, à diferença é que assim como Ulisses o burguês desfruta do canto das sereias, enquanto os marinheiros remam com temor à morte sem nunca poderem desfrutar do luxo desta canção. Também demonstramos como para este autor não só alienação e reificação,

mas também patologias psicológicas como a paranoia, o individualismo, a depressão, etc. detêm primeiramente origem social, para depois eclodir nos sujeitos gerando os mais inimagináveis tipos de violência, o trabalho alienado estaria gerando uma cultura doente oriunda do falso esclarecimento, da falsa mimesis e da falsa projeção da qual todas juntas podemos chamar de *semicultura*. A semicultura é o conjunto de crenças inabaláveis possuídas por qualquer opressor alienado, ela é o princípio da falsificação da realidade e, como observamos: a indústria cultural é responsável por propagá-la.

O segundo capítulo foi iniciado com a diferenciação entre *informar & comunicar*, *comunicação mediada & comunicação não mediada* e *entre meios de comunicação individuais-interpessoais & meios de comunicação de massa*. Depois realizamos a devida apresentação e diferenciação entre *Meios de Comunicação de Massa, Industria Cultural e Internet*. Qualquer tipo de meio de comunicação utilizado para levar uma mensagem para uma grande quantidade simultânea de destinatários pode ser chamado de Meio de Comunicação de Massa, a invenção do primeiro destes meios aconteceu com a imprensa de Gutemberg e a partir daí as capacidades dos seres humanos se comunicaram cresceu muito e revolucionou a ciência, a filosofia, a economia, a religião e todas as outras áreas de atuação humanas.

Com o tempo e com o aumento do consumo de produtos culturais vindos não só da imprensa, mas também de novas tecnologias como o rádio e o cinema criaram uma *cultura de massa*. Mas esta cultura de massa não levou a um grande esclarecimento, pois muito mais do que apenas comunicar ao se atingir uma grande quantidade de pessoas consegue-se também exercer poder sobre elas. Desta forma, logo que se começou a publicar massivamente, iniciou-se também o processo de *gatekeeping*, em que uma minoria detentora dos meios de comunicação selecionava arditosamente aquilo que poderia ser comunicado, desta forma tal minoria conseguia imprimir e transportar seus ideais pelo tempo e pelo espaço.

A cultura de massa mudou a relação dos homens com as artes, com a cultura e com as informações gerais se tornando objeto de análise dos filósofos Herbert Marcuse e Walter Benjamin logo no início do século XX. Marcuse teria desvelado que a arte e a cultura nos três séculos de domínio burguês tornam-se fortes elementos de afirmação ideológica e manutenção do *status quo*, ele não chegou a fazer a devida distinção entre a arte e cultura tradicional e a então nova cultura de massa, esta distinção apareceu somente na obra Benjamin.

Benjamin distinguiu a arte tradicional em relação à arte massivamente reproduzida

ao dizer que a primeira seria dotada daquilo que ele chamou de “*aura*”, o valor deste tipo de obra estaria em sua distância e diferença em relação ao cotidiano, assim sendo estas obras de artes teriam seu valor justamente por não poderem ser vistas e sentidas pela maioria dos mortais, a aura dá a elas um *valor de culto* único. Por outro lado, a arte massivamente reproduzida estaria destituída de aura, porém estaria muito mais próxima da vida e do cotidiano de todos. Seria uma arte popular. Desta forma ela não teria valor de culto, mas sim *valor de exposição*. Este valor se ampliaria quanto mais vezes a obra é reproduzida e quanto mais pessoas ela atinge. Ele sabia que estando nas mãos de grandes burgueses a nova arte jamais atingiria todo seu potencial revolucionário, mas devido ao grande impacto e a apresentação massiva de novos conceitos estéticos, ela seria por si só uma crítica à velha maneira de fazer arte, se não uma crítica profunda ao sistema e ao *status quo*, uma crítica aos valores estéticos burgueses e monárquicos. Evidentemente há uma contrapartida nisso tudo apontada pelo autor, o espectador desta nova arte sem dúvida é um espectador “mais distraído” que percebe o que está diante de si não mais por meio de contemplação e reflexão, mas sim por meio de “*efeito choque*”. A forma de assimilação da arte não só mudou, mas também ficou mais dinâmica e ao mesmo tempo mais pobre.

Theodor Adorno não ficou tão empolgado com a nova arte e cultura como o seu amigo Benjamin, pelo contrário, não viu nada de positivo e esclarecedor frente àquilo que junto de Max Horkheimer veio a chamar de *indústria cultural*. Em linhas gerais este é um nome crítico criado com a finalidade de ilustrar a situação de submissão da arte e dos veículos de comunicação frente a economia capitalista e à cultura burguesa em geral. Como o próprio termo já diz, trata-se de um ramo da indústria que produz e distribui produtos culturais, porém o problema que esta prática tão corriqueira para nós habitantes do século XXI produz é extremamente pesado e complexo.

Primeiramente não se pode falar em indústria cultural antes da Revolução Industrial do século XVIII. Desta forma diríamos que a indústria cultural e sua cultura para massa são frutos do fenômeno da industrialização, mas não somente isso mas são também fruto da submissão do homem às novas condições de trabalho e consumo burguesas, citadas no primeiro capítulo, ou seja, são fruto da nova forma de economia ditada pelo ritmo das máquinas, pela exploração do homem sobre o próprio homem, pela reificação e pela alienação. Ao contrário do conceito de cultura de massa que nos leva a pensar em uma cultura feita pela massa, o termo indústria cultural deixa claro que se trata de um tipo de cultura feito industrialmente para o consumo massivo, fica claro que se

trata de um ramo de atividade econômica, industrialmente organizado nos padrões dos grandes conglomerados típicos da fase monopolista do capitalismo. Sob sua tutela a produção cultural deixa de ser uma expressão legítima do espírito humano e passa a ser apenas mais um setor do sistema econômico. Assim sendo, os produtos da indústria cultural só não são espontâneos como também são estranhos aos interesses dos consumidores.

Tal indústria vem tentando usurpar nossa faculdade de julgar e também nossa capacidade de dar significado as coisas, ela faria isso pois, assim deixa seu público previsível e a previsibilidade é uma poderosa arma para potencializar a venda de seus produtos e dos produtos dos anunciantes. Ela subjuga qualquer tipo de sonho ou pensamento libertário substituindo por sonhos menos nocivos ao *status quo*, com o tempo seu público vai se tornando cada vez mais *insensível, previsível e conformado* e no fim das contas acaba sonhando apenas com aquilo que diz que deve ser sonhado. Assim, os meios de comunicação falam como “a voz de cada indivíduo”, mas na verdade são os encarregados de manter todos calados.

Passados mais de setenta anos da crítica de Adorno e Horkheimer sobre a indústria cultural a mesma continua válida e é até mesmo “atual”, seja no escopo econômico, ideológico ou estético. O único cuidado que precisamos ter ao contemporizá-la é que hoje devido ao processo de *globalização* temos uma *indústria cultural global* que é muito mais poderosa e independente do que aquela que os filósofos da Escola de Frankfurt conheceram. Ela tornou-se muito mais independente frente aos governos e frente a outros setores da economia, por isso mesmo se tornou muito mais poderosa frente ao seu público.

A internet se popularizou na segunda metade da década de 1990 e em menos de dez anos evoluiria tanto que traria ao campo das comunicações de massa uma revolução tão grande que basicamente nenhum analista poderia prever e que até hoje alguns relutam em aceitar. Esta revolução é aquilo que Tim O'Reilly chamou de Web 2.0. Tal web é formada por todas as páginas que possuem *estruturas colaborativas de criação e compartilhamento de conteúdo*, como: redes sociais, a blogosfera, fóruns públicos, as Wikis, redes de compartilhamento de vídeos, etc. Em pouco tempo nomes completamente alheios aos oligopólios culturais como: Google, Facebook, Yahoo, Wikipédia, You Tube, Blogger, Mercado Livre, eBay, MSN, Twitter, etc., assumiram posição central neste novo processo de comunicação.

A grande diferença da Web 2.0, é que ao contrário dos grandes conglomerados da indústria cultural que lutavam para ver quem detinha o melhor conteúdo, as redes sociais,

wikis e sites de compartilhamento não se responsabilizam pela publicação de nenhum conteúdo, passam toda esta responsabilidade a seus usuários. Este novo tipo de estrutura tira proveito daquilo que O'Reilly chama de *inteligência coletiva* ou *sabedoria das massas*, na qual a fonte dos conteúdos são os usuários que postam e compartilham todas informações, desta forma não seria mais uma “comunicação para a massa” mas uma “*Comunicação em rede*”. Embora seja um fenômeno extremamente novo já é possível observar seu impacto na política mundial com a grande quantidade de protestos e manifestações que surgem na internet e depois vão às praças públicas.

Por fim, no terceiro capítulo analisamos o conceito e a proposta de esclarecimento de Immanuel Kant como um oposto aos conceitos de alienação e reificação. Depois entendemos como tal projeto teria se tornado um grande propulsor do estado de dominação e barbárie que vivemos e então voltamos à questão central desta dissertação.

Nos deve estar claro como funciona a alienação e a reificação na indústria cultural. A reificação acontece em dois níveis: o primeiro, com a arte que é reduzida ao nível de apenas um produto industrializado e tem todo seu poder transformador substituído pelo mais banal valor de fetiche; o segundo, com o público que é reduzido a simples estatísticas de audiência e consumo.

Como base em tudo que vimos ao longo deste estudo não é correto afirmarmos que a indústria cultural aliena, pois a alienação é um processo muito maior e mais complexo do que seu conceito de senso comum, o adequado é dizermos que ela potencializa a alienação, fruto do sistema capitalista e suas relações de trabalho. Ao se chegar em casa e ligar a televisão ou o rádio, o sujeito é avisado que sua condição de submissão à lógica capitalista continua vigorando entre o período em que assina a saída em sua folha ponto e o momento da próxima assinatura de entrada. A indústria cultural lembra com seus produtos que o ócio é somente uma extensão do trabalho, é apenas um período para recuperarmos as energias antes de uma nova jornada.

Segundo a indústria cultural são os *gatekeepers* que garantem o “padrão de qualidade”, assim sendo: quanto melhor forem aqueles que decidem o que será transmitido ao público, maior será o sucesso da programação levada ao público. Mas a Web 2.0 ignora completamente tal prática. Nesta área da internet não há qualquer tipo de *gatekeeping* prévio, absolutamente qualquer conteúdo pode ser postado. Devido a isso podemos encontrar os mais variados tipos de conteúdos das mais variadas qualidades na internet. De um lado temos conteúdo revolucionário ajudando as pessoas a se mobilizarem contra antigas formas de opressão e, por outro lado, temos grupos

extremistas se organizando e disseminando o ódio.

Ao permitir que qualquer um publique conteúdos para as massas a Web 2.0 tem também democratizado este tipo de comunicação que sempre foi de exclusividade das classes dominantes. Diferentemente da indústria cultural o conteúdo na internet não tem nenhuma dependência com a publicidade, uma vez que esta não é escolhida pelo conteúdo da mensagem, mas sim através de um algoritmo que direciona as propagandas de acordo com quem está acessando o conteúdo. Dessa forma, o conteúdo da internet costuma a ser muito mais próximo ao seu público que interage de maneira ativa e participativa, sendo o primeiro crítico e o primeiro divulgador daquilo que gosta. Outra característica revolucionária é que pela primeira vez o público tem um sistema que permite dar o *feedback* de forma pessoal e instantânea para tudo aquilo que ele consome culturalmente, algo que a indústria cultural nunca fez questão de desenvolver.

A partir daí começa a nos vir a pergunta: *Será que com tantas diferenças aparentemente positivas a internet realmente está colaborando com o real esclarecimento humano, ou estará apenas trazendo uma nova forma de potencializar a alienação das massas?* Em busca desta questão fomos até o pensador brasileiro Teixeira Coelho que analisa três escopos que devem ser observados para podermos entender como a indústria cultural e a internet poderiam impulsionar a alienação ou o esclarecimento.

No primeiro escopo precisamos observar o *conteúdo específico* de cada mensagem como determinante. Vimos que na era dos *gatekeepers* podíamos ainda responsabilizar a indústria por priorizar conteúdos alienantes frente aos esclarecedores, porém a Web 2.0 salienta a verdade inconveniente de que o público sempre detém o controle em mãos, o que precisamos é formarmos uma cultura na qual o indivíduo aprenda e descida por si mesmo que tipo de programação cultural irá assistir. Para isso precisamos de educação de qualidade que permita superarmos nossa situação reificada de sermos apenas estatísticas de consumo, algo que está muito além das possibilidades qualquer meio de comunicação isolado.

No segundo escopo precisamos observar as características *do meio como determinante*. Vimos que se olhássemos para ideologia do sistema de origem tanto a internet quanto a indústria cultural jamais poderiam ser usadas para fins esclarecedores, o que nos faz pensarmos se todos estes protestos iniciados na década 2010 com origem nas Web 2.0 realmente revolucionarão nossa sociedade, ou se irão apenas retificar nossa forma alienada de vida. Mas se olharmos para a mensagem específica que a TV (como representante da indústria cultural) nos passa, encontraremos um meio *Massificador e*

Globalizador da cultura, a internet nos passa uma ideia de aparente pluralidade de cultura e valorização do indivíduo, porém uma análise mais atenta derruba esta presunção.

A rede formada pela internet definitivamente ainda não é a aldeia global imaginada pelo pensador canadense Marshall McLuhan, pois ao se deparar com uma grande diversidade de culturas e opiniões diferentes e contraditórias no ambiente virtual o sujeito alienado, reificado e esvaziado se sente indefeso. Frágil ele acaba por buscar refúgio em redes que compartilham ideias semelhantes as suas. De um modo geral um novo membro acaba tendo suas ideias e atitudes moldadas conforme as figuras centrais daquela *web* específica. Desta forma, ao invés de uma grande comunidade plural temos uma terra virtual formada de diversos *feudos virtuais* que digladiam ente si suas ideias e posições ideológicas, até quem tenta ficar de fora destas “guerras” uma hora ou outra acaba atingido, devido a isso no final das contas a Web 2.0 pode estar servindo apenas para replicar e potencializar os extremismos e as intolerâncias que existem fora dela.

No terceiro escopo diz respeito à análise da *semiótica*, ou seja, a análise dos signos transmitidos. Vimos que tanto na internet quanto na indústria cultural são transmitidos predominantemente *Signos Indiciais* que produzem no público uma *Consciência indicial* que é efêmera e superficial acerca das coisas, dos homens e da vida. É um tipo de consciência que não revela nada, apenas constata, e ainda assim trata-se de uma constatação superficial. É uma consciência que impulsiona ainda mais o processo de alienação e reificação e nos priva de algumas de nossas mais belas capacidades humanas como sentir, intuir e argumentar. Com isso vamos aos poucos nos tornando menos autônomos e mais automáticos. Desta forma o sujeito que tenta formar sua identidade por meio da consciência oriunda da indústria cultural ou internet ficaria apenas com uma consciência indicial sobre o que são as coisas: sobre o que é certo e errado, bom e mau, direita e esquerda política, etc., tem apenas indícios sobre o que seja o mundo e sua forma de funcionamento.

Assim sendo, a internet parece menos promissora frente ao real esclarecimento humano do que poderíamos esperar num primeiro momento, mesmo assim parece nos libertar de alguns cárceres da velha indústria cultural e sua expansão globalizada. Por mais raivosos ou fervorosos que feudos virtuais possam ser, provavelmente nunca terão tanto poder quanto os grandes conglomerados da indústria cultural que aparentemente realmente estavam nos levando a uma estandardização total das ideias. Julgo que necessitamos um pouco mais de tempo para observarmos a evolução tecnológica e social oriunda da Web 2.0 para conseguir um quadro melhor sobre o que está acontecendo, e

sobre o que virá a ocorrer, porém acredito que dadas às limitações desta pesquisa atingimos o objetivo inicial deste trabalho que era entender como ocorre e desdobram-se os fenômenos da alienação e da reificação na indústria cultural e na internet.

Será que há alguma alternativa para que possamos definitivamente superar a questão da alienação e reificação nos meios de comunicação de massa? Como exatamente a Deep Web e outras redes obscuras podem influir neste processo? Como a Web 2.0 tem influenciado a forma de produzir e distribuir conhecimento científico e filosófico? Quais os limites para a *Comunicação em rede*? Qual a mensagem que a superação do *gatekeeping* nas Wiks passa para o mundo acadêmico? Que outras relações podemos fazer entre semicultura e semiótica? O que virá depois da internet? O que uma rede inteligente como a Web 3.0 pode fazer com nossa forma de pensar? Como o século XXI será lembrado na história? Etc. Eis algumas perguntas que ficam pendentes para pesquisas futuras.

Julgo que já passamos por dois momentos distintos em relação às forças exteriores que nos tutelam e potencializam nossa alienação e atualmente estamos adentrando rapidamente para um terceiro estágio: O primeiro momento seria a era pré-capitalista monopolista, ou *Momento Religioso* clássico, onde íamos até o templo para ser tutelados e doutrinados (período da análise de Kant); O segundo momento seria o *Momento Industrial*, em que devido as novas necessidades de produção, trabalho e consumo o templo passou a ir até nossas casas através da indústria cultural (período da análise de Adorno); E o terceiro momento seria o *Momento Digital*, no qual passamos a levar o templo em nossos bolsos em uma conexão constante com os demais membros de uma rede complexa que tem arrebatado a todos (período da atual análise).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 1947. Disponível em: <<http://goo.gl/YDDT7S>> Acesso em: 23 de Fevereiro de 2014.

ADORNO, Theodor W. **Música Popular e Protesto**[Entrevista]. Disponível em: <<http://goo.gl/CdEiPU>> Acesso em: 19 de Fevereiro de 2014.

_____. **Sobre música popular**. In: COHN, Gabriel. Org. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1986. 115-146p. Disponível em: <<http://goo.gl/uQ3LiN>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

_____. **O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição**. In: Textos escolhidos. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. 65-108p. Disponível em: <<http://goo.gl/rUcpGA>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Trad. e apres. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, 96p.

ALI, Tariq. **O espírito da época**. In: Occupy [David Harvey ... et al.]; [tradução João Alexandre Peschanski ... et al.]. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p.65-72.

ALVES, Giovanni. **Ocupar Wall Street... e depois?** In: Occupy [David Harvey ... et al.]; [tradução João Alexandre Peschanski ... et al.]. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 31-38.

ARAÚJO, Saulo. **Suspeito de planejar massacre contra estudantes tinha ligações neonazistas**. Disponível em: <<http://goo.gl/z2mMpK>> _Acesso em: 19 de Fevereiro de 2014.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: EDIPRO, 2011. 96 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Fronteiras do Pensamento** [Entrevista]. Disponível em: <<http://goo.gl/esJWY8>> Acesso em: 19 de Fevereiro de 2014.

BAVARESCO, Agemir. **Protestos, espírito do tempo e espírito do povo: mediação - Opinião Filosófica #4**. Disponível em <<http://goo.gl/uRvTEp>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

BECK, Ulrich. **¿Qué es la globalización? : falacias del globalismo, respuestas a la globalización**. Barcelona: Paidós, 1998, 221 p. (Paidós Estado y Sociedad; 58)

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. Primeira Versão, 1955. Disponível em: <<http://goo.gl/TRTTq0>> Acesso em: Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

_____. **O Narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow**. In: Benjamin, Horkeimer, Adorno e Habermas - Textos escolhidos. São Paulo: Abril, 1975. Coleção *Os pensadores*. P.63-81. Disponível em: <<http://goo.gl/VG4iKA>> Acesso em:

24 de Fevereiro de 2014.

BERGMAN, Michael K. **White Paper**: The Deep Web: Surfacing Hidden Value. Disponível em: <<http://goo.gl/MBcsVD>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

CARNEIRO, Henrique Soares. **Rebeliões e ocupações de 2011**. In: Occupy [David Harvey ... et al.] ; [tradução João Alexandre Peschanski ... et al.]. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 7-14.

COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. Brasília: Editora Brasiliense, 1993. 46p. Disponível em <<http://goo.gl/oeGzmr>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

DAVIS, Mike. **Chega de chiclete**. In: Occupy [David Harvey ... et al.]; [tradução João Alexandre Peschanski ... et al.]. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 39-45.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 540 p.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2003. 218p. Disponível em: <<http://goo.gl/cNpNy0>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

FUKUYAMA, Francis. **The end of history**. in: *The national interest*, 1989. Disponível em: <<http://goo.gl/TjqnmK>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna**: Decifrando o sabá. São Paulo: Companhia das letras, 2007. 371p. Disponível em: <<http://goo.gl/E62vCd>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2002. 731p.

GOULART, Fabio. **Crítica a Escola**: Estudo e Vivência das Comunidades de Investigação de Matthew Lipman. Porto Alegre: Editora Fi, 2013. 111p. Disponível em: <<http://goo.gl/lpk7QI>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

_____. **Sob a Brisa Fantasmagórica de uma Nova Auschwitz**. Disponível em: <<http://goo.gl/K7KAx0>> Acesso em: 03 de Junho de 2013.

_____. **Sincronia Cosmopolita Febril Revista**. In: Revista Opinião Filosófica, Porto Alegre, v. 03; nº. 01, 2012, p.202-213. Disponível em: <<http://goo.gl/ZgDBuz>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

HARTOG, Simon. **Beyond Citizen Kane** (Muito Além do Cidadão Kane). In: You Tube (1h 33min e 02seg), 1993. Disponível em: <<http://goo.gl/YIxfJD>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

HARVEY, David. **Os rebeldes da rua**: o Partido de Wall Street encontra sua nêmesis. In: Occupy [David Harvey ... et al.]; [tradução João Alexandre Peschanski ... et al.]. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 57-65.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2012, 600p.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: “Que é o Iluminismo?”** Königsberg Dez., 1783. 8.p Disponível em: <<http://goo.gl/OZge6m>> Acesso em: 31 de Outubro de 2012.

_____. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Martin Claret, 2010. 540 p.

LEONARD, Annie. **A História das Coisas**. Barcarena: Editorial Presença, 2011. 472p.

_____. **The Story of Stuff** (A História das Coisas). 2007. In: You Tube. Disponível em: <<http://goo.gl/Mfbgdt>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

LEBOW, Victor. **Price Competition in 1955**. In: Journal of Retailing, Spring 1955. Disponível em <<http://goo.gl/QaS9am>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

LUKÁCS, George. **História e Consciência de Classe: Estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo : ed. Martins Fontes, 2003. 598p. Disponível em: <<http://goo.gl/MpWv62>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

MARCUSE, Herbert. **Idéias Para Uma Teoria Crítica da Sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. 165p.

_____. **On Concrete Philosophy**. In Heideggerian Marxism. Eds. John Abromeit and Richard Wolin. Lincoln: University of Nebraska Press, 2005, 34-52p.

_____. Sobre o caráter afirmativo da cultura. In: **Cultura e Sociedade**. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 2006, 202p.

MARKOFF, John. **Empreendedores vêm uma Internet 3.0 guiada pelo senso comum**. 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/WLA9uN>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: ed. Boitempo, 2004. 176p. Disponível em: <<http://goo.gl/F0kM89>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

_____. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013. 856p.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 2011. 408p. Disponível em: <<http://goo.gl/j3k9T3>> Acesso em: Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

MORAES, Alexandre Santos. **Três narrativas e uma história de intolerância**. In: You Tube (8min e 31seg), publicado 30 de Março de 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/B4cZSo>> Acesso em: 18 de Dezembro de 2013.

MOREIRA, Alberto da Silva. **Adorno: educação e religião**. Goiânia: UCG, 2008. 120p.

O'REILLY, Tim. **O que é Web 2.0: Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software**. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/a4Yjto>> Acesso em: Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

PESCHAMSKI, João Alexandre. **Os “ocupas” e a desigualdade econômica**. In: Occupy [David Harvey ... et al.]; [tradução João Alexandre Peschanski ... et al.]. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 27-30.

PRESO Silvio Koerich, o psicópata cibernético. Disponível em: <<http://goo.gl/9VCNJ6>> Acesso em: 19 de Fevereiro de 2014.

SADER, Emir. **Crise capitalista e novo cenário no Oriente Médio**. In: Occupy [David Harvey ... et al.]; [tradução João Alexandre Peschanski ... et al.]. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 83-86.

SHANNON, Claude. **A Mathematical Theory of Communication**. In: Bell System Technical Journal 27, Vol. XXVII, No.3, July 1948. p.379–423. <<http://goo.gl/M5IGwC>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

_____. **A Mathematical Theory of Communication**. PART III. In: Bell System Technical Journal, October 1948. p.623–656. Disponível em: <<http://goo.gl/ERddop>> Disponível em: 18 de Fevereiro de 2014.

SHELDON, Rev. Louis P. **A Estratégia (The Agenda) - O Plano dos Homossexuais Para Transformar a Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2012, 288p.

SILVA, Maria Beatriz Oliveira da. **Obsolescência programada e teoria do decrescimento versus direito ao desenvolvimento e ao consumo** (sustentáveis). Veredas do Direito, Belo Horizonte, v.9, n.17, p.181-196 Janeiro/Junho de 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/Q3cBiI>> Acesso em: 24 de Fevereiro de 2014.

SOUZA, Ricardo Timm de. **A questão do humano em karl marx**. Disponível em: <<http://goo.gl/C4xERF>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

TALES, Edson. **Democracia, segurança pública e coragem para agir na política**. In: Occupy [David Harvey ... et al.]; [tradução João Alexandre Peschanski ... et al.]. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 77-82.

WALLERSTEIN, Immanuel. **A esquerda mundial após 2011**. In: Occupy [David Harvey ... et al.]; [tradução João Alexandre Peschanski ... et al.]. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 73-76.

WEAVER, Warren. **A teoria matemática da comunicação**. São Paulo: DIFEL, 1975. 136 p.

WHITE, David Manning. **“The ‘Gatekeeper’”: A Case Study in the Selection of News**. Journalism Quarterly, vol. 27, n. 4, 2012, p.382-394.

ZIZEK, Slavoj. **O violento silêncio de um novo começo**. In: Occupy [David Harvey ... et al.]; [tradução João Alexandre Peschanski ... et al.]. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 15-26.